

DANIELLA SANTIAGO ANDRADE

**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA**

BRASÍLIA

2018

DANIELLA SANTIAGO ANDRADE

**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA**

MONOGRAFIA APRESENTADA COMO
UMA DAS ATIVIDADES CURRICULARES
DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA –
UNICEUB.

PROFESSORA - ORIENTADORA:
ILSIMARA MORAES DA SILVA

BRASÍLIA

2018

DANIELLA SANTIAGO ANDRADE

**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA**

MONOGRAFIA APRESENTADA COMO
UMA DAS ATIVIDADES CURRICULARES
DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA –
UNICEUB.
PROFESSORA - ORIENTADORA:
ILSIMARA MORAES DA SILVA

BRASÍLIA, 05 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Professora: Ilsimara Moraes da Silva
Orientadora

Professora: Miriam May Philippi
Examinador

Professora: Mara A. Lissarassa Weber
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me possibilitado chegar até aqui com saúde.

Aos meus pais que são meus exemplos de estudo e dedicação.

A minha irmã que me admira, me ensina e me ajudou a construir esse sonho.

A minha fiel melhor amiga, parceira, que me acompanha desde o ensino médio e já enxergava uma psicóloga em mim.

A minha orientadora que, em meio às suas dificuldades, não deixou de contribuir cordialmente para a construção desse trabalho.

Aos meus professores que me ensinaram a profissão dos meus sonhos.

Aos meus colegas de faculdade que me acompanharam em cada desafio.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e confiança.

Ao meu chefe que me oportunizou tantos conhecimentos e confiou no meu trabalho.

A minha terapeuta querida, meu exemplo e referência.

A minha revisora de texto, que com sua tranquilidade soube me ajudar a finalizar meu trabalho.

A todos que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

Deixo o meu sincero agradecimento.

Hoje consigo enxergar que esse é o melhor momento para a conclusão desse ciclo, onde me sinto preparada para enfim viver e exercer a minha tão sonhada profissão de ser psicóloga.

Depois de anos dedicados à minha vida acadêmica e vivido de perto o *bullying*, hoje escrevo sobre ele e posso contribuir para aqueles que ainda o vivenciam, buscando novas maneiras para compreendê-lo, com a maturidade, conhecimento e habilidade de buscar entender o que está se passando com o outro, o que considero de fundamental importância para então ser a psicóloga que me tornei hoje.

Bullying

“...A gente tem que entender para conseguir enfrentar. Quanto mais a gente falar sobre isso, mais forte o inverso disso será...”

(Patrícia - Participante 3)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir a visão dos professores sobre o *bullying* entre adolescentes, no contexto escolar. Para tanto, utilizou-se de estudo qualitativo com análise do relato de três professores, valendo-se dos pressupostos teóricos da Gestalt-terapia. A metodologia de análise baseou-se numa adaptação do método fenomenológico proposto por Giorgi (1985). A partir dos resultados foram criadas 10 unidades de sentido: o *bullying* no entendimento dos professores; a violência em ciclo no *bullying*; o modelo violento nas escolas; a diferença como marca da prática do *bullying*; o papel da família no *bullying*; como lidar com o *bullying*; as atitudes dos alvos de *bullying*; compreendendo os autores de *bullying*; o duplo papel das testemunhas de *bullying* e o *bullying* enquanto fenômeno. Percebeu-se que os professores sabem o que é *bullying*, conseguem identificar a prática dele, bem como os envolvidos e o que fazem dentro da teia que é formada pelo fenômeno, mas sentem dificuldade em saber lidar, em qual momento atuar, como encaminhar o caso e como trabalhar efetivamente para prevenir e combater o *bullying* dentro das escolas. Compreendeu-se que a partir da visão da Gestalt-terapia, é possível perceber o *bullying* enquanto fenômeno relacionado às relações humanas, onde o autor da violência, buscando satisfazer suas necessidades, lança mão de ajustes criativos disfuncionais que aniquilam e desrespeitam o outro.

Palavras-chave: *Bullying*. Gestalt-terapia. Adolescente. Professor. Contexto escolar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DESENVOLVIMENTO.....	8
1 CARACTERIZANDO O BULLYING.....	8
1.1 Os personagens do bullying.....	8
1.2 O autor de bullying.....	10
1.3 O alvo de bullying	11
1.4 Testemunhas de bullying.....	11
2 O BULLYING NA ADOLESCÊNCIA.....	12
3 A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE	13
3.1 O professor e o bullying	15
4 EXAMINANDO O BULLYING NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.....	17
5 MÉTODO.....	18
5.1 Participantes	19
5.2 Procedimentos	20
5.3 Instrumentos	21
6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	23
6.1 Grupos temáticos	23
6.1.1. O bullying no entendimento dos professores	23
6.1.2 A violência em ciclo no bullying.....	26
6.1.3 O modelo violento nas escolas	28
6.1.4 A diferença como marca da prática do bullying.....	30
6.1.5 O papel da família no bullying	31
6.1.6 Como lidar com o bullying.....	32
6.1.7 As atitudes dos alvos de bullying	33
6.1.8 Compreendendo os autores de bullying	35
6.1.9 O duplo papel das testemunhas de bullying	36
6.1.10 O bullying enquanto fenômeno	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A	46

APÊNDICE B.....	50
ANEXO I	51
ANEXO II.....	62
ANEXO III	69
ANEXO IV	79

INTRODUÇÃO

É mais que evidente que a violência tem sido vivida na nossa rotina de forma mais intensa com o passar dos anos. Ela pode ser percebida no nosso cotidiano já que tem nos rodeado em diversas situações, de tal forma que tem ficado difícil se desvincular hoje de situação geradoras de violência. “Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para recuperar sua aparência de ato rotineiro natural e como que inscrito na ordem das coisas” (ODÁLIA, 2017, p. 18).

Sabe-se que a violência está fortemente ligada a questões culturais e pode variar de contexto para contexto. Segundo Fante (2005), a violência é um termo polissêmico e complexo, o que significa que além de possuir vários significados, o seu sentido é gerado a partir do seu contexto formador – social, econômico e cultural. Para a autora, a violência consiste em “todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (FANTE, 2005, p. 157).

A violência, portanto, está presente em diferentes contextos e tem atingido pessoas em diversos momentos, inclusive no ambiente educacional. Por às vezes não ser levada a sério ou estar banalizada, a violência, no contexto escolar, pode ser interpretada como brincadeira de criança. Essa violência, que pode também estar em outros contextos para além do escolar, recebe o nome de *bullying*.

O termo *bullying* é de origem inglesa e em vários países define a intenção consciente de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Configura-se como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas sem motivação evidente contra outra pessoa, causando-lhe dor, angústia e sofrimento. Essas atitudes podem incluir apelidos maldosos, gozações, insultos, hostilizações, manifestações que levam a exclusão, danos físicos, morais e materiais, dentre outras (FANTE, 2005).

A crueldade, marca evidente do *bullying*, afeta negativamente as vítimas desse tipo de violência que acabam por sofrerem de ansiedade, sendo prejudicadas nos seus processos de aprendizagem e convívio social, por estarem expostas as emoções de medo, angústia e raiva reprimida. Esse fato pode influenciar diretamente na formação de uma geração de pessoas psicologicamente desestruturadas (FANTE, 2005; GUARESCHI, 2008, apud CEZAR; BARROS NETA, 2011).

A prática do *bullying* vem se tornando cada vez mais polêmica e preocupante devido ao seu crescimento e reconhecimento, principalmente dentro do ambiente escolar. Por se tratar de um termo consideravelmente atual que retrata um quadro antigo, não se tem data

exata do seu surgimento. De acordo com Cremer (2015), os primeiros estudos sobre o assunto somente foram ocorrer no Brasil na década de 1990.

De acordo com o autor, por ser na escola a maior incidência da prática de *bullying*, como mostram as pesquisas, é importante destacar o papel dos agentes escolares diante desse tema, principalmente o do professor, ator principal que está em constante atuação com o aluno. Portanto, é de fundamental importância a relação dos professores com os alunos, para o processo de ensino-aprendizagem e para a formação social e emocional dos jovens.

Vale ressaltar que o *bullying* vem sendo relatado como um fenômeno crescente especialmente entre adolescentes e jovens no contexto escolar, e que geralmente acarretam consequências negativas a todos os envolvidos podendo culminar em assassinatos, suicídios e/ou danos psicológicos importantes.

Considerando os aspectos aqui citados e com o intuito de contribuir para o enriquecimento das discussões acerca do *bullying*, essa pesquisa tem como objetivo geral discutir a visão dos professores sobre o *bullying* entre adolescentes, no contexto escolar. Como objetivos específicos pretende-se analisar, via relato verbal, como os professores compreendem o *bullying*; identificar como os professores referem lidar com o *bullying* em sua prática; examinar o fenômeno do *bullying* à luz dos pressupostos teóricos da Gestalt-terapia.

Para tanto, realizou-se estudo qualitativo, utilizando-se de entrevista com três professores voluntários regentes em uma escola no DF. A pesquisa inicia-se com uma apresentação do trabalho com uma revisão de literatura sobre o tema, organizada em quatro capítulos, seguida pela apresentação do método utilizado e análise e discussão de dados.

DESENVOLVIMENTO

1 CARACTERIZANDO O *BULLYING*

O *bullying* se caracteriza por um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas sem motivação evidente contra uma pessoa, causando-lhe dor, angústia e sofrimento (FANTE, 2005). Contudo, na visão de outros autores, encontram-se pequenas diferenças. Como por exemplo, Olweus (1993, apud OLIBONI, 2013) coloca que o *bullying* ocorre entre pares e pelo desnível de poder psicológico, enquanto que para Guimarães e Rimoli (2006, apud OLIBONI, 2013) a ocorrência do *bullying* se dá no ambiente de trabalho.

Isso nos leva a perceber que há também diferentes tipos de *bullying*, dentre eles dois principais: direto e indireto. De acordo com Guareschi e Silva (2008), o direto ocorre quando as vítimas são atingidas de imediato por apelidos, agressões físicas, ameaças ou gestos que geram mal-estar. Esse tipo ocorre mais entre meninos. Já o indireto é praticado quando a vítima está ausente, sendo esta atingida por exclusão, difamação, discriminação, fofoca, dentre outros. A ocorrência desse tipo é mais comum entre meninas (GUARESCHI; SILVA, 2008 apud ALMEIDA; RIBEIRO, 2011). De acordo com os estudos de Fante (2005), o *bullying* também pode se classificar quanto a forma de sua prática, podendo ser verbal ou físico, sendo o primeiro caracterizado por atitudes e o segundo por violência física.

Há também outro tipo de *bullying* que provém das novas tecnologias, o *cyberbullying*, que é definido como “uma prática de violência que utiliza a internet e outras tecnologias de comunicação para humilhar, desprezar, ridicularizar, intimidar, excluir, ameaçar outras pessoas” (ALMEIDA; RIBEIRO, 2011, p. 7). Segundo o autor, é importante salientar que apesar das diferentes classificações e formas de *bullying*, qualquer tipo de violência ocasiona prejuízos aos indivíduos, comprometendo sua vida social, até mesmo de forma irreversível.

1.1 Os personagens do *bullying*

Um dos principais fatores para compreensão do fenômeno é saber quais os atores que estão envolvidos no *bullying*, quem são, o que fazem, por que fazem, como é o lugar de cada um. Pois bem, a prática do *bullying* é caracterizada pela presença de três principais atores: o agressor, a vítima e a testemunha.

Sobre os diferentes personagens envolvidos no *bullying*, Cremer (2015), entende que se trata de um encaixe entre os participantes, onde todos compartilham a responsabilidade.

Contudo, não é proveitoso encontrar culpados ou usar de punição para tentar resolver o problema. Nessa lógica, o autor utiliza as expressões “autor” e “alvo” para tratar do “agressor” e “vítima” do *bullying*, respectivamente. Vale ressaltar que nessa pesquisa o agressor e vítima serão também abordados como autor e alvo, respectivamente.

Lopes Neto (2005) caracteriza como alvos aqueles alunos que são expostos durante certo tempo às situações em que alguém, de forma intencional e repetida, lhe provoque dano ou incômodo. Geralmente são pouco sociáveis, têm baixa autoestima e pouca habilidade para reagirem ou cessarem o *bullying*. O autor caracteriza os autores de *bullying* como tipicamente populares, impulsivos, geralmente mais fortes que seus alvos e enxergam sua agressividade como qualidade, fator este que pode estar relacionado às vivências em seu lar, como desestrutura familiar, práticas de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais.

Ainda segundo o autor, os personagens denominados testemunhas são aqueles que não se envolvem diretamente nos atos de *bullying*, porém têm papel fundamental na prática deste, pois se calam diante das ações por medo de serem os próximos alvos e com isso reafirmam o poder dos autores, se tornando incentivadores do *bullying*.

Uma vez identificados os envolvidos nas ocorrências de *bullying* e após entendido os seus papéis, salienta-se que esses papéis não são permanentes. Segundo a psicopedagoga Maria Irene Maluf (2011), especialista em educação e neuroaprendizagem, para que haja a prática do *bullying* é necessário o tripé formado pelo agressor, vítima e espectador, porém a atuação de cada um pode variar, não sendo, portanto fixa.

Além dos personagens já citados até aqui, existe ainda um grupo conhecido como alvo-autor ou vítima-autor. São assim conhecidos, porque ora são alvos de agressões de colegas com maior poder, ora são autores de agressões com colegas de menor poder (LOPES-NETO, 2011, apud COMODO, 2016). Importante destacar que o alvo-autor reage ao *bullying* geralmente de forma agressiva também, o que o difere das vítimas clássicas (OLWEUS, 1993, apud COMODO, 2016).

Importante destacar que para compreender o *bullying* não se pode somente considerar o autor como único responsável pelo fenômeno. Ao contrário, é necessário analisar os demais personagens envolvidos (CREMER, 2015). Portanto, para o entendimento do fenômeno é preciso compreender as ações do autor para além das medidas corretivas e puramente punitivas. É necessário que se perceba que há uma relação entre autor, alvo e testemunhas de acordo com os seus papéis desenvolvidos.

1.2 O autor de *bullying*

Apesar de não ser o único responsável para a ocorrência do *bullying*, o autor acabou se tornando o protagonista do fenômeno. E talvez seja importante refletir que a violência e agressividade estão como protagonistas também na nossa sociedade atual, sendo este um resultado da história da nossa civilização que vem de uma dolorosa violência entre homens, sendo estes por sua vez, tentados a satisfazer sua agressividade. Visto que essa agressividade não seria adequada para a convivência humana, foi necessário estabelecer condutas éticas e morais que são postas para a sociedade pela educação. Porém a mesma sociedade que preza por condutas adequadas é a mesma que pune agressivamente quem a desrespeita (MARTINS; ALMARIO, 2012).

Conforme os autores, em meio a este tema a civilização contemporânea segue marcada por relações humanas difíceis e pautadas pela competição e desconfiança. E é nesse meio que está o autor de *bullying*, mergulhado em uma sociedade que preza nas relações humanas o poder e a dominação, onde o mais forte sempre vence, inclusive no ambiente escolar, onde esse adolescente passa quase a maior parte do seu dia.

E para além do ambiente escolar, é preciso que se pense também no ambiente familiar, onde é oferecida a primeira educação, valores, normas e modelos à criança. Muito do que se aprende nesse ambiente é refletido nos comportamentos escolares, onde crianças tem por modelo a violência como forma de comunicação e aprendem a se relacionar com o mundo dessa maneira. Também, por serem alvos de crueldade em seu próprio lar, os autores de *bullying* acabam por levar tal crueldade para as relações que tem na escola, buscando sua satisfação em comportamentos que visam o sofrimento e humilhação do outro (MARTINS; ALMARIO, 2012)

Tratar as agressões dessa forma não justifica, nem muito menos abona as atitudes dos praticantes do *bullying*, até porque qualquer forma desrespeitosa de agir com o próximo é indiscutivelmente inaceitável. Mas o fato de um adolescente se tornar autor de *bullying* não está ligado somente ao fato de ele ser marginal ou possuir uma personalidade patológica, sendo rotulado e discriminado socialmente, e sim a um fato de corresponsabilidade social, familiar e política na construção de uma sociedade que age de forma a respeitar os limites impostos (MARTINS; ALMARIO, 2012).

Culpar somente o autor é uma atitude que não permite chegar a completa dimensão do problema, porém os danos causados aos alvos, que são inúmeros, provocam revolta social e acabam por despertar na sociedade necessidade de vingança. Contudo, os autores também

sofrem consequências, apesar de não serem tão evidenciados, como condenação de crimes, trabalhos de baixo status, abuso de drogas e demais consequências negativas a longo prazo (COMODO, 2016).

1.3 O alvo de *bullying*

Os alvos de *bullying* são aqueles que sofrem as agressões e são ridicularizados. São, portanto, conhecidos como a parte mais frágil e atingível do fenômeno. Embora não haja estudos precisos que comprovem a relação entre métodos educativos familiares e o desenvolvimento de alvos de *bullying*, algumas medidas acabam se tornando facilitadoras para a formação daqueles que acabam se tornando alvos das agressões, sendo elas: proteção excessiva, tratamento infantilizado e o papel de “bode expiatório” da família. Essas três medidas acabam gerando dificuldades no enfrentamento de desafios e defesa, desenvolvimento psíquico e emocional distante daquele aceito pelos grupos, e por último o papel de bode expiatório acaba por levar o sujeito a sofrer críticas e ser responsabilizado pelas frustrações dos pais (LOPES NETO, 2005). Martins e Almario (2012) complementam que para além do excesso de afeto familiar, a formação de alvos de *bullying* podem também estar ligada a uma falta de capacidade de afeto por parte dos pais.

Os alvos quando agredido, geralmente reagem chorando ou se isolam (OLWEUS, 1993, apud COMODO, 2016). As consequências das agressões podem ser diversas, incluindo baixa autoestima, transtorno de conduta, absenteísmo escolar, transtornos psicológicos como depressão e ansiedade, menor satisfação com sua imagem corporal, envolvimento em brigas físicas e quando chegam a um grau extremo, suicídio (COMODO, 2016).

1.4 Testemunhas de *bullying*

Não se envolver diretamente com o *bullying* não significa que você não está participando das ações ali ocorridas. Este é o caso das testemunhas que acabam por ficar caladas por medo de se envolver e serem também atacadas ou por não saberem como agir ou por ainda não confiarem na proteção escolar. Esse silêncio pode ser entendido pelos alvos como afirmação do seu poder, colaborando dessa forma para a prevalência do *bullying*. (LOPES NETO, 2005)

A atuação das testemunhas pode ser classificada como auxiliares, quando participam da agressão; incentivadoras, quando estimulam o autor; observadores, quando somente olham

e se afastam; ou defensores, quando pedem ajuda para adultos. Algumas testemunhas acabam por se comportar também com violência com o objetivo de alcançar popularidade e poder no grupo. Elas também sofrem consequências como descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social. (LOPES NETO, 2005).

As testemunhas ou expectadores de *bullying* são fonte motivadora para as ações do fenômeno continuarem a ocorrer. Visto que o *bullying* demonstra uma relação desproporcional de poder, é necessário que haja uma “plateia” para presenciar as ocorrências e assim validar o domínio exercido na prática dos atos violentos. Sem que haja os expectadores, o *bullying* perde seu sentido, já que na maioria das vezes o intuito é ridicularizar em público o alvo. Sendo assim, é preciso olhar com cuidado para as testemunhas que na maioria das vezes não são envolvidas no tratar do conflito, mas são parte integrante dele. Segundo Lopes Neto (2005), as testemunhas podem cessar o *bullying* e diante disso são indivíduos importantes que precisam ser ressaltados, fazendo com o que o autor perca o apoio social no grupo.

2 O BULLYING NA ADOLESCÊNCIA

O *bullying* hoje é um assunto muito discutido e divulgado. Está nas páginas dos jornais, programas de TV e nos consultórios médicos. A prática do *bullying* pode ocorrer em diferentes contextos e atingir as mais diversas idades. Um desses contextos mais frequentemente envolvidos é a escola e o público predominantemente atingido são os adolescentes. Para compreender esse fenômeno é preciso adentrar em vários temas, considerando que o *bullying* é um fenômeno, multifacetado e complexo.

O desenvolvimento do ser humano é composto por diversas fases que são vividas ao longo da vida. Entre elas está a adolescência, fase marcada por diversas mudanças físicas e psicológicas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência é compreendida entre os doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). Porém, há outras percepções quanto a duração da adolescência. Para Mirabella (2013), a adolescência se inicia na infância, vai até a fase adulta, mas não tem data definida para terminar. Algumas pessoas até revivem essa fase durante a sua vida, principalmente quando estão próximas a um adolescente.

O *Adolescere* não é uma tarefa fácil, pois para que haja o alcance da maturidade é preciso se desenvolver e passar por transformações sociais, biológicas e psicológicas. Para Bertol e Souza (2010), a origem da palavra adolescência vem do latim *adolescere* e significa

crescer em direção a maturidade. Para além das transformações corporais marcadas pela puberdade, o adolescente precisa lidar com a construção da sua identidade por meio das relações com o mundo exterior, exigindo dessa forma conviver e estar bem consigo mesmo.

As relações dos adolescentes se dão principalmente no seu lar e a partir das vivências na escola, onde são desenvolvidos grande parte dos seus contatos sociais. Por isso a escola é um importante contexto na vida do adolescente. Ao mesmo tempo, ressalta-se que o modelo de escola que temos hoje pode não contribuir para uma formação integral do aluno. Isso porque, segundo Cremer (2015), a escola contemporânea não está apta para desenvolver emocionalmente o aluno e sua promoção cidadã, apenas foca nas passagens dos anos escolares e preparação para o vestibular. O ambiente escolar não tem acompanhado o perfil do aluno atual.

Segundo o autor, a forma como o aluno de hoje aprende está muito distante do tempo que o professor aprendia por meio de livros e outros métodos mais lentos de acesso às informações. O aluno atual é exposto a inúmeros estímulos e precisa processar as informações de maneira rápida e simultânea.

Outro ponto que pode dificultar e desmotivar as relações, o aprendizado e o desenvolvimento de adolescentes no ambiente escolar é a prática da violência nesse contexto. Este assunto vem preocupando pais, professores, educadores e funcionários de instituições de ensino. A violência escolar pode interferir no rendimento escolar e comprometer os processos de socialização e produção de subjetividade (OLIBONI, 2013).

A violência no contexto escolar constitui-se um tema polêmico que tem ocasionado muitas discussões e diferentes interpretações. Por um lado, essa popularização do tema é importante pois mobiliza a busca de respostas e meios de intervenção, porém, acaba criando equívocos quanto a interpretação do assunto pela sociedade, chegando até a desvirtuar a essência do problema (OLIBONI, 2013). Essas divergências podem estar relacionadas à contemporaneidade do tema, já que as primeiras pesquisas sobre o *bullying* ocorreram no Brasil na década de 90 e os primeiros dados estatísticos sobre o tema foram divulgados na década de 80 por Olweus e Roland (SCHULTZ et al., 2012).

3 A ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Este é primeiro artigo da lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional de 1996 – LDB. Lei esta que disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A própria lei diz que a educação vai para além dos processos de ensino e aprendizagem e que a educação escolar é desenvolvida predominantemente nas escolas. Portanto, a escola tem papel fundamental na educação, mas uma educação pautada na dinâmica multidisciplinar e multifacetada por onde a formação e as relações humanas devem perpassar.

Essa lei foi criada para nortear os rumos da educação no nosso país e foi atualizada recentemente pela lei nº 13.663/2018, que incluiu dois incisos no artigo 12 da LBD, acrescentando duas novas responsabilidades aos estabelecimentos de ensino, a saber “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas” e “estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas” (BRASIL, 2018). A partir dos incisos, as escolas têm por obrigação discutir sobre qualquer tipo de violência no âmbito educacional, principalmente aquela que ocorre de forma repetida com o objetivo de causar medo ou embaraço, e para além de discutir, promover a conscientização para prevenção e combate a esse tipo de violência.

Importante ressaltar que os comportamentos violentos não podem ser definidos conforme um padrão universal, mas envolvem uma diversidade de manifestações que podem ser sociais, verbais ou físicas. A perspectiva social da violência escolar implica em examinar a cultura, estrutura econômica, social e política como fatores que levam a produção e reprodução de processos nocivos na sociedade. Há também implicados na violência escolar as relações interpessoais, onde se pratica o exercício de poder, seja ele entre indivíduos ou por meio de uma instituição ou ainda processo social, onde a violência se revela na recusa dos direitos humanos, tolhendo a oportunidade de indivíduos serem o que verdadeiramente são (HOLST; LISBOA, 2014).

O ambiente escolar também é fator de grande influência nos comportamentos dos alunos e de sua comunidade em geral. Para além dos fatores sociais, o clima escolar é de grande relevância ao considerar as atitudes dos indivíduos dentro de um determinado contexto. Segundo Holst e Lisboa (2014), estudos mostram que o clima escolar positivo está diretamente ligado ao baixo envolvimento de alunos em comportamentos de risco e que também perpetradores de *bullying* demonstram problemas de adaptação escolar.

De acordo com um estudo feito com pré-adolescentes e adolescentes de 11, 13 e 15 anos, em 40 países da América do Norte e Europa, concluiu-se que o *bullying* está significativamente associado a percepções negativas sobre a experiência escolar, isso tanto para o alvo da agressão quanto para o autor-alvo, que por sua vez se caracteriza pelo jovem que alterna entre os dois papéis, ora é autor, ora é o alvo da agressão. Portanto, se tornar o autor do *bullying* pode estar associado a uma má assimilação da relação aluno-professor, onde o aluno que se sente agredido pelo professor, procura no alvo o alívio de seu sofrimento e senso de controle da situação, ou a uma percepção negativa das normas e regulamentos da instituição de ensino (HOLST; LISBOA, 2014).

Diante disso, percebe-se que a temática do *bullying* atualmente já alcança diversas outras instâncias e não somente as escolares, como hoje é abordado pela lei de diretrizes e bases da educação nacional (SILVA; ROSA, 2013). Portanto, para se cumprir com a atualização da LDB de maio de 2018, é preciso também trabalhar nos fatores ambientais e institucionais da escola como medida de prevenção e combate à violência e como forma de diminuir comportamentos violentos dos alunos (HOLST; LISBOA, 2014). Para isso, é necessário um trabalho que envolva toda a comunidade acadêmica, não somente com professores e alunos, mas inclusive, família, educadores, psicólogos e equipes de apoio administrativo.

3.1 O professor e o *bullying*

Difícilmente conseguiremos falar de escola sem falar de professor. Apesar de não ser o único ator atuante no ambiente escolar, é considerado um dos mais importantes na atuação com os alunos, pois é ele o que mais convive com os estudantes e lida diariamente com questões particulares de convivência, dentro e fora de sala de aula. De acordo com Berger e Luckman (1995, apud ARAÚJO; GOMES, 2014), é tarefa do professor estimular o aluno a desenvolver conhecimentos e habilidades através de desafios que o levem a criar soluções, e o principal para o objeto de estudo do *bullying*, é a responsabilidade que o professor tem de promover o desenvolvimento de um bom relacionamento entre as pessoas com quem o aluno se relaciona diariamente.

Diante da relação direta que o professor exerce no processo ensino-aprendizagem com os alunos, este tem papel fundamental no combate e repressão ao *bullying*. Porém, a violência escolar tem tomado cada dia mais um corpo robusto dentro das escolas, que vem ocasionando

um clima de medo que acaba por levar professores à polícia para tratar de situações que poderiam ser esclarecidas no próprio ambiente escolar (ARAÚJO; GOMES, 2014).

Diante do quadro de violência vivido nas escolas, por vezes a indisciplina é confundida com atos violentos e vice-versa, por isso é importante diferenciar a indisciplina do *bullying*. Para Carvalho (2003, apud ARAÚJO e GOMES, 2014) a indisciplina inclui todos os atos que ferem as regras de bom funcionamento da escola e das aulas, enquanto o *bullying* se caracteriza pelas agressões físicas, verbais e a intimidação entre colegas.

Em uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPES) e pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), constatou-se na rede estadual de professores de 167 cidades do Maranhão que 75% dos professores presenciaram briga de alunos, 62% foram xingados, 35% foram ameaçados e 24% roubados e furtados (ARAÚJO; GOMES, 2014).

E este é o cenário que professores exercem seu trabalho diariamente de educar. E por estarem imersos neste ambiente é preciso saber como esses profissionais estão atuando com essa realidade e o que sabem sobre ela. Segundo os autores, em um estudo feito sobre a perspectiva do professor diante dos conflitos escolares, especialmente o *bullying*, revelou que os professores possuem dificuldades em lidar com o *bullying* tanto em sala de aula quanto em outros ambientes escolares, pois é comum a ocorrência da prática dos atos violentos distante do olhar do corpo docente ou ainda que ocorra de forma dissimulada. Os resultados ainda apontaram que os professores conhecem e entendem o que significa *bullying*, porém não possuem clareza de formas eficazes para lidar com o conflito, recorrendo a coordenação para resolução do problema. A pesquisa foi realizada por meio de três entrevistas semiabertas com três professores, uma coordenadora, e dois alunos de escola pública da cidade de Imperatriz no sul do Maranhão.

A partir da dificuldade em que os professores apresentam diante das situações de conflitos entre alunos que aparecem no cotidiano escolar, é necessário refletir sobre fatores que auxiliem e proporcionem suporte para que esses profissionais consigam trabalhar formas de mitigar os problemas da violência logo no início de suas aparições, com o objetivo de não deixar que a evolução da indisciplina se torne atos evidentes de violência cruel como tem-se acompanhado atualmente. Uma das formas de apoiar o trabalho do professor é contar com a equipe de profissionais escolares diante do desafio de prevenir e combater o *bullying*, trabalhando, por exemplo, com psicólogos escolares como membros ativos na comunidade escolar buscando a implementação de programas para evitar *bullying* e violência, com foco na prevenção, avaliação e consultoria no desenvolvimento de crianças e adolescentes, em busca

da melhoria do clima escolar e promoção de aprendizados sociais, emocionais e acadêmicos (HOLST; LISBOA, 2014).

O apoio aos professores é necessário e imprescindível para saber lidar no cotidiano da escola com adolescentes, pais e comunidade no enfrentamento e prevenção ao *bullying*, porém também se faz necessário conhecer as manifestações do *bullying*, como ele pode se dar e quem são os envolvidos nos episódios violentos.

4 EXAMINANDO O *BULLYING* NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

Diante do que foi apresentado foi possível perceber que o *bullying* está associado às práticas agressivas contra o outro gerando um clima de violência. Para a Gestalt-terapia há uma diferença entre agressividade e violência. Segundo Cremer (2015, p. 123), a agressividade gestáltica é “a energia e a vontade de viver, de tirar no mundo o que é possível e necessário para construção da nossa vida”. Isso nos permite pensar a agressividade com um outro olhar, uma atitude necessária que nos impulsiona energeticamente para a vida. O autor ainda explica que a ideia não é ferir alguém físico e emocionalmente em troca dos seus objetivos, mas atingir a sua meta, incluindo o outro em uma relação de negociação.

A violência, ao contrário, implica na aniquilação do outro, o uso do outro como um objeto de satisfação para as próprias necessidades (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Diante dos conceitos apresentados, pôde-se compreender que a agressividade, da forma concebida pela Gestalt-terapia, pode ser saudável no que concerne na energia vital para se conseguir extrair do mundo o que é necessário para si, ao mesmo tempo que também pode servir para assimilar o que vem do mundo externo para o mundo interno do ser humano. Porém o que percebemos no *bullying* é uma violência, onde o objetivo é simplesmente atingir o outro de forma a fazê-lo sofrer.

As atitudes do indivíduo, sendo elas, violentas ou não, são formas do organismo se organizar e buscar satisfazer suas necessidades num determinado contexto, fazendo uso de ajustes criativos. Para a Gestalt-terapia, esse processo configura-se como autorregulação organísmica, sendo “uma grande forma de interação e negociação entre aquele ser que busca o fechamento e a resolução de uma situação e desequilíbrio – uma situação inacabada – por meio de uma ação no ambiente do qual o organismo é parte” (LIMA, 2014, p. 88). Segundo Lins (2007, apud LIMA, 2014), essa interação envolve todos os tipos de necessidades e deficiências, incluindo fisiológicas, psicológicas, sociais, dentre outras.

Para Gestalt-terapia, o indivíduo busca satisfazer suas necessidades, que se apresentam numa hierarquia, e pode se deparar com um contexto nutritivo ou adverso a essas necessidades. Na busca por seus objetivos, esse indivíduo realiza constantes ajustes criativos no seu processo de autorregulação (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Segundo Perls (1977, apud LIMA, 2014) diante da busca pela satisfação de suas necessidades, o indivíduo pode esbarrar em processo de frustração que impede a resolução de modo ideal do atendimento daquela necessidade, fazendo com que esse indivíduo busque outras alternativas para se autorregular, valendo-se de ajustes criativos. Ou seja, os ajustes criativos são formas que o indivíduo encontra como alternativa para atender suas necessidades, uma vez que elas não foram plenamente atendidas do modo primeiramente desejado (LIMA, 2014).

A Gestalt-terapia defende a importância do princípio da autorregulação no sentido de que ela significa as ações em busca da harmonia e realização e não a autodestruição, sendo esta entendida como uma deturpação do ciclo autorregulativo. A frustração ou impedimento do indivíduo de satisfazer suas necessidades pode levá-lo a criar ajustes criativos disfuncionais, podendo ocasionar uma forma não harmônica de funcionamento ou até às atitudes destrutivas em relação a si próprio ou ao outro (LIMA, 2014).

Pensando dessa forma, o *bullying*, enquanto ações destrutivas de violência contra outra pessoa, pode ser visto como tentativa de um organismo se autorregular, quando impedido de atender suas necessidades emergentes de forma plena. Ururahy¹ (2015), supõe o *bullying* como um ajuste criativo que acaba por gerar uma disfunção, onde o autor da agressão utiliza a agressividade como forma destrutiva colocando o outro em sofrimento.

5 MÉTODO

Este estudo tem enfoque na pesquisa qualitativa, que se propõe a responder questões particulares, trabalhando com o universo dos significados, crenças, valores e atitudes. O objeto de trabalho da pesquisa qualitativa é dificilmente traduzido em números, pois se propõe a estudar o conjunto de fenômenos que é parte de uma realidade social, onde seres humanos agem, pensam e interpretam suas ações dentro e partir da realidade vivida (MINAYO, 2015).

¹Trabalho adquirido a partir do contato direto com a autora. Resumo disponível em: <<http://www.congressointernacionaldegestaltterapia.com/congressos/index.php/cigt/xivcigt/paper/view/364>>. Acesso em 15 maio 2018.

A fim de investigar o tema proposto, foi utilizada uma adaptação do método fenomenológico de pesquisa conforme o modelo proposto por Giorgi (1985). A pesquisa fenomenológica é uma forma de pesquisa qualitativa que “designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência” (AMATUZZI, 1996, apud ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 263). O método fenomenológico de Giorgi (1985) se propõe a buscar a essência do fenômeno e lida com a descrição de depoimentos, relatos ou entrevistas sobre as experiências vividas diante de determinados fenômenos (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

5.1 Participantes

Essa pesquisa foi realizada por meio de amostra por conveniência e teve como participantes três professores voluntários, pertencentes a rede de contatos da pesquisadora, que se disponibilizaram a colaborar com o estudo. Houve como condição para participação desse estudo, o fato do participante estar ativo na docência em escolas públicas ou privadas, no ensino fundamental II ou ensino médio no DF. A seleção desses professores se deu após conversa da pesquisadora com o possível interessado que concordou em participar do estudo.

A faixa etária dos professores variou de 30 a 50 anos, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Eles ministram disciplinas relacionadas à área de matemática e geografia e variam de 5 a 17 anos na carreira docente. Segue abaixo o quadro 1 com o detalhamento das informações dos participantes que receberam nomes fictícios com o objetivo de preservar suas identidades:

Quadro 1 – Perfil dos participantes

Participante 1	Nome Fictício: Roberto Idade: 54 anos Formação: Economista, licenciatura em matemática e pós-graduado em educação inclusiva Tempo de docência: 11 anos
Participante 2	Nome fictício: Lucas Idade: 30 anos Formação: licenciatura em matemática Tempo de docência: 5 anos
Participante 3	Nome Fictício: Patrícia Idade: 40 anos Formação: Geógrafa Tempo de docência: 17 anos

O Participante 1 é Roberto, professor licenciado em matemática, economista e pós-graduado em educação inclusiva. Está na docência há 11 anos e leciona atualmente para 6 turmas de 7º e 9º ano, totalizando cerca de 240 alunos, de 12 a 16 anos. Dentre essas turmas, informou que dá aula para turma de retenção, onde alunos que reprovam permanecem nessa turma retidos para repetir o ano reprovado, mas em paralelo cursam o ano seguinte. Roberto estudou na escola que atualmente trabalha e diz ter sofrido *bullying* nessa escola na sua época de estudante.

O Participante 2 é Lucas, professor de matemática em turmas de 6º e 7º ano, com alunos de 11 a 13 anos de idade. Dentre os 5 anos de docência, 2 são de experiência na secretaria de educação do DF. Lucas é o mais novo em idade e tempo de docência entre os participantes e percebe o *bullying* de maneira pontual quando atingido o extremo de uma determinada brincadeira.

A Participante 3 é Patrícia, geógrafa e ministra aulas atualmente para 10 turmas de 6ª e 7ª séries, com alunos de 11 a 13 anos, totalizando cerca de 300 alunos. Já lecionou em escola particular do DF e atuou nos anos de 2015 e 2016 como coordenadora e atribui a essa experiência maior facilidade e possibilidades para lidar com o *bullying*.

5.2 Procedimentos

O presente projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Centro Universitário do Distrito Federal – UniCEUB. Após aprovação do projeto, pelo CEP, conforme parecer consubstanciado (ANEXO IV), a pesquisadora entrou em contato com os participantes da pesquisa, que foram informados sobre os objetivos da mesma.

Após a concordância, os participantes foram informados acerca dos objetivos do estudo e todas as informações pertinentes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), o qual foi preenchido e assinado; tendo os participantes ficado com uma via original deste documento. Os participantes foram informados previamente sobre data, horário e local da realização das entrevistas, que após combinados entre ambas as partes ocorreram no mês de setembro de 2018. As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio no aparelho celular iphone 7, pertencente a pesquisadora e mediante concordância do participante, com o objetivo de facilitar o trabalho de transcrição e análise dos dados.

5.3 Instrumentos

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conforme roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE B), que tiveram tempo mínimo de duração de 19 min e o máximo de 34 min.

Segundo Andrade e Holanda (2010), a entrevista permite o pesquisador explorar a experiência vivida e o sentido que o mundo vivido tem para o entrevistado, portanto é um dos recursos mais utilizados com o objetivo de compreender um determinado fenômeno e perceber como sujeitos experienciam de diferentes maneiras situações vividas em comum.

As informações obtidas nas entrevistas foram analisadas conforme adaptação baseada na proposta de Giorgi (1985), que trabalha com a descrição das entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno, seguindo quatro passos essenciais (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O primeiro passo chama-se “sentido do todo”, que consiste na leitura da descrição completa da entrevista a fim de alcançar o sentido geral do todo. Importante a compreensão global da linguagem de quem descreve, sem tentativa de identificar as unidades significativas. O segundo passo é a discriminação de unidades significativas com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno que é pesquisado. Nessa etapa, o pesquisador após ter apreendido o sentido do todo, procede com a releitura dos dados construídos, quantas vezes for necessário, a fim de discriminar as unidades de sentido na perspectiva psicológica. Já o terceiro passo consiste na transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno que está sendo investigado. E por último, o quarto passo busca a síntese das unidades significativas transformadoras em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado. Trata-se de um resumo das unidades significativas que resultam em uma declaração da significação psicológica dos fenômenos observados em relação a experiência do sujeito (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Diante do que é previsto na proposta do método os quatro passos foram utilizados para análise do conteúdo obtido. Foi realizada a transcrição das entrevistas pela pesquisadora. Já em contato com o material obtido por meio do áudio e transcrição, foi possível fazer uma leitura para compreensão do sentido do todo. Procede-se então com várias releituras das entrevistas para se discriminar as unidades de sentido, que foram construídas mediante redução fenomenológica com a conversão da linguagem dos entrevistados para a linguagem psicológica, conforme demonstrado no Quadro 2 diante de um fragmento exemplificativo de um trecho da entrevista de um dos participantes. A descrição das entrevistas pode ser

conferida na íntegra nos Anexos I, II e III, ao final deste trabalho. Nos quadros seguintes deste trabalho serão apresentados os fragmentos dos diálogos das entrevistas, onde os entrevistados serão representados pela inicial do seu nome fictício (**R:** = Roberto; **L:** = Lucas; **P:** = Patrícia). As falas iniciadas por “**D:**” pertencem a pesquisadora.

Após concluída essa etapa com análise do relato de todos os entrevistados construiu-se as unidades de sentido. Com o objetivo de contemplar e reunir de forma clara e mais abrangente possível os elementos que foram revelados nas entrevistas, as unidades de sentido foram reunidas em grupos temáticos, de acordo com a similaridade e discrepância dos conteúdos.

Quadro 2 – Exemplo das etapas utilizadas para construção das unidades de sentido

Trecho da entrevista do participante 2 – Lucas			
Etapa 1	Etapa 2	Etapa 3	Etapa 4
<p>D: Uhum, “tendi”...E como que você enxerga né, como que você lidaria com o autor de <i>bullying</i>? O “que que” você percebe desse esse tipo de aluno? L: Ele também tem algum tipo de fragilidade, né... D: Uhum L: ...E...e ele responde de alguma maneira negativa até pra poder esconder o dele “tamém”, talvez seja uma situação, né, e aí, ele não vai ter noção de respeito nenhum, porque ele tá defendendo o defeito dele, então ele mesmo não se respeita porque ele não consegue identificar que todo mundo tem seus defeitos... D: Uhum L: ...Então ele se esconde na dele tentando zoar o outro, evidenciar a do o outro, eu acho que é mais ou menos por aí D: Seria uma forma de se defender de alguma coisa...? L: Se esconder “tamém”... D: Uhum L: ...Se esconder porque ele tem o defeito dele, ele por ter esse defeito não se respeita... D: Uhum L: ...E aí ele agride o outro, e aí vai só criando uma reação de cadeia D: Entendi...E o “que que” “cê” me diria sobre esses casos que são publicados hoje na mídia né, de pessoas que se suicidam por sofrerem <i>bullying</i>, ou que voltam às escolas de origem “prá” se vingar de, de autores de <i>bullying</i>? L: Isso aí...Talvez...da...Pior que quando chega nesse ponto “tamém”...É lógico que a gente não vai aplaudir nenhum dos casos né... D: Uhum L:...Ah, se a pessoa quis se rebelar contra a atitude da outra pessoa, porque a gente vê isso acontecendo nos outros países, eu não sei aqui, se tem muita notícia espalhando sobre isso, a gente vê assim, o debate acontecendo, eu</p>	<p>Lucas ao discorrer especificamente sobre o autor do <i>bullying</i>, argumentou que este age devido ao seu sentimento de tristeza decorrente de um defeito auto identificado. Enxerga-o como frágil e que reage atacando para se proteger e esconder seus defeitos, perdendo a noção do respeito pelo próximo e por si ao não enxergar que todos nós temos defeitos. Lucas ao se referir aos casos de alunos, alvos de <i>bullying</i>, que voltam em suas escolas procurando vingança, menciona que isso cria uma reação em cadeia.</p>	<p>Lucas enxerga que o autor de <i>bullying</i> é frágil e que para esconder os seus defeitos ataca o outro para se proteger. Diz que o autor não se respeita ao não aceitar o seu defeito, faltando encontrar seu próprio apoio no sentido de olhar para si e se entender. Ao descontar no outro suas próprias frustrações, acaba gerando uma violência em ciclo, onde um quer descontar no outro e o outro por sua vez quer se vingar.</p>	<p>Fragilidade</p> <p>Auto defesa</p> <p>Autossuporte</p> <p>Frustração</p> <p>Violência em ciclo</p>

<p>vejo muito isso, o debate aqui acontece, e sempre algum “documentáriozinho” com entrevistas, a gente “num”...Se bem que tem aquelas brigas que acontecem nas rua “Acabou o véi” que não sei o que (risos), aquelas coisinhas que são brigas que acontecem na rua, que a gente gera piada com aquilo, mas as vezes tem uma situação muito séria ali...(linhas 186 a 206 do anexo II)*.</p>			
--	--	--	--

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

6 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Seguem abaixo os grupos temáticos que correspondem ao agrupamento das unidades de sentido reveladas nas entrevistas.

6.1 Grupos temáticos

6.1.1. O bullying no entendimento dos professores

Esse grupo temático surgiu com a necessidade de reunir as diferentes experiências e sentidos trazidos pelos professores sobre o que é *bullying* e como eles entendem o fenômeno. Diante das respostas obtidas e apesar de uma resposta ter sido bem próxima ao conceito encontrado na literatura, é possível perceber que a ideia do *bullying* na prática ainda é relacionada a brincadeira.

Segundo Fante (2005), o *bullying* caracteriza-se como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas sem motivação evidente contra outra pessoa, causando-lhe dor, angústia e sofrimento.

A diversidade de conceitos encontrada nas falas dos professores nos mostra que o *bullying* ainda não tem uma identidade definida e, portanto, seus elementos de definição variam de acordo com o contexto, experiência pessoal, interpretação, convivência com o fenômeno, dentre outros. A ausência de concretude de identidade do *bullying* pode estar relacionada aos estudos e pesquisas recentes que somente foram ocorrer na década de 1990 (CREMER, 2015), apesar de que a prática do *bullying* já acontecia mesmo não sendo nomeada por este termo, conforme relato do participante 1, professor Roberto, no quadro acima (quadro 3).

Quadro 3 – Conceito de *bullying* dito pelos professores

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	<p>D: “Roberto”, o que você entende por <i>bullying</i>? R: É uma, é um neologismo né, nos dias de hoje, isso já existia tempos atrás, eu sou aluno, dessa escola aqui, estudei nessa escola, e, eu mesmo sofri <i>bullying</i> nessa escola, quando eu era aluno, só que antigamente não tinha esse nome de <i>bullying</i> né?... D: Uhum R: ...Era chacota né, era “mangar” da pessoa... D: Uhum R: ...E, hoje em dia dando outro nome para isso tem até leis que coíbem isso (linhas 42 a 47 anexo I)</p> <p>D: Você compreenderia o <i>bullying</i> como uma brincadeira mal entendida? R: Sim, sim, muitas vezes mal entendida... D: Uhum R:...Maldosa são raros os casos, que existe a maldade, raros os casos, mas é mais é mal entendida mesmo... D: Uhum R:...No meu ponto de vista, são brincadeiras de adolescência D: quais casos “cê” definiria como esses maldosos? R: Exemplo, eu vejo assim quando, existe a questão da, homossexualidade envolvida... (linhas 157 a 161 do anexo I)*.</p>
Participante 2 – Lucas	<p>L: Eu entendo, pela própria palavra, o, a idéia de constrangimento D: Uhum L: Né, e aí na, nas associações que eu venho, na pesquisa que a gente faz, o <i>bullying</i> é constrangimento que gera coisa, é, aquele, aquela, resposta pública...né? D: Uhum, L: ...A pessoa sofre publicamente...É a minha idéia, né, agora dentro da minha experiência de vida, eu não tenho isso muito como efeito na minha vida né, até porque assim a gente cresce dentro de um, eu mesmo como criança cresci num ambiente onde a gente “zoava” um ao outro normalmente... D: Uhum L: ...Mas, até o ponto de a pessoa se sentir mal e a ter, ser um caso como, ter a necessidade de existir uma palavra dessa, eu não cheguei a um ponto desse D: Uhum L: Né, mas sempre foi na piada, na zoeira, e a gente cresceu assim, se fortalecendo, a gente...(linhas 18 a 27 do anexo II)*.</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>D: O que que você entende por <i>bullying</i>? P: É...São agressões é, violência verbal, física, psicológica, repetidamente né? D: Uhum...Não é uma coisa pontual, aquela coisa que vaii é...todo, todo dia ou toda semana, não é uma coisa específica (linhas 18 a 20 do anexo III)*.</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Outro ponto que merece destaque é a questão da experiência do professor e a maneira que ele descreve o *bullying*. O primeiro participante diz ter sofrido *bullying* e atualmente não permite que isso se repita com seus alunos, enquanto o segundo participante descreve um distanciamento do fenômeno na sua infância o que relaciona com sua dificuldade atual de perceber o *bullying*; e a terceira, por sua vez, descreve o *bullying* em poucas palavras de forma sucinta e articulada com os conceitos teóricos, ao mesmo tempo que conta que já foi coordenadora em uma outra escola, que não a atual, e nesse período teve a oportunidade de se aproximar dos casos de *bullying*.

Quadro 4 – Experiência pessoal dos professores quanto ao *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante - 1 Roberto	<p>R: existe o <i>bullying</i> ainda dentro da sala de aula, e agora, as pessoas hoje tão muito mais informadas, os professores, isso depende de cada mestre, exemplo, em sala de aula eu vejo, pelo menos nas minhas turmas, eu não permito <i>bullying</i>, não permito, eu o coíbo rigidamente, não tem, e se eu perceber que tá existindo algum <i>bullying</i> lá eu corto pela raiz, na hora, não permito! (linhas 74 a 78 do anexo I*).</p> <p>R: mas ofende as pessoas, quer dizer eu já sofri <i>bullying</i> nessa escola, é, alguém me chamou de, na época, de dentuço... (linhas 95 e 96 do anexo I*).</p>
Participante 2 – Lucas	<p>É a minha idéia, né, agora dentro da minha experiência de vida, eu não tenho isso muito como efeito na minha vida né, até porque assim a gente cresce dentro de um, eu mesmo como criança cresci num ambiente onde a gente “zoava” um ao outro normalmente... D: Uhum L: ...Mas, até o ponto de a pessoa se sentir mal e a ter, ser um caso como, ter a necessidade de existir uma palavra dessa, eu não cheguei a um ponto desse D: Uhum L: Né, mas sempre foi na piada, na zoeira, e a gente cresceu assim, se fortalecendo, a gente... (linhas 21 a 27 de anexo II*).</p> <p>L: ...Porque “prá” mim nem tudo “prá” mim vai ser <i>bullying</i> (linha 35 do anexo II*).</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>P: É...Nossa são tantos casos...É, eu...Durante o ano de 2015 e 2016 eu fui coordenadora numa escola D: Uhum P: E aí, como acontece um caso em sala de aula e aí passa prá gente fica mais fácil porque assim, a rotina do professor é uma loucura, é muito massacrante então as vezes quando o aluno começa a ter coragem de te falar alguma coisa, você já tem que trocar de sala D: Uhum P: Então até ele conseguir retomar é bem difícil, então mesmo aquele professor que tem sensibilidade, que olha, que escuta, é muito complicado...Você imagina, eu que tenho 300 alunos, eu dar conta disso, assim, é tudo, é muito rápido, é muito corrido, então as vezes a gente não tem nenhuma janela quando “cê” percebe alguma coisa, nossa aquela aluna ali não sei não, ela deu um sinal, “cê” não tem uma janela ali de 50 minutos pra chamar aquele aluno e conversar D: Uhum P: Né, então na coordenação eu consegui enxergar isso com uma amplidão maior (linhas 34 a 44 do anexo III*).</p> <p>D: “Tendi”...E como coordenadora você se sentiu mais é, mais apta a lidar com o assunto? Teve mais ferramentas? P: Ai foi bem mais tranquilo...Por que? Eu focava numa sala específica que o caso tava pior né? E, e assim “vamo”, “vamo” supor que o caso é porque “começa” algumas brincadeiras porque a criança é gorda...D: Uhum P:...De repente assim, se perde, já nem se sabe mais porque que tá fazendo <i>bullying</i>, vem outras coisas, é muito, é muito esquisito como o <i>bullying</i> ele vai se encaminhando mesmo D: Uhum P: E aí eu pegava alguns professores que tem uma disponibilidade maior, por exemplo PD, “prá” trabalhar isso, então assim ficava semanas só trabalhando essa, essa questão de <i>bullying</i> mesmo, aí eu via resultado D: Uhum P: Sabe? Via mesmo...E aí eles ficavam meio que desconfiados quando fica claro que quem provoca o <i>bullying</i> muitas vezes é muito agredido também, em outros ambientes né? D: Uhum P: Então eles se sentem assim “Opa eu não sou o fortão” né? Aquilo não fica como força mais D: Sim P: Perde a força né? D: Uhum P: Então como coordenadora foi bem mais, mais abrangente, mais profundo, mais... (linhas 96 a 108 do anexo III*).</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Segundo Berger e Luckman (1995, apud ARAÚJO; GOMES, 2014), o professor tem papel fundamental diante do *bullying*, já que também é tarefa dele promover o desenvolvimento de um bom relacionamento entre as pessoas com quem o aluno se relaciona

diariamente. O protagonismo dado aos professores diante do *bullying* se deve ao fato de que são eles que convivem diariamente de forma mais próxima dos alunos. Porém, diante da diversidade dos conceitos apresentados pelos professores, é possível perceber que há uma lacuna no que se refere a como esses professores lidarão com o *bullying*, já que essa condução poderá ser pautada conforme sua própria experiência pessoal e relacionada ao tema tratado.

Foi possível perceber que essa experiência vai influenciar diretamente a maneira como o professor enxerga e se comporta diante do *bullying*. Ou seja, a partir das vivências que o professor teve como ser em relação com o mundo vai acabar por construir o modo de enxergar, perceber e agir diante de certas situações. A Gestalt-terapia explica essa relação a partir do entendimento do ser humano constituído a partir de sua relação com o mundo, sendo a concepção do “eu” a partir da relação “eu-tu” (FRAZÃO, 1995).

6.1.2 A violência em ciclo no *bullying*

Esse grupo temático reuniu as unidades de sentido que trouxeram a violência como marca do *bullying* e como ela aparece de diferentes formas e de maneira cíclica dentro do fenômeno. É sabido que o *bullying* é o retrato da violência, seja qual for a sua origem, motivo ou forma. Diante dos relatos dos participantes pôde-se perceber o desenvolver do *bullying* diante dessa violência praticada contra o outro. A violência é vista pela Gestalt-terapia como a aniquilação do outro, ou seja, a destruição do outro sem motivação aparente, somente para satisfação própria (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Essa violência pode ser vista também pela Gestalt-terapia como uma forma do indivíduo interagir com o meio e com o outro buscando a satisfação de suas necessidades, valendo-se de ajustes criativos disfuncionais que desrespeitam o outro em suas necessidades e individualidade (LIMA, 2014).

Os participantes do estudo argumentam que a violência gera violência. Diante dos relatos abaixo, observa-se que a violência vai se espalhando por meio das atitudes, seja entre os envolvidos diretamente com o *bullying* (autor, alvo e testemunhas), na relação entre a escola e os alunos e até mesmo como parte dos nossos discursos. Compreende-se também dos relatos que a violência em ciclo pode ser estabelecida como forma de autodefesa, onde o alvo do *bullying* acaba por replicar aquela ação violenta como forma de se defender, atacando o outro.

Quadro 5 – Relatos de violência no *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	R: ...Porque a menina fazia todos os deveres lá, e os alunos não “queria” que ela fizesse os deveres, até quando ela mudou de escola, veio “prá” cá por causa desse <i>bullying</i> , porque no recreio os alunos queriam bater nela porque ela fazia os deveres, quer dizer, ninguém pode querer ser bom ou ser aplicado, que sofre <i>bullying</i> por causa disso, então é i-na-dmissível (linhas 125 a 129 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	L: É...Aí eu vi a necessidade, tanto que eu fui separar briga delas lá fora depois do final do expediente, tipo assim deu 5h50min, eu tava saindo “prá” ir embora... D: Aham L: ...Aí encontrei as duas puxando o cabelo uma da outra, aí falei “Gente pára com isso” só entrei no meio e separei a briga...(linhas 83 a 86 do anexo II*).
Participante 3 – Patrícia	P: ...Então “vamo” lá, relacionado a cor... D: Uhum P: ...Alunos alunos negros sofrem mais, é...Meninas que tem uma opção em usar um cabelo black, sofrem, mas isso tá mudando muito, elas estão assim bem que “tô nem aí”... D: Aham P: Sabe, desses 17 anos eu vejo uma mudança muito grande do <i>bullying</i> em relação a cor... D: Uhum P: ...e a cabelo...Mas, meninas que tem uma sexualidade mais aflorada e, querem namorar sofrem também... D: Uhum P: ...São tidas como fáceis, putas... D: Uhum P: ...É, então tem muitos recados “escrito” a elas no banheiro, carteira, e aí parece que elas reforçam ainda mais... D: Uhum P: ...Que é uma forma de defesa mesmo D: Sim P: ...Que quem sofre <i>bullying</i> faz muito isso, parece que a única forma de defesa que tem ou é se encolher ou é reforçar aquela D: Uhum P: ...Aquela violência mesmo sabe? É um reforço, eu percebo isso...É... (linhas 50 a 60 do anexo III*).
	P: ...Assim, tinha alunos que xingavam muito em sala de aula determinados alunos, a sala inteira tava meio que envolvida “naquilo” e ninguém sabia... D: Uhum P: ...E por causa de uma história em quadrinhos isso veio, veio à tona assim, o aluno xingava muito muito alguns colegas e ninguém falava nada (linhas 85 a 88 do anexo III*).
	D: Uhum P: ...E para quem sofre também, quando tem um histórico de violência “prá” quem sofre é mais difícil também da gente descobrir, porque, entra “num” padrão mesmo né, aquela criança entra num padrão ali, ela tem violência em casa, ela tem violência na, na escola, a vida é assim, e pronto e acabou! (linhas 266 a 269 do anexo III*).

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Quadro 6 – Relatos que demonstram a repetição da violência no *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	R: em sala de aula eu vejo, pelo menos nas minhas turmas, eu não permito <i>bullying</i> , não permito, eu o coíbo rigidamente, não tem, e se eu perceber que tá existindo algum <i>bullying</i> lá eu corto pela raiz, na hora, não permito! (linhas 76 a 78 do anexo I*).
	R: eu falo a ele que as leis são coibitivas (linhas 81 e 81 do anexo I*).
	R: ...Então o menino queria sair da escola, eu peguei ele na turma, no primeiro dia da turma, aí deu uma repreensão na turma, digo olha, esse aluno aqui é o melhor alunos que eu tenho, vocês tem se espelhar nele...(linhas 116 a 118 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	Então ele se esconde na dele tentando zoar o outro, evidenciar a do o outro, eu acho que é mais ou menos por aí D: Seria uma forma de se defender de alguma coisa...? L: Se esconder “tamém”... D: Uhum L: ...Se esconder porque ele tem o defeito dele, ele por ter esse defeito não se respeita... D: Uhum L: ...E aí ele agride o outro, e aí vai só criando uma reação de cadeia (linhas 188 a 192 do anexo II*).
Participante 3 – Patrícia	P: ...e a cabelo...Mas, meninas que tem uma sexualidade mais aflorada e, querem namorar sofrem também... D: Uhum P: ...São tidas como fáceis, putas... D: Uhum P: ...É, então tem muitos recados “escrito” a elas no

	<p>banheiro, carteira, e aí parece que elas reforçam ainda mais... D: Uhum P:...Que é uma forma de defesa mesmo D: Sim P:...Que quem sofre <i>bullying</i> faz muito isso, parece que a única forma de defesa que tem ou é se encolher ou é reforçar aquela D: Uhum P:...Aquele violência mesmo sabe? É um reforço, eu percebo isso...É... P: “Xôver” aqui... É...Crianças obesas também sofrem muito, essas crianças se tornam ainda mais caladas, não tem um reforço, de brigar mesmo, não tem D: Se defender né? P: Não... D: Uhum P:...São mais, são mais retraídas (linhas 54 a 62 do anexo III*).</p> <p>P: ...Geralmente quem pratica já sofreu (linhas 116 117 do anexo III*).</p>
--	--

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

6.1.3 O modelo violento nas escolas

Nesse grupo temático, as respostas apresentadas pelos professores conduziram a temática do *bullying* para uma questão que precisa ser analisada com cautela: a violência escolar. Como já dito na seção anterior deste estudo, a violência dentro do *bullying* é uma marca muito evidente e por vezes praticada em ciclos. Para além disso, os dados mostraram também que a violência é replicada por meio dos padrões escolares, que mesmo sem prestarmos atenção neles, acabam por influenciar e construir um meio de relações violentas. A violência pode ser percebida nos discursos, nas ferramentas que mediam a aprendizagem, nas formas de punir e até mesmo nas estruturas físicas das escolas.

A violência nas escolas tem crescido com o passar dos anos e amedrontado a equipe escolar, inclusive os professores, que acabam por tomar atitudes mais bruscas conduzidos pelo medo de sofrerem agressões no seu cotidiano (ARAÚJO; GOMES, 2014).

Pesquisas mostram que nem sempre a punição é a forma mais adequada para lidar com a violência. A exemplo disso, um estudo qualitativo realizado com jovens e educadores, em escolas públicas e privadas do CE, MG e SP, com o objetivo de analisar os significados que a violência assume em diferentes contextos sociais e as formas como se manifestam no cotidiano escolar, concluiu como sugestão para prevenir e melhorar a situação atual quanto a violência, que mais efetivo que “extirpar a pessoa violenta”, é acolher e dialogar com o jovem, melhorar os laços de convivência e trabalhar os problemas de forma alternativa (NJAINE; MINAYO, 2003).

Quadro 7 – Relatos de vivências violentas nas escolas

Participantes	Verbalizações		
Participante 1 – Roberto	R: Da minha classe, se você fizer isso eu vou chamar a lei e você vai ter que responder perante a lei o que você está fazendo, vou chamar o seu pai e sua mãe... D: Uhum R: ...Não foi preciso chamar o pai e a mãe, aí a moça me pediu desculpa, e, disse que num ia fazer mais isso com aluna, e realmente isso acabou, não tem mais, até mesmo a moça que sofria o <i>bullying</i> falou “Psô, aquilo acabou”... (linhas 106 a 110 do anexo I*).		
Participante 2 – Lucas	L: Pior que eu não sei nem “comé” que entra com o código penal a respeito disso, porque, “comé”, quem que a gente vai indiciar, eu “num” sei... D: Uhum L: ...A criança, “comé” que a gente vai indiciar a criança? Eu não sei “comé que eu vou fazer isso “prá” ter um combate legal a respeito disso... D: Uhum L: É disso que se trata? Combate legal D: Não, não, eu queria saber assim como... L: Uma advertência “pro” aluno D: É pela su... Nã... L: Eu daria uma advertência talvez D: Sim, pela sua experiência quais, quais ferramentas e quais mecanismos você enquanto professor... L: Advertências, suspensões “pro” aluno que pratica né, assim, é obvio que vai ser pro aluno que pratica (linhas 152 a 159 do anexo II*).		
Participante 3 – Patrícia	P: ...a linguagem que a gente tem na escola no Brasil é altamente violenta, ela é muito violenta, ela é toda baseada na, na punição, é, o nosso alibi, é sempre muito violento... D: Uhum P: ...Né, a nota, ela agride muito a criança que tem muita dificuldade de, de ler, de escrever, o menino não tá entendendo o que tá acontecendo mesmo... D: Uhum P: ...Então tudo o que acontece na escola, é, ela vai no caminho da violência, o nosso discurso é muito violento...(linhas 232 a 237 do anexo III*).		P: ...Tem que ter grade, tudo tem que ser trancado... D: Uhum P: ...Não é um ambiente acolhedor, não é um ambiente que, que a maioria da, das crianças querem, querem estar, todos os dias quando toca o sinal para ir embora eu fico muito mal, porque sai as crianças assim parecendo que, parecendo animais mesmo, correndo feito loucos, “Oba, eu tô livre”... D: Uhum P: ...Né? E escola não é “prá” isso né? Escola é “prá” ser feliz D: “Cabô” por hoje né? P: É...Escola é “prá” ser feliz, e... D: Sim P: ...E a gente carrega né, uma, essa falta de prazer né... D: Uhum P: ...Tanto eles quanto a gente “carrega”, se não fosse assim o <i>bullying</i> seria bem menor, né? Eu acredito que os países que conseguem deixar a escola, mais prazerosas, mais né, onde as crianças conseguem aprender, porque isso, nem isso a gente não consegue, as crianças não estão aprendendo né, vão fazer testes aí, provas, a gente vê índices horríveis, então eu acredito que se fosse um lugar realmente de felicidade, de crescimento... D: Uhum P: ...A gente nem, falaria muito pouco ou nem falaria sobre <i>bullying</i> ...(linhas 296 a 308 do anexo III*).
	P: ...Tem que ter grade, tudo tem que ser trancado... D: Uhum P: ...Não é um ambiente acolhedor, não é um ambiente que, que a maioria da, das crianças querem, querem estar, todos os dias quando toca o sinal para ir embora eu fico muito mal, porque sai as crianças assim parecendo que, parecendo animais mesmo, correndo feito loucos, “Oba, eu tô livre”... D: Uhum P: ...Né? E escola não é “prá” isso né? Escola é “prá” ser feliz D: “Cabô” por hoje né? P: É...Escola é “prá” ser feliz, e... D: Sim P: ...E a gente carrega né, uma, essa falta de prazer né... D: Uhum P: ...Tanto eles quanto a gente “carrega”, se não fosse assim o <i>bullying</i> seria bem menor, né? Eu acredito que os países que conseguem deixar a escola, mais prazerosas, mais né, onde as crianças conseguem aprender, porque isso, nem isso a gente não consegue, as crianças não estão aprendendo né, vão fazer testes aí, provas, a gente vê índices horríveis, então eu acredito que se fosse um lugar realmente de felicidade, de crescimento... D: Uhum P: ...A gente nem, falaria muito pouco ou nem falaria sobre <i>bullying</i> ...(linhas 296 a 308 do anexo III*).		

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

É possível pensar a violência de diferentes formas a partir da perspectiva da Gestalt-terapia e repensar com isso questões do nosso cotidiano. Essa reflexão nos permite olhar para elementos que possam nos fazer compreender mecanismos que atuam na nossa sociedade atual e que acabam passando despercebidos por nós chegando ao ponto de tornar-se banais atos considerados inapropriados e inadequados ao convívio humano, como no caso do *bullying*.

6.1.4 A diferença como marca da prática do *bullying*

Os dados mostraram também que o *bullying* está ligado às relações desiguais, que geralmente ocorrem quando há uma diferença do padrão social/cultural, ocorrendo pelo preconceito ou vulnerabilidade social. Pode estar associado também ao destaque de um aluno por seus estudos diante da turma que frequenta ou ainda nas relações desproporcionais de poder, onde um indivíduo se sente em vantagem, em um nível acima do seu colega, seja por atributos físicos ou nível social, fazendo com que isso seja motivo para colocar o outro em sofrimento. Foi percebido ainda, pelo relato dos professores, que a prática do *bullying* costuma ocorrer em locais como pátio da escola e no horário do intervalo, quando não há professores ou adultos por perto.

Quadro 8 – Relatos de prática do *bullying* pautada pelas diferenças

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	<p>R:...então muitos dos jovens hoje assumiram a sua, homossexualidade, então, e isso, mas para os que não são homossexuais, tratam os homossexuais de uma forma, na chacota, no <i>bullying</i>, realmente existe o preconceito, “Ah n exi...”, existe sim o preconceito, ele é visto em sala de aula, o aluno que tem essa tendência para a homossexualidade, as pessoas fazem <i>bullying</i> contra ele, faz a separação, faz o “Apartheid”... (linhas 67 a 72 do anexo I*).</p> <p>R: então eu vejo que essa questão do <i>bullying</i> ela é feita mais nos intervalos, ou fora de sala de aula (linhas 86 e 87 do anexo I*).</p>
Participante 2 – Lucas	<p>L: Dentro do que eu venho trabalhando...Uma pessoa que ela tem “uma” certo tipo de bipolaridade, uma criança que ela tem essa bipolaridade ou ela tem deficiência intelectual...D: Uhum L: ...Isso pode gerar o <i>bullying</i>, aí assim eu já entendo que já pode existir mesmo... D: Uhum L: ...Que as crianças que são ditas normais, aí, ela vai querer “zoar” aquela que não é, não tem, que ela tem aquela deficiência... (linhas 36 a 41 do anexo II*).</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>P: Hã...Geralmente se pega pontos fracos que não tá dentro do padrão né, digamos assim, é... Principalmente relacionado ao físico, se a criança é gorda, se a criança tem alguma dificuldade na, na fala, se...Por exemplo, ela tem um cabelo que não tá no padrão “prá” elas, esse tipo de coisa, quando foge um pouquinho mesmo do “que que” eles reconhecem na sociedade como padrão... (linhas 22 a 26 do anexo III*).</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Como já dito anteriormente, a violência se caracteriza pela aniquilação do outro em troca somente da satisfação das próprias necessidades (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Diante dos relatos acima, é possível perceber que não há motivos que justifiquem o *bullying*, mas sim a atitude de expor e colocar o outro em sofrimento, tão somente por esse objetivo.

Os locais que geralmente ocorrem o *bullying* também dizem algo sobre o fenômeno, já que diante de uma autoridade (professor) o *bullying* não costuma ocorrer. Já em locais que estão somente os alunos, o autor de *bullying* se coloca assim em uma posição de poder sobre o outro naquele espaço e pratica as ações violentas contra os alvos.

6.1.5 O papel da família no *bullying*

Os professores atribuem um papel importante à família e argumentam que ela pode funcionar como uma proteção e fortalecimento para aqueles alunos que sofrem a violência. Ao mesmo tempo, em casos de desestrutura familiar, o papel dessa família passa a ser favorecedor ou facilitador para às práticas do *bullying*, como replicador da violência sofrida.

A família e a escola devem andar de mãos dadas para a prevenção da violência, sendo instância privilegiada de possibilidade de mediação com os jovens. A família e escola são tradicionalmente a base da educação de crianças, adolescentes e jovens e da inserção social desse grupo (NJAINE; MINAYO, 2003).

Para a Gestalt-terapia o apoio familiar funciona enquanto heterossuporte (suporte que vem de fora) ao indivíduo necessário para o seu desenvolvimento. A pessoa se forma a partir do contato com o outro e com o ambiente, porém esse contato também poderá deformá-la, ao exigir obediência e adequação dessa pessoa na ânsia de ser aceita, protegida e amada, em busca da sobrevivência emocional (ANDRADE, 2014). Diante disso, o papel familiar vem para o desenvolvimento do indivíduo, mas também pode levá-lo a replicar ou a desenvolver uma atitude violenta vivida nesse núcleo familiar, para a escola.

Quadro 9 – Relatos sobre o papel da família no *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	R: Os piores casos que estamos tendo de <i>bullying</i> , de <i>bullying</i> e questão de aprendizado, na educação hoje, chama-se família... D: Uhum R: ...Destruição dos lares, 90% dos nossos problemas com aluno, de tudo quanto é espécie, evasão escolar, e outros mais, <i>bullying</i> e tudo mais, chama-se destruição dos lares, destruição das famílias...(linhas 325 a 328 do anexo I*).
Participante 2 - Lucas	L: Né? Mas... Eu acho que “tamém” não teve um apoio familiar, alguma coisa desse tipo, a família não deu um apoio porque as vezes quando a pessoa é muito frágil ela precisa de apoio né? D: Uhum L: Tipo isso, sozinha ela não vai dar conta de lutar contra isso D: Uhum ela vai querer fazer algum tipo de reação e acaba “fazendo” merda depois, “fazendo”... D: Uhum L: Coisas erradas D: E aproveitar que “cê” falou em família, qual o papel da família né, no processo educacional, e no, e no processo “tamém”, na ocorrência do <i>bullying</i> , que você percebe?...Teria alguma relação? L: Eu acho que a família ela pode, eu acho que da maneira mais simples é essa, tipo, mostrar que o que as pessoas falam nem sempre a

	<p>gente tem que dar valor, sei lá educar sempre repetindo isso, sabe como exercício diário? D: Sim L: Que ah, “cê” não precisa dar ouvido a esse tipo de coisa, porque a pessoa tá falando ali da boca “prá” fora, porque nem sempre é verdade, as pessoas só querem fazer piada, “zoar” a pessoa, constranger mesmo D: Uhum L: ...Né, aí você vai ficar dando valor tudo o que aquelas pessoas dizem né, é basicamente a educação que eu tive “tamém” tipo ah, não dá valor, “zoa” “tamém”, sei lá né (risos) a gente faz esse tipo de coisa D: Tendi...Tá “Lucas” tem algum outro comentário que você queria deixar, sobre esse assunto? L: Eu acho... “Prá” complementar é isso, eu acho que o, tipo assim a família tem que só trazer a ideia de que todo mundo faz piada, né, e “prá” não levar nada desse tipo de coisa a sério, tendeu? Se não tem um argumento, tende a ensinar “prá” criança já essa coisa assim, que, é, se a pessoa não tem um porque do que ela “tá” falando, nem te conhece, sabe nem teu nome direito, acho que ela “num”, “num” tem uma opinião concreta sobre você, então “cê” não pode dar valor aquilo que ela “tá” falando (linhas 202 a 222 do anexo II*).</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>P: ...Famílias que conversam pouco, é mais fácil “vê”, e a gente vê muito isso porque os pais trabalham demais, geralmente são famílias é, disfuncionais né... D: Uhum P: ...Que, é, são filhos de vários pais, é, moram com uma tia, moram com o avô, todo mundo trabalha muito, é, essas famílias, elas não tem tempo de conversar, não tem tempo de se ver, D: Uhum P: então, não é comum, por exemplo eu não vi casos de <i>bullying</i> em família que a mãe consegue manter um diálogo, o pai... D: Uhum P:...Né, que é um canal aberto... D: Sim P:...Né, eu não consegui, geralmente acontece assim, quando não há uma conversa mesmo (linhas 222 a 228 do anexo III*).</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

6.1.6 Como lidar com o *bullying*

Após entendido o *bullying* é preciso pensar em como lidar com ele. Os dados revelaram a dificuldade que os professores têm de identificar o fenômeno, bem como os papéis que cada aluno está ocupando, ou de saber a origem da violência. Apesar da dificuldade, os professores acham que a melhor forma de trabalhar com o *bullying* é por meio do diálogo, conscientização e desenvolvimento de uma comunicação não violenta em busca de uma cultura de paz.

Segundo Fante (2005) a melhor maneira de se lidar com o *bullying* é educando para a paz. A autora desenvolveu um programa de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar educar para a paz, onde a principal ação é a conscientização.

Quadro 10 – Relatos sobre como lidar com o *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	<p>D: Tá, se você fosse partir “prá” algum trabalho de prevenção e combate ao <i>bullying</i>, por qual linha você, por onde você começaria? R: Palestras né? R: Acho que a melhor caso são as palestras, “cê” trazer o aluno a realidade do dia de hoje, e sempre colocar as leis, as coibições, não pode, não pode fazer... D: Uhum R:...Então o melhor meio é a, realmente é a</p>

	conscientização do <i>bullying</i> (linhas 274 a 279 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	<p>D: Entendi...Hã, se você fosse criar algum programa “prá” lidar com o <i>bullying</i>, por onde que “cê” começaria...Ou o que você faria? L: Humm...O <i>bullying</i>...Criar algum tipo de programa né que “cê” “tá” falando? D: É né, de, de, de prevenção, de combate, conscientização, por onde que você começaria...? L: Pior que eu não tenho uma projeção assim de nada, agora...Que no caso “cê” tá falando “prá” criar um projeto mesmo né? D: Uhum L: Dentro da escola D: Num sei, a sua idéia seria criar um projeto? L: Eu acho que...É, em datas específicas era que é bom fazer isso porque entra em evidencia né o tema, aí talvez eu criasse algum tipo de evento conscientizador D: Uhum L: Sabe? D: Sim L: “Prá” ir trabalhar...Ah, vamo trabalhar durante essa semana e no final a gente vai “tê” uma palestra sobre isso, é tipo coisinhas assim que a gente já vem fazendo aqui sobre semana da água... D: Uhum L: ...Tem a semana da, da, da deficiência visual e intelectual, tem uma semana que é “prá” isso “tamém”, D: Sim L: Aí, eu acho que cria uma semana dessa na escola D: Legal...Teria mais algum...E assim, isso mais “prá” uma questão de conscientização... (linhas 137 a 149 do anexo II*).</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>D: Uhum, Entendi!...Hã...Se você fosse criar algum programa “prá” lidar com os eventos de <i>bullying</i> no contexto escolar, o “que que” você faria? P: Ah sem dúvida nenhuma seria na linha de comunicação não, não violenta, cultura de paz, seria nesse sentido, que é uma linguagem que a gente não tem na escola, a gente não tem, a gente não tem formação, não tem formadores nessa linha (linhas 228 a 232 do anexo III*).</p> <p>P: ...Então seria, seria assim uma mudança de paradigma, uma mudança de olhar mesmo, sabe, de como enxergar o outro, enxergar a escola, enxergar conhecimento, sabe, seria na linha da comunicação não, não violenta e na cultura de paz... (linhas 237 a 240 do anexo III*).</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

6.1.7 As atitudes dos alvos de *bullying*

Os dados desse estudo permitiram identificar diferentes experiências vividas por vítimas de *bullying*. Um dos participantes relatou ter sofrido *bullying*, ocasionando um trauma que foi superado. Diante disso foi possível perceber em seu discurso um envolvimento pessoal maior na sua atuação enquanto professor nos casos de *bullying* que presencia e uma atitude de defesa e luta para que outros alunos não venham a sofrer o trauma que viveu.

Já o participante 2, por não ter tido experiência com o *bullying* em sua vida pessoal, tem dificuldade em perceber hoje o fenômeno na sua vida profissional. Compreende-se a partir do seu relato que ao não ter vivido a vítima de *bullying* na sua infância, a enxerga atualmente com dificuldades.

A participante 3, por sua vez, contribuiu com a informação de como as vítimas de *bullying* costumam reagir, ora agredindo e reforçando a violência, ora se calando e ficando mais quietas.

Quadro 11 – Relatos sobre os alvos de *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	R: ...Eu fiquei tão constrangido que me chamavam de dentuço que eu não conseguia ler, a “Psôra” de português pedia “prá” eu ler uma frase, um livro e eu não conseguia, eu fiquei traumatizado até a faculdade... D: Uhum R: ...Até o dia que eu entendi que aquilo ali, eu tinha que vencer essa barreira... D: Uhum R: Mas eu passei anos e anos né com essa questão de que me chamavam disso, eu acha que era isso, e não consegui superar isso, mas um dia eu tive que superar, então eu sofri, tudo isso acontece também nos dias de hoje (linhas 96 a 102 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	D: Certo...É, quais são os maiores desafios na abordagem do <i>bullying</i> na sua opinião? L: É identificar o “que que” é <i>bullying</i> (risos)... D: Uhum L: ...Identificar quando que tá acontecendo o <i>bullying</i> , “prá” mim ainda é difícil, porque eu não sei você mas eu, apesar de ter meus 30 anos assim eu cresci na minha adolescência, a gente se “zoava”... D: Uhum L: ...Eu tinha um apelido que era de tropeço, cabeça de manga, sei lá, era um monte de apelido doido, entendeu? D: Sim L: Aí assim eu, e a gente brincava, “tendeu”? D: Você acha que hoje...Hã... L: A gente recebia aquele termo de apelão né?... D: Aham L: ...Que geralmente acontecia porque a gente não aceitava brincadeira, ficava demais, alfinetando demais aí... D: Sim L: ...Aí eu zoava “tamém”, “os menino” também me “zoava”, aí ficava naquela coisa (linhas 177 a 126 do anexo II*).
Participante 3 – Patrícia	P: ...É, então tem muitos recados “escrito” a elas no banheiro, carteira, e aí parece que elas reforçam ainda mais... D: Uhum P: ...Que é uma forma de defesa mesmo D: Sim P: ...Que quem sofre <i>bullying</i> faz muito isso, parece que a única forma de defesa que tem ou é se encolher ou é reforçar aquela D: Uhum P: ...Aquele violência mesmo sabe? É um reforço, eu percebo isso...É... P: “Xôver” aqui... É...Crianças obesas também sofrem muito, essas crianças se tornam ainda mais caladas, não tem um reforço, de brigar mesmo, não tem D: Se defender né? P: Não... D: Uhum P: ...São mais, são mais retraídas (linhas 52 a 62 do anexo III*).

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Os estudos sobre *bullying* revelam que os alvos quando são agredidos reagem com choro e isolamento (OLWEUS, 1993, apud COMODO, 2016). Encontramos nos relatos acima experiências de alvos que reagiram agredindo os autores, o que nos mostra uma mudança nas atitudes daqueles que são alvos de *bullying*. Na literatura há dados sobre os chamados autores-alvos, que são aqueles que alternam nos papéis, ora agredindo, ora sofrendo o *bullying* (HOLST; LISBOA, 2014).

Quanto às consequências, foi relatado pelo participante 1 um trauma ocasionado pelo *bullying*. Sabe-se que as consequências das agressões podem ser diversas, incluindo baixa autoestima, transtorno de conduta, absenteísmo escolar, transtornos psicológicos como depressão e ansiedade, menor satisfação com sua imagem corporal, envolvimento em brigas físicas e quando chegam a um grau extremo, suicídio (COMODO, 2016).

6.1.8 Compreendendo os autores de *bullying*

No decorrer das entrevistas foi possível perceber diferentes visões sobre os autores de *bullying*, suas atitudes, o que os levam a praticar o *bullying* e até como abordar esse assunto de maneira didática e produtiva com o próprio aluno que pratica, com a escola e com seus familiares. Para os professores os alunos que chegam a praticar o *bullying* muitas das vezes passam por problemas que vão desde as questões sociais ou dificuldades emocionais até uma replicação de uma violência que sofre em outros ambientes. Já em outros casos, o praticante do *bullying* pode ser também aquele aluno que já sofreu *bullying* ou algum tipo de violência.

Quadro 12 – Relatos sobre os autores de *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	É, eu gostaria que “cê” me falasse um pouco como você compreende os autores de <i>bullying</i> R: Os autores D: Isso! R: Eu, eu, eu vejo assim enquanto professor, nessa fase é, de adolescência, é difícil você dar uma, uma patologia... D: Uhum identificar de fato o que faz o aluno fazer o <i>bullying</i> , mas muitas vezes nós vimos, que eu falei com você, as vezes é uma questão de inveja... D: Uhum R: ...Muitas vezes também é uma questão social, “o aluno tem porque que eu não posso ter?” (linhas 252 a 257 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	D: Uhum, “tendi”...E como que você enxerga né, como que você lidaria com o autor de <i>bullying</i> ? O “que que” você percebe desse esse tipo de aluno? L: Ele também tem algum tipo de fragilidade, né... D: Uhum L: ...E...e ele responde de alguma maneira negativa até pra poder esconder o dele “tamém”, talvez seja uma situação, né, e aí, ele não vai ter noção de respeito nenhum, porque ele tá defendendo o defeito dele, então ele mesmo não se respeita porque ele não consegue identificar que todo mundo tem seus defeitos... D: Uhum L: ...Então ele se esconde na dele tentando zoar o outro, evidenciar a do o outro, eu acho que é mais ou menos por aí D: Seria uma forma de se defender de alguma coisa...? L: Se esconder “tamém”... D: Uhum L: ...Se esconder porque ele tem o defeito dele, ele por ter esse defeito não se respeita... D: Uhum L: ...E aí ele agride o outro, e aí vai só criando uma reação de cadeia (linhas 182 a 192 do anexo II*).
Participante 3 - Patrícia	D: Não, eu digo os ambientes que...o...Os agressores também eram, perdiam essa força né, você falou que eles também eram agredidos em outros ambientes P: Principalmente em casa... D: Uhum P: ...Né? Às vezes sofre alguma...Violência...De um tio, de uma mãe, de um pai, na própria rua... D: Aham P: ...Tem ambiente que ele não é o forte, então ele tem que... D: Entendi P: Em algum lugar ele vai... D: Compensar alguma coisa P: Ele vai compensar (linhas 109 a 114 do anexo III*). D: Uhum, certo!...E com os autores de <i>bullying</i> , “comé” que você lida com eles, o “que que” “cê” pensa sobre eles? P: A conversa individual né assim, uma conversa contínua, é, de sensibilizar porque assim, quando eu trabalhei mais ativamente com <i>bullying</i> eu percebia que o trabalho com a orientação era muito de sensibilização... D: Uhum P: ...Dessa criança parar de olhar “pro” outro e conseguir olhar “prá” si, o “que que tá”, o “que que tá” bagunçado dentro de si que é importante fazer isso com alguém... D: Uhum P: ...Com o colega, e aí quando isso né, que dá aquele “click” e a criança percebe o “que que” ela “tá” fazendo, aí geralmente choram muito, de início não, de início são muito sisudos né, muito fortes, aí quando tem realmente esse “start” assim do “que que”

	<p>“tá” acontecendo, aí acontece a sensibilização, né, acontece o choro, aí é esse momento que você consegue chamar a família, se chamar a família quando a criança tá muito assim, muito fechada, “num” consegue ver... D: Uhum P: ...Ver o...é...o...Ver-se no outro, aquela questão da... D: Se perceber P: ...Alteridade mesmo né...(linhas 207 a 219 do anexo III*).</p>
--	--

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Os dados mostraram que os professores não enxergam o autor de *bullying* como aquela figura marginalizada que somente quer o mal do outro. Consideram que apesar da atitude do autor ser pautada por uma intenção de colocar o outro em sofrimento, é possível identificar que em alguns casos este autor também está em sofrimento.

Como nos casos em que o autor é alvo de crueldade em seu próprio lar, acabam por levar tal crueldade para as relações que tem na escola, buscando sua satisfação em comportamentos que visam o sofrimento e humilhação do outro (MARTINS; ALMARIO, 2012).

6.1.9 O duplo papel das testemunhas de *bullying*

Sabe-se que as testemunhas exercem papel importante na prática do *bullying*, tanto como incentivador quanto como inibidor. As experiências trazidas pelos professores mostraram que as vítimas incentivam o *bullying* quando elas agem enquanto plateia das ações do autor e inibem o *bullying* quando eles tomam a atitude de contar para algum adulto a ocorrência da violência. Segundo o Participante 1, geralmente é a testemunha que procura o professor para contar sobre a ocorrência do *bullying*, quando sente confiança para isso.

A literatura reconhece as testemunhas com papel fundamental para a ocorrência do *bullying*. Elas agem, na maioria das vezes, ficando em silêncio devido ao medo. Desta forma, acabam afirmando o poder dos autores, incentivando o *bullying* (LOPES NETO, 2005). Por outro lado, mediante relato do participante 1, é possível perceber que a testemunha também tem o papel de contar quando o *bullying* está acontecendo, mas para que isso aconteça é preciso que ela se sinta confiança escolar.

Segundo Lopes Neto (2005), as testemunhas enxergam no *bullying* a chance da popularidade de poder, podendo se tornar autoras de *bullying*. Por outro lado, o autor enxerga também o papel das testemunhas de cessarem as ações violentas, mas que para isso esses indivíduos do grupo precisam se posicionar para que o autor perca o apoio social necessário para continuar agindo.

Quadro 13 – Relatos sobre as testemunhas de *bullying*

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	R: É, as testemunhas, ninguém, ninguém gosta de se envolver né, mas, é, quando eles não fazem isso diretamente, eles fazem indiretamente, o professor que eles tem, que eles tem, confiança, eles vão até o professor, e já aconteceu comigo, eles falam “Oh professor, ah é, eu vou contar uma coisa aqui para o senhor, mas o senhor não conta “prá” ninguém, tá havendo esse bullying com fulano de tal, a gente tá sabendo disso, mas a gente não pode falar porque, senão a gente é ameaçado, o senhor pode tomar alguma providência, sem citar o nosso nome?”, eu falo, claro, me dê a turma, me dê o aluno, nós chamamos o aluno a parte, nós conversamos com ele, mas sem falar quem foi que informou, mas isso acontece, agora, é preciso que o aluno tenha confiança no professor, caso contrário ele não leva o caso adiante, mas se ele confiar no professor, ele informa a questão do <i>bullying</i> , informa, nós tomamos providências (linhas 212 a 222 do anexo I*).
Participante 2 – Lucas	L: ...Testemunhas de <i>bullying</i> , entendi o que você “tá” falando D: É, nesse sentido L: que as vezes o menino é “zoador”, e, “tá” ali, é, ofendendo a outra criança, e os outros só assiste e ri junto... D: Isso, exatamente, exatamente! L: ...Eu acho que isso acontece, né, isso é tema de novela, de filme, tá em tudo quanto é lugar... D: Uhum L: ...A gente vê, a gente brincando entre amigos, um tá zoando o outro e a galera ri junto... D: Uhum L: ...Então isso acontece mesmo, isso é inevitável D: Entendi...E você acha que isso é algo que incentiva o <i>bullying</i> ? L: Sim, porque tem plateia D: Uhum L: Né? D: Entendi L: Se tiver uma plateia, aí o, o cara que é dito ali o humorista do negócio... D: Uhum L: ...Ele vai querer fazer várias vezes porque ele viu que conseguiu uma “plateiazinha” “prá” ele D: Entendi L: Então o negócio é não ter plateia “tamém”, a galera tem que parar de aplaudir esse tipo de coisa (linhas 17 a 180 do anexo II*).
Participante 3 – Patrícia	D: Aí você falou dessas pessoas que...Hã...Que olham o <i>bullying</i> e aceitam né, a gente costuma chamá-las de testemunhas ou expectadores né, “cê” consegue identificar a ação desses alunos nesse papel, e qual seria o papel deles no <i>bullying</i> ? P: Sim, a gente consegue né, quando tá, quando realmente a gente tem uma orientação boa né... D: Uhum P: ...Que consegue identificar mesmo, é...É bem um desafio né, por que que essas crianças aceitam isso, as vezes até por medo né?... D: Uhum P: ...Medo de perder, eles têm muito medo de perder amigo, de por exemplo, as vezes a criança quer fazer alguma coisa, ou não quer fazer, mas tem todo, tem os olhares né... D: Sim P: ...Eles tem muito, tem essa coisa mesmo de perder assim os pares, eu acho que eu nunca parei muito “prá” pensar... D: Uhum P: ...Sobre esses atores aí D: Sim...É, no caso dessas testemunhas né, expectadores, “cê” acha que eles contribuem “prá” ocorrência do <i>bullying</i> ? P: Contribuem né, contribuem, sem dúvida, ele tem público né, quem provoca o <i>bullying</i> muitas vezes ele quer aparecer mesmo, é uma questão de autoafirmação, se tem público (linhas 195 a 207 do anexo III*).

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

6.1.10 O *bullying* enquanto fenômeno

Um importante fator para se chegar a compreensão do *bullying* é perceber que ele se trata de um fenômeno que sofre variações nas suas causas, efeitos, envolvidos, dentre outros. Sua diversidade então leva a uma complexidade das ações que os permeiam. De forma muito produtiva, as entrevistas realizadas trouxeram discursos pautados no entendimento do *bullying* enquanto fenômeno e que, portanto, pensar em *bullying*, também é pensar no modelo de educação, em família, diálogo, processo de comunicação e não somente atuar com o autor.

Quadro 14 – Relatos sobre o *bullying* enquanto fenômeno

Participantes	Verbalizações
Participante 1 – Roberto	<p>R:...Então nós temos que tratar até com isso, destruição de lar, e tem alunos que sofre sobre isso, fala assim ó você não tem pai, só tem mãe, você é filho de chocadeira, a gente escuta isso D: Uhum R: É terrível né? D: Uhum R: Mas acontece tá? Isso aqui “prá” gente é a pior coisa que tem, nos conselho de classe, “cê” “prá” fazer o conselho “cê” chora, é cada caso, “cê” entende porque o aluno tira zero na prova, porque ele não tem cabeça “prá” trabalhar, não tem pai, n tem mãe, perdeu a avó, a mãe “tá” presa, o pai “tá” preso, “comé” que você trata quando um aluno desse, quando ele quer se suicidar...Como você ensina Matemática “prá” um menino desse? (linhas 342 a 349 do anexo I*).</p>
Participante 2 – Lucas	<p>L: Se tiver uma plateia, aí o, o cara que é dito ali o humorista do negócio... D: Uhum L:...Ele vai querer fazer várias vezes porque ele viu que conseguiu uma “plateiazinha” “prá” ele D: Entendi L: Então o negócio é não ter plateia “tamém”, a galera tem que parar de aplaudir esse tipo de coisa (linhas 177 a 180 do anexo II*).</p> <p>L: Né? Mas... Eu acho que “tamém” não teve um apoio familiar, alguma coisa desse tipo, a família não deu um apoio porque as vezes quando a pessoa é muito frágil ela precisa de apoio né? D: Uhum L: Tipo isso, sozinha ela não vai dar conta de lutar contra isso (linhas 202 a 205 do anexo II*).</p>
Participante 3 – Patrícia	<p>P: ...O <i>bullying</i> não é sozinho né?... D: Sim P:...A violência ela nunca, ela nunca é isolada né... D: Uhum P: Assim como a paz né, a paz ela traz... D: Verdade P:...Ela traz um monte de “coisa” junto D: E “cê” acha que tem alguma é, uma herança cultural, social né, como você falou, que acaba sendo replicada um pouco... P: Ah é D: ...Nas escolas (linhas 245 a 248 do anexo III*).</p> <p>P: Não vem do nada, é tudo, é construído mesmo... D: Sim! P:...A nossa violência escolar ela é construída D: Uhum, entendi!...Hã...Bom, “cê” falou um pouquinho do autor do <i>bullying</i> né, e, não sei se você já, finalizou sua fala sobre isso, mas, queria saber come que vc compreende esse autor né, porque que ele chega a ser um autor de <i>bullying</i>? É... P: É essa construção mesmo... D: Uhum, entendi P:...Né, vem de famílias muito desorganizadas as vezes né... D: Sim P:...Que a gente fala de...É, porque as vezes a família ela é desorganizada no sentido que a gente tem na nossa cabeça de família “redondinha”... D: Uhum P:...Mas é uma família que “se conversa” né... D: Uhum P:...Às vezes aquela família tem 2 filhos de uma mãe, 3 filhos de um pai, mora ali junto o sobrinho, mora o, a mãe é, a mãe da, da mãe, o pai do pai, mas existe uma conversa né... D: Uhum P: ..Tem uma, tem um canal aberto D: “Tendi” P: ...Né, e não há um histórico de violência, históricos de violências na família, eu vejo que é mais comum...(linhas 255 a 266 do anexo III*).</p>

*A transcrição das entrevistas na íntegra pode ser consultada nos anexos I, II e III.

Culpar somente o autor é uma atitude que não permite chegar a completa dimensão do problema, porém os danos causados aos alvos, que são inúmeros, provocam revolta social e acabam por despertar na sociedade necessidade de vingança (COMODO, 2016).

O *bullying* não é uma ação isolada, tampouco sua prevenção e combate se darão por meio de uma de suas vertentes. Para lidar com o *bullying* é necessário que se olhe para o fenômeno e o que está por trás de sua construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados obtidos com esse estudo, foi possível conhecer e compreender melhor o *bullying*, a partir do contato com a literatura investigada sobre o tema, bem como a partir das entrevistas e escuta realizada da experiência dos professores sobre o fenômeno.

O material teórico junto com a narrativa dos professores evidenciou questões essenciais relacionados ao *bullying*, como as pessoas que estão envolvidas nele e o papel desenvolvido por elas, a influência cultural e social nos comportamentos dos alunos, as vivências escolares como fatores de forte influência para o incentivo e prevenção e as dificuldades enfrentadas diariamente diante das variáveis implicadas no *bullying* e relações humanas.

Um dos pontos que merece destaque e que se refere a relação teoria e prática, é o conceito de *bullying* e sua aplicabilidade. Nesse estudo pôde-se notar que há uma variabilidade do que se entende por *bullying*, apesar do fenômeno ser reconhecido pela literatura, mas que na prática ele ainda não possui uma identidade definida. A temporalidade de estudos e pesquisas sobre o *bullying* ainda é muito recente e acaba abrindo espaço para que ocorra diferentes formas de interpretá-lo, experienciá-lo e conduzi-lo, ficando a definição do *bullying* à margem da experiência daquele que o explica.

Foi possível perceber também que os professores sabem o que é *bullying*, conseguem identificar a prática dele, bem como os envolvidos e o que fazem dentro da teia que é formada pelo fenômeno, mas sentem dificuldade em saber lidar, em qual momento atuar, como encaminhar o caso e como trabalhar efetivamente para prevenir e combater o *bullying* dentro das escolas. Percebem que para a ocorrência do *bullying* é necessário haver o autor, o alvo e as testemunhas e que implicados a eles estão a família que pode tanto incentivar ou prevenir o *bullying*.

Notou-se ainda que o *bullying* é pautado pela violência e sua prática não possui motivo aparente que justifique as ações de colocar o outro em sofrimento, revelando uma relação desproporcional de poder, pautada pelas diferenças sociais, por exemplo, onde um se sente na vantagem em relação ao outro. Na perspectiva da Gestalt-terapia, a violência pode ser entendida como sendo o processo de interação em que ocorre uma aniquilação do outro para alcance das próprias necessidades (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Os professores entrevistados apresentaram a partir dos relatos que não há uma única maneira para lidar com o *bullying*, porém eles apresentaram uma visão sistêmica para lidar

com o ele, já que percebem que o fenômeno é constituído de diferentes vertentes, que vão desde a agressão do autor até os modelos replicadores de práticas violentas sociais presentes nas escolas e na sociedade.

Na tentativa de compreender de forma sistêmica o *bullying* enquanto fenômeno, buscou-se na Gestalt-terapia enxergar o fenômeno e os seus principais aspectos de maneira a proporcionar uma aproximação entre o que se vê no fenômeno e que é percebido pela Gestalt-terapia. Pensando dessa forma, é possível perceber que o *bullying* está diretamente ligado a relação entre indivíduos. Essa relação é uma das visões fundamentais da Gestalt-terapia para a concepção de homem. De acordo com Cardoso (2013), a Gestalt-terapia é uma abordagem existencial e sua prática é amparada pela concepção de homem como ser no mundo em relação. Isso significa que ao estudarmos os fenômenos humanos é preciso considerar o homem e sua forma de interagir no mundo, como é o estar no mundo e como esse o influencia.

Compreendeu-se que a partir da visão da Gestalt-terapia, é possível perceber o *bullying* enquanto fenômeno relacionado às relações humanas de interação entre organismo e meio externo, e a importância de se buscar a compreensão do fenômeno contemplando todos os envolvidos. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se compreender melhor sobre o autor da violência e os ajustes criativos disfuncionais que realiza aniquilando o outro para satisfazer suas necessidades.

Diante dessa visão parte-se para novas formas de atuar diante do *bullying*, como por exemplo, dialogando com o autor das agressões, conforme relato dos professores entrevistados, buscando entender o que se passa no interior daquele aluno que ele ainda não consegue lidar e acaba por3 transpor para o outro de forma violenta. Portanto, diferente do que costuma ser intervenção diante do *bullying*, o processo de comunicação em detrimento da punição, é meramente rico e bem-vindo para se trabalhar maneiras de prevenir e combater o *bullying*.

Com base nos conceitos e direções permeadas pela Gestalt-terapia, foi possível construir um estudo acreditando na possibilidade de se ter um olhar diferenciado para o *bullying*, buscando entender o fenômeno diante de sua complexidade, as relações interpessoais nele envolvidas e o vínculo delas com a sociedade, como essa sociedade está nos dias atuais e quem são essas pessoas envolvidas com o *bullying*, na perspectiva de trabalhar formas de prevenção e enfrentamento do problema.

Diante disso, esse trabalho visou conhecer como os professores compreendem o *bullying* e como esse fenômeno se dá no contexto escolar e discutir como a Gestalt-terapia

pode vir a contribuir para a compreensão das práticas de *bullying* como um fenômeno relacional que envolve vários personagens inseridos e inter-relacionados com um contexto. Visto o que foi posto nessa pesquisa, percebe-se ainda a necessidade de aumentar o número de estudos sobre o *bullying* com o objetivo de discutir melhor um tema que é relativamente novo e tão presente no nosso cotidiano. Falar de *bullying* é preciso. Conhecer o *bullying* nos estudos teóricos é muito diferente de conhecê-lo no campo da prática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gizela Bastos da Mota; RIBEIRO, Súsia Soares. **Bullying**: que bicho é esse?. In: ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (EDIPE), 4., Goiânia. Anais...Goiânia: UFG, 2011. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/454-1139-1-SM.pdf>>.
- ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. In FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v.2
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos em psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013. Acesso em: 26 junho 2018.
- ARAUJO, Jayann Batista de; GOMES, Fábio José Cardias. **A perspectiva do professor diante do bullying no âmbito escolar**. Itinerarius Reflectionis, Goiânia, v1, nº 16, p, 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/29457>>. Acesso em 2 set. 2018.
- BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, Mériti de. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 824-839, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000400012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 de maio 2018.
- BRASIL, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 2 set. 2018.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 5 maio. 2018.
- BRASIL, **Lei nº 13.663**, de 14 de maio de 2018. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.
- CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. v. 1.
- CÉZAR, Neura; BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro. **O impacto do fenômeno bullying na vida e na aprendizagem de crianças e adolescentes**. [2011]. Disponível em: <<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt2/ComunicacaoOral/NEURA%20CEZAR.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2018.
- CREMER, Eduardo. Bullying: a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 111-195, mar.

2015. Disponível em:

<<https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=406&layout=html> >. Acesso em: 15 maio 2018.

COMODO, Camila Negreiros. **Vítimas, autores e testemunhas de bullying: uma avaliação das habilidades sociais e de indicadores da competência social**, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7749?show=full> >. Acesso em 9 set. 2018.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FRAZAO, Lilian Meyer. A relação psicoterapeuta-cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2018.

HOLST, Bruna; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo, 2014. Clima escolar e violência propostas de avaliação e de intervenção. In GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública**. São Paulo: editora alínea, 2014. Coleção psicologia escolar e educacional.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Autorregulação orgânica e homeostase. In FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v.2

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em 15 maio 2018.

MALUF, Maria Irene. **Jovem agressor leva violência para a vida adulta**. Disponível em <<https://psicoclinicas.wordpress.com/tag/o-autor-do-bullying> > Acesso em: 16 de maio 2018.

MARTINS, Norma Vicença Martins; ALMARIO, Alan. Bullying: uma perspectiva sobre o agressor. **Revista da universidade iberapuera**. São Paulo, v.4, p. 17-21, jul/dez, 2012. Disponível em < <http://revistaunib.com.br/vol4/42.pdf> >.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MIRABELLA, Ana Maria. Afetividade na adolescência. In: Rosane Zanella (Org.). **A clínica gestáltica com adolescentes**. São Paulo: Summus, 2013.

NJAINE, Kathie.; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência nas escolas: identificando pistas para a prevenção. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-34, 2003.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 1ª edição eBook São Paulo: Brasiliense, 2017.

OLIBONI, Samara Pereira. **O bullying sob o entendimento de adolescentes**: reflexões e construções. Curitiba. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11.,

2013. Curitiba. Disponível em:

<http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/10440_6790.pdf>. Acesso em 15 maio 2018.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S.. Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. **Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 329-338, jul/dez. 2013.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200015>. Acesso em: 26 agosto 2018.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.17, n. 2, p. 247-254, jun. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200008>. Acesso em: 15 maio 2018.

URURAHY, Fernanda. **Reféns do silêncio**: uma visão diferenciada da gestalt-terapia sobre o bullying. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GESTALT-TERAPIA, 14., Rio de janeiro, 2015.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

“A visão dos professores sobre o *bullying* no contexto escolar: uma discussão a partir da Gestalt-terapia”

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Prof. Ilsimara Moraes da Silva

Telefone: (61) 3966-1474 / Email: ilsimara.silva@ceub.edu.br

Pesquisadora assistente [aluna de graduação]: Daniella Santiago Andrade

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas caso queira desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) desse estudo, você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida autorizar a participação, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

O objetivo deste estudo é discutir a visão dos professores acerca do *bullying* no contexto escolar, na perspectiva da Gestalt-terapia.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder as questões realizadas pela pesquisadora;
- As entrevistas serão gravadas em áudio, com o objetivo de facilitar o trabalho da pesquisadora;
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo;
- A pesquisa será realizada com professores voluntários que se disponibilizem para participar.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui risco médio que são inerentes ao procedimento de entrevistas, que eventualmente podem mobilizar conteúdos emocionais. Ressalta-se, entretanto, que a pesquisadora estará disponível a conversar sobre desconfortos que possam surgir durante a coleta de dados, realizando devidos encaminhamentos que se fizerem necessários;
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisará realizá-lo ou mesmo poderá abandoná-lo se assim lhe aprouver, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo;
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre o fenômeno *bullying*, no contexto escolar, e certamente contribuirá para a formação e aprimoramento profissional da pesquisadora.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar;
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis;
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo;

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelo pesquisador e orientador e não será permitido o acesso a outras pessoas;
- O material com as suas informações (registros de áudios, entrevistas etc;) ficará

guardado sob a responsabilidade da pesquisadora Daniella Santiago Andrade com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa;

- Sua identidade não será revelada;
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.
- Ao final, os resultados do estudo poderão ser apresentados e discutidos com os participantes, se assim lhes aprouver.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Você poderá também entrar em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____ após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Responsável pela pesquisa: Profa. Ilsimara Moraes da Silva, telefone institucional (61) 3966-1200

Orientanda: Daniella Santiago Andrade e-mail: danisantiago21@gmail.com

Endereço das responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907 – Campus Asa Norte – Bloco 9

Brasília – DF

Telefone da Coordenação de Psicologia: (61) 3966-1474

Declaro que AUTORIZO a minha participação na pesquisa. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas acerca da pesquisa.

Nome

Assinatura do Participante

Data

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com a pesquisadora, conforme abaixo:

Nome: Daniella Santiago Andrade

Telefone/e-mail: (61) 99317-2615 – danisanitiago21@gmail.com

Qualquer dúvida em relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê de Ética em Pesquisa do UNICEUB.

Centro Universitário de Brasília – UNICEUB

Endereço: SEPN 706/906, Asa Norte/ Brasília/DF.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de identificação do participante:

Participante: (nome fictício)

Idade:

Sexo:

Formação:

Tempo de docência:

Qual disciplina leciona:

Quem são seus alunos: (série, idade, onde moram)

Questões norteadoras:

1. O que você entende por *bullying*? Como você descreveria o *bullying* entre crianças e adolescentes? (Que tipos de *bullying* ocorreram no contexto escolar? Em que situações costumam aparecer aqui?)
2. Fale-me um pouco sobre situações de *bullying* com que você se depara ou já se deparou no contexto escolar. (Como você lida ou lidou com esses eventos?)
3. Na sua opinião, o que justificaria a ocorrência desse fenômeno entre crianças e adolescentes no contexto escolar? (Quais são as variáveis ou as condições associadas a esse fenômeno no contexto escolar?)
4. Como vocês lidam com esse fenômeno aqui na escola? (autor, vítima e testemunha; família; preparação dos professores para lidar com os eventos, etc...)
5. Quais são os maiores desafios na abordagem ao *bullying* na sua opinião?
6. Se você fosse criar algum programa para lidar com eventos de *bullying* no contexto escolar, o que faria?
7. Gostaria que você me falasse um pouco como você compreende os autores de *bullying*.

ANEXO I

Entrevista Participante 1

Nome Fictício: Roberto

Idade: 54

Formação: Economista, licenciatura em matemática e pós-graduado em educação inclusiva

Tempo de docência: 11 anos

D: “Roberto” né, seu nome? **R:** Isso **D:** “Comé” que você, você, quantos anos você tem? **R:** 54 anos **D:** Cinquenta e quatro...A sua formação? Pedagogo...É? **R:** Não, eu sou, economista, licenciado em Matemática e pós graduação em Educação Inclusiva **D:** Uhum, ok...E tempo de docência? **R:** 11 anos **D:** Uhum...Qual a disciplina, Matemática? **R:** Matemática...Matemática e Ciências né, mas, a carreira básica é Matemática **D:** Uhum... tá! E aí “cê” poderia me contar um pouquinho do seu, dos seus alunos? Quais...Qual idade tem, quantas turmas...Mais ou menos por alto... **R:** É, não, esse ano eu ministrando “prá” quatro nonos anos... **D:** Uhum **R:**...E 2 sétimos anos, são turmas de retenção, quatro nonos anos e 2 sétimos anos dá em média aí, 4, 6, 4, 240 alunos... **D:** Uhum **R:**...São 6 turmas aí de...Pode botar... **D:** Tá **R:**...240 alunos na média aí **D:** “Cê” pode me explicar “comé” que é essa turma de retenção? “Prá” eu entender um pouquinho... **R:** Não, é, o “que que” é a turma de retenção, na verdade o governo agora, tem uma política social educacional... **D:** Hum **R:**...Onde não há, não há reprovação... **D:** Hum **R:**...As retê...é...Os anos pares, sextos anos e oitavos anos eles não reprovam... **D:** Uhum **R:** ...Eles avançam a, o ano seguinte, e nos anos ímpares que são os sétimos anos e nonos anos, eles poder ser retidos, para não ficar reprovados, mudaram de reprovação para retidos, que é a mesma coisa... **D:** Uhum **R:**...Então eles podem ficar retidos, que “prá” nós os professores, no meu ponto de vista, que tenho docência já há algum tempo, a pior coisa que existe, você não, nós temos uma, situação muito difícil porque os alunos “entra” nos anos pares... **D:** Uhum **R:** ...Com a ideia de que já “está” aprovado, então se eu estou aprovado, porque que eu vou estudar? **D:** Uhum **R:** Então é muito complicado, os professores têm até muita dificuldade em dar aula, porque “Psô eu não vou fazer esse dever”... **D:** Uhum **R:** ...“Já estou aprovado” **D:** Uhum **R:** Então, é ruim para o aluno, para o estado e para o profissional, comé que o profissional trata com a situação dessa? comé que vai chamar atenção do aluno que já está aprovado? Então num tem nem como você cobrar, né? **D:** Uhum **R:** Então ficou muito difícil, mas eu dou aula pros alunos da retenção, que pode ser reprovados, são sétimos

34 anos e nonos anos **D:** Entendi...E aí mais ou menos qual a idade desses alunos? Do quarto ao
35 nono, segundo ano, e sétimo ano? **R:** Dos sétimos anos, é de 12, vai de 12 a 14 anos... **D:**
36 Uhum **R:** ...É 14, 15, porque os de 15 que num consegue a gente manda “prá” de noite, então
37 pode botar 14 anos... **D:** Tá **R:** ...E os dos nonos de 13 a 16 anos, as, as dos nonos anos né?
38 **D:** Uhum **R:** 13 a 16 anos **D:** Nono ano agora é que é o último antes do ensino médio né? **R:**
39 É o último ano é, que seria a oitava série **D:** antiga né **R:** antiga né, são os nonos anos agora
40 **D:** certo e os sétimos são as sextas séries antigas **D:** sextas? Ah o sétimo **R:** É, os sétimos
41 anos **D:** porque trocou né? **R:** É, porque aumentou o nono lembra? **D:** Entendi **R:** Aumentou
42 o nono né? **D:** tá...é...”Roberto”, o que você entende por *bullying*? **R:** É uma, é um
43 neologismo né, nos dias de hoje, isso já existia tempos atrás, eu sou aluno, dessa escola aqui,
44 estudei nessa escola, e, eu mesmo sofri *bullying* nessa escola, quando eu era aluno, só que
45 antigamente não tinha esse nome de *bullying* né?... **D:** Uhum **R:** ...Era chacota né, era “
46 mangar” da pessoa... **D:** Uhum **R:** ...E, hoje em dia dando outro nome para isso tem até leis
47 que coíbem isso, antigamente não a gente resolvia em sala de aula né, a professora dava ali
48 um jeito na situação, a direção, ou então a gente resolvia com o próprio aluno né, as vezes
49 brigava né, ou, delatava, falava com o pai e com a mãe, hoje em dia a gente tem as leis que
50 possam coibir a questão do *bullying* né? **D:** Uhum **R:**...Então hoje as pessoas estão muito
51 mais “informada” do *bullying* do que antigamente, antigamente não tinha essa concepção de
52 *bullying*, então a gente dava uma outras solução, hoje em dia , temos as leis legais para que
53 “possa” resolver isso né... **D:** Uhum **R:**...A direção, é consciente da questão, a nossa escola
54 faz um trabalho muito bem acerca do *bullying* né... **D:** Uhum **R:** ...Mas existe, sempre existiu
55 e sempre vai existir, em menor, média ou grande escala, sempre vai existir **D:** Uhum...E como
56 que você definiria o *bullying* hoje nos dias atuais? **R:** Ele não mudou, só mudou a roupagem
57 né... **D:** Uhum **R:** ...Já existiu, então *bullying* hoje eu acho que ele é menos maléfico do que
58 no passado, porque no passado nós não tínhamos o que recorrer, hoje nós temos as leis, a
59 informação nos ajuda, antigamente nós não tínhamos isso, nós éramos leigos a cerca disso...
60 **D:** Uhum **R:**...Então a resolução era mais por debaixo dos panos né... **D:** Uhum, **R:**...Então **D:**
61 Entendi **D:** é, você, você conseguiria descrever “prá” mim esse, essa, o *bullying* entre
62 adolescentes, como ele ocorre aqui na sua escola? **R:** Sim, claro!... **D:**...Experiência? **R:**
63 ...Exemplo... **D:** Hum **R:**...O que eu vejo com essa questão do, do gênero, muitas crianças,
64 que “é” terrível, “prá” gente, nessas idades de sétimo ano e nono ano... **D:** Uhum **R:** ...É, com
65 a mídia que nós temos no Brasil, a questão da homossexualidade aflorada, e agora saindo do
66 armário, o acesso a mídia que eles tem toda a mídia, televisiva, falada e tudo mais, eles é,
67 perderam o medo que tinham no passado, de assumir a sua sexualidade, então muitos dos

68 jovens hoje assumiram a sua, homossexualidade, então, e isso, mas para os que não são
69 homossexuais, tratam os homossexuais de uma forma, na chacota, no *bullying*, realmente
70 existe o preconceito, “Ah n exi...”, existe sim o preconceito, ele é visto em sala de aula, o
71 aluno que tem essa tendência para a homossexualidade, as pessoas fazem *bullying* contra ele,
72 faz a separação, faz o “Apartheid”... **D:** Uhum **R:** ...Lógico que, que em menor escala de
73 como era antigamente, antigamente ninguém assumia, mas existia, mas hoje, com essa, essa
74 digamos assim, a pessoa passou a assumir, existe o *bullying* ainda dentro da sala de aula, e
75 agora, as pessoas hoje tão muito mais informadas, os professores, isso depende de cada
76 mestre, exemplo, em sala de aula eu vejo, pelo menos nas minhas turmas, eu não permito
77 *bullying*, não permito, eu o coíbo rigidamente, não tem, e se eu perceber que tá existindo
78 algum *bullying* lá eu corto pela raiz, na hora, não permito! **D:** Quais atitudes que geralmente
79 você consegue perceber? **R:** Eu puxo mais pelo caráter, eu, eu trago ao aluno, a uma reflexão,
80 se fosse um parente dele né, é, é alguém muito ligado a ele, se ele gostaria, que fosse feito o
81 que ele está fazendo com a pessoa fizesse com ele ou algum parente dele, eu falo a ele que as
82 leis são coibitivas, que a escola não permite esse tipo de coisa, não permite, em hipótese
83 nenhuma, isso é falado aí nas nossas reuniões com a direção e tudo mais, então
84 essa...é...eu...a, a minha forma de coibir é conscientizando o aluno que todos nós somos
85 iguais, que não pode haver esse tipo de distinção, cada um tem que viver a sua própria vida,
86 então eu vejo que essa questão do *bullying* ela é feita mais nos intervalos, ou fora de sala de
87 aula, porque quando o professor ele é um professor, ele não vai permitir, nas minhas turma eu
88 não permito, mas tem alguns professores que porque não tem o domínio de sala de aula, o
89 *bullying* acontece dentro da sala de aula, dentro da sala de aula, não vou dizer que são todos,
90 mas muitos, acontece, porque não tem domínio de sala, no meu caso eu não permito, eu faço a
91 conscientização **D:** Uhum...E geralmente, “comé” que, quando que ele aparece? Assim de que
92 forma né? É na fala dos alunos, são em atitudes? “Cê” poderia citar algum exemplo? **R:** Tanto
93 na fala como na atitude... **D:** Uhum **R:** ...Tanto na fala como na, na atitude, exemplo, na fala
94 eles falam como eu falei no meu caso, mais no intervalo, nas horas de brincadeira, falam até
95 brincando, brincando, mas ofende as pessoas, quer dizer eu já sofri *bullying* nessa escola, é,
96 alguém me chamou de, na época, de dentuço... **D:** Uhum **R:**...Eu fiquei tão constrangido que
97 me chamavam de dentuço que eu não conseguia ler, a “Psôra” de português pedia “prá” eu ler
98 uma frase, um livro e eu não conseguia, eu fiquei traumatizado até a faculdade... **D:** Uhum **R:**
99 ...Até o dia que eu entendi que aquilo ali, eu tinha que vencer essa barreira... **D:** Uhum **R:**
100 Mas eu passei anos e anos né com essa questão de que me chamavam disso, eu acha que era
101 isso, e não consegui superar isso, mas um dia eu tive que superar, então eu sofri, tudo isso

102 acontece também nos dias de hoje, acontece, quer dizer, teve uma, tem um menina, que ela
103 veio de uma, de um outro estado “prá” cá... **D:** Uhum **R:**...E uma colega dela fazia *bullying*
104 com ela, não em sala, fora da sala de aula, mandando bilhete, mandando bilhete, e eu fiquei
105 sabendo disso, e eu fui lá, chamei a moça que mandava os bilhetes a parte, e falei olha, você
106 não tem o direito de fazer isso **D:** Era da sua classe? **R:** Da minha classe, se você fizer isso eu
107 vou chamar a lei e você vai ter que responder perante a lei o que você está fazendo, vou
108 chamar o seu pai e sua mãe... **D:** Uhum **R:**...Não foi preciso chamar o pai e a mãe, aí a moça
109 me pediu desculpa, e, disse que num ia fazer mais isso com aluna, e realmente isso acabou,
110 não tem mais, até mesmo a moça que sofria o *bullying* falou “Psôr, aquilo acabou”... **D:**
111 Uhum **R:**...Tinha um outro *bullying* também, que foi aluno de sétimo ano, que ele é um
112 menino assim muito, muito dedicado, inteligente, ele é um menino inteligente... **D:** Uhum
113 **R:**...Muito aplicado, e por ele saber, digamos demais, e fazer todas as lições, a turma ficava
114 fazendo *bullying* com ele... **D:** Uhum **R:**...Não queria que ele respondesse os exercícios, que
115 ele fosse no quadro responder as perguntas, porque ele deixava a turma em maus lençóis, já
116 que ele se destacava... **D:** Uhum **R:**...Então o menino queria sair da escola, eu peguei ele na
117 turma, no primeiro dia da turma, aí deu uma repreensão na turma, digo olha, esse aluno aqui é
118 o melhor alunos que eu tenho, vocês tem se espelhar nele... **D:** Uhum **R:**...Porque aqui
119 ninguém é melhor do que ninguém, você pode ser igualzinho a ele, basta você querer estudar,
120 matéria é a mesma, o professor é o mesmo, a diferença está na matéria prima que é o aluno...
121 **D:** Uhum **R:**...Então eu não aceito nenhum tipo de *bullying*, se a partir de hoje ele me
122 reclamar que alguém falou alguma coisa contra ele, vai se entender comigo, eu vou chamar a
123 direção, vou chamar o pai, vou chamar a mãe, vamos transferir de escola, isso não é atitude de
124 aluno!... **D:** Uhum **R:**...Recebi agora tem uma semana, um aluna que veio de um outra escola
125 de sobradinho... **D:** Uhum **R:**...Porque a menina fazia todos os deveres lá, e os alunos não
126 “queria” que ela fizesse os deveres, até quando ela mudou de escola, veio “prá” cá por causa
127 desse *bullying*, porque no recreio os alunos queriam bater nela porque ela fazia os deveres,
128 quer dizer, ninguém pode querer ser bom ou ser aplicado, que sofre *bullying* por causa disso,
129 então é i-na-dmissível, eu falei “prá” ela que nessa escola aqui ela não ia sofrer esse tipo de
130 *bullying*, iria sofrer se ela não fizesse os exercícios... **D:** Entendi **R:** ...Então isso foi feito **D:**
131 Uhum, tá certo...Hã...Bom, a outra pergunta é sobre situações de bulllyng que você já se
132 deparou, ou se depara no contexto escolar, né, como você lidou com esses eventos, acho que
133 “cê” já falou, tem mais algum? **R:** Hoje é mais, a gente faz mais a questão da brincadeira né,
134 da brincadeira, uns é, é, entende a brincadeira mas outros não entende a brincadeira né... **D:**
135 Sim **R:**...E, nós temos alunos que deixa, alguns tão deixando de vir “prá” escola por causa do

136 *bullying*, que inclusive o pessoa do SOE tem que entrar em contato com a família “prá” pedir
137 que o aluno venha, que ele não vai mais sofrer esse tipo de *bullying*... **D:** Uhum **R:**...Então
138 tem uns que “leva” tranquilo, mas tem outros que, não consegue né... **D:** Uhum **R:**...Superar
139 essa questão **D:** Certo...É na sua opinião, o que justificaria a ocorrência desse fenômeno
140 dentre crianças e adolescentes no contexto escolar? **R:** O que, o, o que, o que aconte..., o
141 que...? **D:** O que justificaria a ocorrência de *bullying*, no contexto escolar? **R:** Não, o que
142 justifica é o que nós somos hoje em dia, por exemplo, o que que justifica uma brincadeira? É
143 o outro aluno dar espaço “prá” que ele possa, alguém possa brincar com ele... **D:** Uhum
144 **R:**...Só que alguns é, dá espaço para brincar, só que, que quando alguém brinca com ele tá
145 tudo bem, quando ele vai brincar com a mesma pessoa, aí existe a, digamos assim a,
146 repelência, o outro não aceita a brincadeira... **D:** Uhum **R:**...Então “num” vejo nenhuma
147 causa, uma causa, que possa justificar o *bullying*, não, “num” tem, “num” existe, “num” vejo
148 uma causa, digamos assim, “comé” que se fala, que pode, levar, o aluno a fazer *bullying* com
149 o outro... **D:** Uhum **R:**...Não, é mais questão de brincadeira mesmo, exemplo, a questão até
150 da, da questão da cor é, de negro, preto, isso acabou, não tem mais é, “cê” leva até na
151 brincadeira, antigamente era mais acirrado, hoje em dia... **D:** Uhum **R:**...Não tem mais essa
152 questão, é apenas, são, eu ô, eu, eu diria que são, é, digamos assim, arroubos da mocidade, da
153 adolescência, da juventude, são brincadeiras escolares, que sempre vai existir, sempre vai
154 existir, quando existe o *bullying* acirrado, existe o caso do aluno não vir p escola, aí vai existir
155 a evasão escolar... **D:** Uhum **R:**...Nós temos uma equipe que trabalha com isso, mas no, no dia
156 a dia, são apenas brincadeiras, não tem uma causa e efeito é, pré estabelecida, “num” tem,
157 “num” tem **D:** Você compreenderia o *bullying* como uma brincadeira mal entendida? **R:** Sim,
158 sim, muitas vezes mal entendida... **D:** Uhum **R:**...Maldosa são raros os casos, que existe a
159 maldade, raros os casos, mas é mais é mal entendida mesmo... **D:** Uhum **R:**...No meu ponto
160 de vista, são brincadeiras de adolescência **D:** quais casos “cê” definiria como esses maldosos?
161 **R:** Exemplo, eu vejo assim quando, existe a questão da, homossexualidade envolvida... **D:**
162 Uhum **R:**...Aí são maldosos, tem alunos que não aceitam, até por uma questão de uma, de
163 uma, de uma assim, uma conduta familiar, Né?... **D:** Uhum **R:**...Tradicional, tradicional não,
164 nos nossos lares, existe a questão de que homem é homem, mulher é mulher né, então nós
165 temos essa cultura, isso é passado de pai para filho, então a criança que é criada, cresce, nesse
166 ambiente com esse contexto de, da não homossexualidade, por exemplo, depara-se com
167 alguém que é homossexual né, então ele rejeita, é normal “prá” ele rejeitar, porque aquilo ali
168 não é normal “prá” ele, então ele começa a fazer brincadeira, ele não aceita é, digamos assim
169 a amizade, não tem aquela amizade, eu vejo isso em sala de aula, os alunos são mais,

170 inclusive os alunos, os homens que tem a questão da homossexualidade, quer ser mulher, ele
 171 se relaciona muito com as meninas, as meninas “aceita” muito bem eles mas os meninos não
 172 “aceita” e vice versa, e vice versa... **D:** Uhum **R:**...Então... **D:** Entendi...Hã...Como vocês
 173 lidam com esse fenômeno aqui na, na, na escola né, no caso de preparação do curso de
 174 professores, da coordenação, orientação pedagógica, tem algum trabalho feito... **R:** tem, tem,
 175 tem **D:** ...A nível escolar? **R:** Tem, exemplo **D:** Pode me explicar um pouco? **R:** Posso... **D:**
 176 Uhum **R:**...Exemplo, a direção, temos reunião com os nossos, com a equipe pedagoga acerca
 177 do *bullying*, temos semana que, passamos a semana todinha falando sobre *bullying* é, temos é,
 178 cartilhas né... **D:** Uhum **R:**...Cartilhas, palestras sobre *bullying*, já vimos aqui, pessoas dá
 179 palestra sobre *bullying* aqui, informando o que que é, falando o que pode e o que que não
 180 pode, “comé” que existe isso, “comé” que a lei trabalha acerca disso, então a nossa escola,
 181 graças a Deus ela é bem digamos assim, informada, a questão do *bullying*, nós trabalhamos
 182 isso em todos os anos aqui, isso aqui nós não temos que reclamar, é bem feito aqui, nós não
 183 permitimos... **D:** Entendi **R:** ...Não permitimos **D:** tá certo **R:** A gente não consegue coibir
 184 todos os casos, mas nós não permitimos, o que é detectado, a equipe pedagógica vai em cima,
 185 a direção também e o professor também **D:** Tendi, enquanto equipe escolar mesmo? **R:** É um
 186 conjunto, a gente trabalha aqui em conjunto **D:** Uhum, então esse professor que tá lá na ponta,
 187 na sala de aula tem esse apoio... **R:** Tem, todo apoio! **D:** ...Escolar **R:** Tem todo apoio! **D:** Os
 188 profissionais da escola “prá” atuar diante do *bullying*... **R:** Sim, tem, tem todo apoio! De
 189 direção, nós temos todo o apoio total, é irrestrito isso aí pra gente **D:** Uhum, certo!...É...Quais
 190 os maiores desafios na abordagem do *bullying* na sua opinião? **R:** Da abordagem do *bullying*?
 191 **D:** É **R:** Os maiores desafios que eu acho é na questão social, exemplo, nós vemos *bullying*
 192 aqui de pessoas que veio de uma extrema pobreza... **D:** Uhum **R:** ...Que não tem o que comer
 193 em casa, os alunos começa a, o *bullying* com essa pessoa né... **D:** Uhum **R:** ...Ah, lá tem o
 194 sem terra, aquele que não tem nada... **D:** Uhum **R:** ...Nós temos a dificuldade de abordar até
 195 por uma questão cultural, então, nós tentamos é, digamos assim, co, é, chamar esse aluno a
 196 parte, nunca conversar no meio do povo né, trazer a parte ele, aí nós temos a equipe
 197 pedagógica, a equipe é, de, pessoal que trabalha na, na área de assistência social **D:** “Cê” fala
 198 do praticante de bull né? **R:** Do praticante e do que sofre *bullying* entendeu? **D:** Uhum **R:**
 199 Trabalhamos nas duas partes... **D:** Uhum **R:** ...E, a gente tenta, digamos assim, conscientizar
 200 né, é conscientização, não tem outra forma... **D:** Uhum **R:** ...”Cê” “num” pode é, “cê” não
 201 tem como você coibir, mas “cê” tem como conscientizar... **D:** Uhum **R:** ...Então, pensa na
 202 nossa dificuldade de abordagem é até de saber quem é que tá fazendo, porque você sabe que
 203 existe... **D:** Uhum **R:**...Mas nós não temos os nomes de quem faz isso, quando nós

204 encontramos os nomes, aí sim a gente vai tratar a questão do *bullying* **D:** E geralmente essa
205 intervenção ela ocorre mais com o autor ou com o alvo de *bullying*? **R:** Os dois, com os dois,
206 com um e com o outro, as vezes até nós colocamos os dois juntos “prá” confrontar um com o
207 outro... **D:** Uhum **R:** ...Na questão do confronto é, explicar “prá” um e pro outro que não pode
208 fazer *bullying*, não pode, e o que está sofrendo sempre denunciar quem tá fazendo *bullying*...
209 **D:** Uhum **R:**...Uma vez que ele denuncia quem tá fazendo *bullying*, *bullying* nós temos como
210 coibir... **D:** “Tendi” **R:**...A pessoa que está fazendo *bullying*, então, essa é a forma de nós
211 tratarmos aqui **D:** E, como que você definiria as testemunhas de *bullying*? Ou espectadores
212 né, não sei como você vai chamar aí... **R:** É, as testemunhas, ninguém, ninguém gosta de se
213 envolver né, mas, é, quando eles não fazem isso diretamente, eles fazem indiretamente, o
214 professor que eles tem, que eles tem, confiança, eles vão até o professor, e já aconteceu
215 comigo, eles falam “Oh professor, ah é, eu vou contar uma coisa aqui para o senhor, mas o
216 senhor não conta “prá” ninguém, tá havendo esse *bullying* com fulano de tal, a gente tá
217 sabendo disso, mas a gente não pode falar porque, senão a gente é ameaçado, o senhor pode
218 tomar alguma providência, sem citar o nosso nome?”, eu falo, claro, me dê a turma, me dê o
219 aluno, nós chamamos o aluno a parte, nós conversamos com ele, mas sem falar quem foi que
220 informou, mas isso acontece, agora, é preciso que o aluno tenha confiança no professor, caso
221 contrário ele não leva o caso adiante, mas se ele confiar no professor, ele informa a questão do
222 *bullying*, informa, nós tomamos providências **D:** Entendi, é, que tipos de *bullying* você
223 conhece? **R:** Que tipo de *bullying*? **D:** É **R:** Que acontece na escola ou que eu conheço? **D:**
224 Que você conhece **R:** Não, tem *bullying* de tudo quanto é jeito né... **D:** Uhum **R:** ...Tem é,
225 (risos), é, os *bullies* sociais, classe baixa... **D:** Uhum **R:** ...Questão de cor né, cor, questão
226 da sexualidade né... **D:** Uhum **R:** ...Quem são homossexuais, transgêneros, trans, transgêneros
227 né? **D:** Uhum **R:** Agora, existe também, é, a, eu nunca pensei que isso iria existir... **D:** Hum
228 **R:** ...Antigamente chamava o cara de “cdf” né, menino “cdf”, hoje em dia o cara não pode
229 nem querer saber um pouco mais que ele sofre *bullying* **D:** Uhum **R:** você sabe demais você
230 não pode ficar nessa turma, “cê” tem que ir prá uma outra escola quer dizer, isso é um
231 absurdo, nos devíamos elogiar essas pessoas, outra vez tivemos que tirar e receber alunos de
232 outra escola. Então, tem, são vários “enes” tipos de *bullying* né, até, tem até professor que
233 sofre *bullying* porque ele torce “prá” um time que “Uzôto” “num” gosta... **D:** Uhum **R:** ...Tem
234 até *bullying* de partido político, imagine um negócio desse, nós tivemos esse tipo de *bullying*
235 aqui, ah aquele cara é do PT num vou nem conversar com ele, ele é tal, do partido tal, tem,
236 existe isso... **D:** Uhum **R:** ...São vários tipo de *bullying* né, a abordagem, o leque é muito
237 grande, não tem como você... **D:** Uhum **R:** ...Pautar ou definir **D:** “Cê” acha que professor

238 também sofre *bullying*? **R:** Sofre, sofre *bullying*, com certeza, “cê” pode apostar **D:** De que
 239 forma ele acontece? **R:** É logico mas de forma menor que os alunos né... **D:** Aham **R:** ...O
 240 professor já é mais consciente, mais estudado né... **D:** Uhum **R:**...Ele tem mais, mas sofre né,
 241 exemplo, é, tem, tem professores que as vezes nós evitamos de conversar com ele... **D:** Uhum
 242 **R:**...Porque ele veste a camisa de um partido tal, porque você não concorda com o partido tal,
 243 se você conversar com ele, existe briga, então existe um *bullying* de você deixar a pessoa no
 244 ostracismo, isolar a pessoa, que tudo q “cê” vai conversar, dá briga **D:** Deixar a pessoa em que
 245 que cê falou? No ostracismo **R:** No ostracismo **D:** Ah, uhum **R:** É, separado **D:** Uhum **R:**
 246 Fazer o “Apartheid”... **D:** Uhum **R:**...Tipo aquele ali a gente num pode conversar porque toda
 247 conversa dá em briga por causa disso **D:** Mas “cê” fala que é *bullying* entre os professores? **R:**
 248 Sim, existe **D:** Ah tá **R:** Existe, existe! Lógico na menor, quantidade né... **D:** Sim **R:** ...A, a
 249 proporção é bem menor mas existe, existe o *bullying* sim **D:** Uhum **R:** Existe, com certeza **D:**
 250 Mais entre professores mesmo, e equipe, do que, de aluno para professor? **R:** É, eu não sei se
 251 poderia chamar de *bullying* né... **D:** Uhum **R:** ...Eu podia chamar de seleção (risos)... **D:**
 252 Uhum **R:** ...Seleção né? **D:** Entendi **R:** Mas existe! **D:** Certo...É, eu gostaria que “cê” me
 253 falasse um pouco como você compreende os autores de *bullying* **R:** Os autores **D:** Isso! **R:**
 254 Eu, eu, eu vejo assim enquanto professor, nessa fase é, de adolescência, é difícil você dar
 255 uma, uma patologia... **D:** Uhum identificar de fato o que faz o aluno fazer o *bullying*, mas
 256 muitas vezes nós vimos, que eu falei com você, as vezes é uma questão de inveja... **D:** Uhum
 257 **R:**...Muitas vezes também é uma questão social, “o aluno tem porque que eu não posso ter?”
 258 O colega, “se o colega tem porque é que eu n posso ter?” Ele não vai entender sobre a questão
 259 social, por que o pai de um é mais, é, ganha o salário melhor do que o pai dele né, mas ele
 260 “num” quer saber disso, “porque que que ele tem e eu não tenho?” Ele passa até a perseguir a
 261 pessoa que tem e ele não tem, é uma questão até de inveja né? E...É... Comé que a pergunta
 262 mesmo? **D:** É, “prá” você falar um pouco como você compreende o autor de *bullying* **R:**
 263 Pois é, então existe muito isso, as vezes pode ser uma questão de classe social, uma questão,
 264 exemplo, é de, eu não poderia dizer que uma pessoa, que não, que não é, ele faz o *bullying*
 265 porque ele não é realizado, porque é uma idade muito que se tá em muito formação de
 266 caráter... **D:** Uhum **R:**...Então não tem como a pessoa na pré adolescência ou na adolescência
 267 ser alguém digamos assim, definido né... **D:** Uhum **R:**...Na questão do caráter, da sua
 268 concepção, estão em formação, então, é, existe muito isso, não tem como eu, eu, dar assim um
 269 caso correto, olha é por causa disso, eu vejo que é questão mesmo é, financeira, questão
 270 social, questão de quarto cultural né... **D:** Uhum **R:** ...Tem famílias aqui que vem, de baixa
 271 renda, assentamentos, né... **D:** Uhum **R:** ...Elas não fazem *bullying*, mas elas sofrem

272 *bullying*... **D:** Uhum **R:**...Tem alunos aqui que eles tem, não tomam banho, não tomam café da
273 manhã... **D:** Uhum **R:** ...Quando eles chegam aqui, eles são discriminados, discriminados,
274 então, “num” vejo, mas é uma questão mesmo de, social **D:** Uhum **R:** Social **D:** Tá, se você
275 fosse partir “prá” algum trabalho de prevenção e combate ao *bullying*, por qual linha você, por
276 onde você começaria? **R:** Palestras né? **R:** Acho que a melhor caso são as palestras, “cê”
277 trazer o aluno a realidade do dia de hoje, e sempre colocar as leis, as coibições, não pode, não
278 pode fazer... **D:** Uhum **R:**...Então o melhor meio é a, realmente é a conscientização do
279 *bullying*, conscientização com coibição... **D:** Uhum **R:** ...Só conscientizar, sem dar uma
280 penalidade, não adianta de nada, fica enorme qualquer trabalho que “cê” vá fazer, o projeto é
281 esse, conscientizar... **D:** Uhum **R:**...Então nossa escola tem tentado fazer isso bastante **D:**
282 Uhum, tá certo “Roberto”, “cê” tem mais algum comentário a fazer sobre o assunto? **R:** Não,
283 não tenho nenhum, é digo, é uma pena que o, a, os governantes, não atentam para esse fato,
284 não atentam, nossos governantes trabalham com a questão do IDHEB né, o índice de
285 educação... **D:** Uhum **R:**...Que é totalmente incorreto, errado, o que eles querem são números,
286 nós queremos que o pessoal aprenda... **D:** Uhum **R:**...Ou seja, tenham uma educação de
287 qualidade, então o nosso grande problema, “o meu” grande dificuldade enquanto professor é o
288 não investimento na questão da educação, nós sabemos que toda a base de um país parte
289 principalmente pela educação, que o governo não dá, digamos assim, nenhum respaldo para
290 isso, eles fazem, na teoria são muito bons, mas nas práticas nós vemos que é totalmente
291 diferente... **D:** Uhum **R:**...Nós “tamos” caminhando para, caminhando não, nós já estamos na
292 UTI educacional, basta desligar os aparelhos, então, pode reverter o quadro, pode, vai
293 demorar um tempo, 40, 50 anos “prá” mudar isso, aí... **D:** Uhum **R:**...Mas se não houver
294 políticas sociais, a tendência é, de mal a pior, me parece que o que nós vemos no dia de hoje,
295 que o estado vê a educação da seguinte forma, quanto pior, melhor! **D:** Uhum...Uma pena né?
296 Mas... **D:** Bom “Roberto”, a minha entrevista é... **R:** Ah só, inclusive... **D:** Sim **R:**...Tem
297 muitos professores de contrato temporários e outros que nós conhecemos que queriam ser
298 professores, e não querem entrar na área da educação por causa das políticas sociais que não
299 existem, então tem muitas pessoas boas, mestres mesmo, que estão abandonando a educação,
300 porque não há investimento nenhum, educacional, nem na questão de aluno, projetos,
301 educacionais, nem enquanto também a questão de, digamos assim de carreira né... **D:** Uhum
302 **R:**...Educacional, nós não temos um plano de saúde, nós não temos, estamos mesmo ao
303 relento **D:** Valorização do professor né? **R:** Não existe valorização! **D:** Uhum **R:** Cobra-se
304 muito mas dá-se muito pouco **D:** Uhum, tá certo!...Então Professor “Roberto” a minha
305 entrevista né, se encerrou aqui, o meu roteiro, eu queria te agradecer muito... **R:** Certo

306 **D:**...Por ter colaborado aí com o meu estudo, tá? E, eu queria esclarecer que né o seu nome,
 307 nada dos seus dados pessoais vão aparecer, isso aqui é só mais para tabulação de dados tá? E
 308 Nem muito menos dados escolares tá, não vai ser, é, citado o nome da escola, você “tá” aqui
 309 como professor voluntário né, da rede de educação pública, que eu entrevistei “prá”, “prá”
 310 saber a experiência sua com *bullying* aqui **R:** Certo...A minha pergunta então prá você é
 311 (risos)...Ficou alguma coisa em dúvida? **D:** Não **R:** Alguma resposta que ficou mal
 312 respondida? **D:** Pelo contrário, “cê” foi bem claro, e, e, bastante experiente, acho que
 313 contribuiu muito “pro” meu trabalho assim, a gente faz todo um levantamento de, de pesquisa
 314 né, de, de revisão de literatura, antes de vir a campo fazer as perguntas, e, a gente, é, é um
 315 pouco diferente do que você vê em livros e pesquisas, como você conversar com o professor
 316 mesmo ao vivo **R:** Teoria é uma coisa, prática é outra né? **D:** É **R:** É por isso que nós temos
 317 problema na educação **D:** Algumas coisas se encontram, mas algumas coisas não **R:** É porque
 318 os pensadores da educação nunca são práticos na educação... **D:** Uhum **R:**...Sentado na sala,
 319 fazer leis, projetos de educação é muito fácil, mas nunca chamam quem está na prática “prá”
 320 fazer os projetos de educação... **D:** Uhum **R:**...Então teoria é uma coisa, prática é outra, nós
 321 sofremos demais com isso! **D:** E a pesquisa ela vem contribuir muito né, que você vem ouvir
 322 a ponta, você vem ouvir quem tá atuando de fato, diariamente com adolescentes, com pré
 323 adolescentes, com desafios, que vocês tem muitos desafios né... **R:** Muitos **D:** Enquanto
 324 equipe escolar, enquanto professor, é família, vocês tão inserindo, um ser humano na
 325 sociedade né **R:** Os piores casos que estamos tendo de *bullying*, de *bullying* e questão de
 326 aprendizado, na educação hoje, chama-se família... **D:** Uhum **R:**...Destruição dos lares, 90%
 327 dos nosso problemas com aluno, de tudo quanto é espécie, evasão escolar, e outros mais,
 328 *bullying* e tudo mais, chama-se destruição dos lares, destruição das famílias... **D:** Uhum
 329 **R:**...Os pais não conseguem acompanhar, porque são lares di-vi-di-dos, nós temos alunos
 330 aqui, que querem se suicidar... **D:** Uhum **R:**...Casos críticos mesmo... **D:** Uhum **R:**...Nós
 331 temos que trabalhar a parte, pela questão da destruição familiar... **D:** Uhum **R:**...É o nosso
 332 maior problema hoje na educação, chama-se destruição dos lares **D:** Uhum **R:** Terrível **D:**
 333 você, você faria alguma ligação disso com o *bullying*? Do, do suicídio? Até foi bom “cê” ter
 334 falado, porque a gente vê muitos casos da mídia né, que alunos querem se suicidar, ou que
 335 voltam a sua escola de origem “prá” se vingar dos que fizeram *bullying* **R:** Existe, eu fiz uma
 336 pergunta, todo ano, todo ano, eu pergunto... **D:** Hum **R:**...Para os meus alunos no início do
 337 ano, é se eles, onde é que eles moram, a localização... **D:** Uhum **R:**...Prá saber de onde é que
 338 vem, “prá” já até fazer um mapeamento, de algum tipo né, se você veio de um condomínio de
 339 renda alta, eu sei que a educação dele é uma... **D:** Uhum **R:**...O tratamento é um, se veio de

340 baixa renda é outra história, mas nós temos é...Nós temos casos aqui, que eu fiz uma pergunta
341 pro aluno, se ele morava com o pai e a mãe, ele falou assim “Olha, eu quero que meu pai
342 morra”...Que situação!... **D:** Uhum **R:**...Então nós temos que tratar até até com isso,
343 destruição de lar, e tem alunos que sofre sobre isso, fala assim ó você não tem pai, só tem
344 mãe, você é filho de chocadeira, a gente escuta isso **D:** Uhum **R:** É terrível né? **D:** Uhum **R:**
345 Mas acontece tá? Isso aqui “prá” gente é a pior coisa que tem, nos conselho de classe, “cê”
346 “prá” fazer o conselho “cê” chora, é cada caso, “cê” entende porque o aluno tira zero na
347 prova, porque ele não tem cabeça “prá” trabalhar, não tem pai, n tem mãe, perdeu a avó, a
348 mãe “tá” presa, o pai “tá” preso, “comé” que você trata quando um aluno desse, quando ele
349 quer se suicidar...Como você ensina Matemática “prá” um menino desse? “Num” tem, então
350 eu tenho que avaliar o aluno, falar ó, problema todo mundo tem, a vida “num” pára para os
351 nossos problemas, tenho que avaliar você pedagogicamente, quem vai avaliar
352 emocionalmente é a equipe q trabalha com a gente, agora enquanto sala de aula, só posso
353 avaliar pe-da-go-gi-ca-men-te, por isso que eu num quero nem saber de problema de aluno,
354 não é que eu sou insensível, que se eu for me envolver, eu não vou ser professor, não tem
355 como ser professor, tem caso que você chora, chora mesmo **D:** Uhum **R:** tendeu? **D:** “Tendi”
356 **R:** tudo bem, querida? **D:** Tudo bem “Roberto” **R:** Ajudei? **D:** Demais, foi um prazer viu
357 conhecê-lo e entrevistá-lo, muito obrigada viu? **R:** De nada, tenha um bom dia **D:** Um bom
358 dia “prá” você também!

ANEXO II

Entrevista Participante 2

Nome fictício: Lucas

Idade: 30 anos

Formação: licenciatura em matemática

Tempo de docência: 5 anos

Nome fictício da orientadora a qual o entrevistado se refere na entrevista: Kátia

D: Bom “Lucas”, é, “comé”, qual a sua idade por gentileza? **L:** 30 anos **D:** Trinta anos **D:** Qual que é sua área de formação? **L:** Matemática, licenciatura **D:** Matemática...E a, e quais são suas, as suas experiências em sala de aula? Quais turmas, de que ano...? **L:** Sexto e sétimo ano, eu “tô” com dois anos de experiência...De, na escola pública **D:** Aí isso geralmente é qual faixa etária de idade? **L:** de 12, 13 anos, 11, 12, 13 anos **D:** Uhum...de 11 a 13 anos **D:** Quanto tempo que você é professor? **L:** Tem uns 5 anos e na secretaria eu “tô” com 2 **D:** Tá...A disciplina q “cê” leciona é só matemática mesmo? **L:** Só Matemática **D:** Matemática né?...Certo! **D:** Hã...O que que você entende por *bullying*? **L:** Eu entendo, pela própria palavra, o, a idéia de constrangimento **D:** Uhum **L:** Né, e aí na, nas associações que eu venho, na pesquisa que a gente faz, o *bullying* é constrangimento que gera coisa, é, aquele, aquela, resposta pública...né? **D:** Uhum, **L:** ...A pessoa sofre publicamente...É a minha idéia, né, agora dentro da minha experiência de vida, eu não tenho isso muito como efeito na minha vida né, até porque assim a gente cresce dentro de um, eu mesmo como criança cresci num ambiente onde a gente “zoava” um ao outro normalmente... **D:** Uhum **L:** ...Mas, até o ponto de a pessoa se sentir mal e a ter, ser um caso como, ter a necessidade de existir uma palavra dessa, eu não cheguei a um ponto desse **D:** Uhum **L:** Né, mas sempre foi na piada, na zoeira, e a gente cresceu assim, se fortalecendo, a gente... **D:** Quando você era estudante no caso né? **L:** É, isso! **D:** E hoje você como professor, você acha que existe o *bullying*? **L:** Eu ainda acho que é, são casos extremos... **D:** Uhum **L:** ...Em casos extremos acontece o *bullying*... **D:** Uhum **L:** ...Agora é, o q eu vejo que o pessoal “tá” fazendo muito, é generalizando “prá” qualquer situação já é *bullying*, entendeu?... **D:** Uhum **L:** ...Tipo assim, o cara é, faz uma piadinha ali,

32 as vezes todo mundo pode brincar junto mas num dá porque a pessoa já se sente mal, aí já não
 33 sei, se eu tenho uma opinião errada a respeito disso... **D:** Uhum **L:**...Ou, se a, é,...É eu já num
 34 sei é, ponto mesmo, ponto, não sei se... **D:** Uhum **L:**...Já tenho uma opinião errada a respeito
 35 disso aí... **D:** Entendi **L:** ...Porque “prá” mim nem tudo “prá” mim vai ser *bullying* **D:** É, e
 36 como você descreveria o *bullying* aqui no seu ambiente escolar? **L:** Dentro do que eu venho
 37 trabalhando...Uma pessoa que ela tem “uma” certo tipo de bipolaridade, uma criança que ela
 38 tem essa bipolaridade ou ela tem deficiência intelectual...**D:** Uhum **L:** ...Isso pode gerar o
 39 *bullying*, aí assim eu já entendo que já pode existir mesmo... **D:** Uhum **L:** ...Que as crianças
 40 que são ditas normais, aí, ela vai querer “zoar” aquela que não é, não tem, que ela tem aquela
 41 deficiência... **D:** Uhum **L:**...Que é diagnosticada, que tem laudo e tudo, aí eu já vejo
 42 possibilidade de *bullying*...**D:** Uhum **L:**...Tem aquela pessoa que talvez tenha deficiência de
 43 visão, e aí ela é diagnosticada, tem que ter uma prova ampliada, pode ser que tenha
 44 “tamém”...**D:** Uhum **L:**...Eu vejo mais situações assim **D:** Entendi...É, tem alguma outra,
 45 alguma situação que aqui costuma aparecer, *bullying*? **L:** Não, não, aqui o pessoal é bem
 46 brincalhão, acho os “meninozinhos”, acho que...Pelo menos assim na faixa de 6 e 7 anos... **D:**
 47 Sim **L:**...Eu identifiquei bem brincalhão mesmo **D:** Entendi **D:** É, me fala um pouco assim
 48 sobre as situações de *bullying* que você já se deparou **L:** Já me deparei com situações de
 49 *bullying*... **D:** É **L:** Pior que é aquele negócio, eu sempre convivi “num” negó... No ambiente
 50 da zoeira mesmo assim **D:** Uhum **L:** Eu não sou muito de “zoar” sabe?... **D:** Uhum **L:** ...Mas
 51 eu presenciei que a galera brinca, entendeu? **D:** Uhum **L:** ...Eu nunca vi um caso onde a
 52 pessoa, sei lá, se sentiu muito mal ao ponto de, não sair de casa, e aí a pessoa denuncia na
 53 escola, eu nunca vi isso...**D:** Uhum **L:** ...”Tendeu”? Eu “tô” vendo muito assim, na rede social
 54 e isso tá se espalhando, e aí chega o assunto dentro de casa, “tô” vendo mais desse modo **D:**
 55 Entendi **L:** “Tendeu”? Que sempre no ambiente que eu to presente o pessoal fala “ah *bullying*
 56 é, coisa, “tendeu”, que veio de fora, essa palavra nem é daqui” Tipo isso, entendeu? **D:** Uhum
 57 **L:** Eu vejo dessa forma **D:** Entendi...Hã, na sua opinião o “que que” justificaria a ocorrência
 58 do *bullying*? **L:** O “que que” justificaria “prá mim”? **D:** É **L:** Só me organizar nessa
 59 pergunta...Que ela... **D:** Não, tranquilo! **L:**...Que Tipo assim... O “que que” justificaria a
 60 ocorrência do *bullying*... **D:** É O que que pra mim eu identifico como *bullying* assim, né? **D:**
 61 Isso, é! **L:** É aquele negócio que eu falei né, acho que essa pergunta meio que se repetiu
 62 parece, num sei **D:** Uhum **L:** Que é...aquela coisa da...Dentro da escola de novo ou...? **D:**
 63 Não, é sempre no, contexto escolar **L:** Contexto escolar **D:** Isso! **L:** De novo, é isso né, a
 64 pessoa, a criança ela tem uma deficiência intelectual aí ela sofre *bullying* por causa disso... **D:**
 65 Uhum **L:** ...Ela, as vezes é filho de pais separados, sofre, por causa disso, e aí “gera” as

66 opiniões, aí, aí eu acho que, chega, quando começa a alfinetar demais esse tipo de coisa,
67 talvez alguém ache que é o *bullying*... **D:** Uhum **L:**...Acontecendo ali já, a criança tem uma
68 família dita normal, aí a outra, sei lá, aqui não sei se tem isso, mas... **D:** Uhum **L:**...Pode ser
69 que tenha algum que tenha algum que foi adotado por casal gay, num sei, que hoje em dia tem
70 tudo né? **D:** Uhum **L:**...Aí ele foi adotado por casal gay, “Ah mas minha família é normal,
71 tradicional”, “num” sei o que”, aí vai falar que essa família não é nem cristã, sabe? **D:** Uhum
72 **L:** Esse monte de coisa que surge **D:** Entendi **L:** Aí pode ser que nesse caso, é, aí tem o
73 *bullying* mesmo, o constrangimento acontecendo **D:** Certo...É, no, algum caso que você já se
74 deparou aqui né, você, é, com o *bullying* você, como você agiu? “Cê” lembra de alguma,
75 alguma situação? Você já, já teve que lidar com alguma situação direta de *bullying*? **L:** Acho
76 que foi...Num sei se era situação de *bullying* ali **D:** Hum **L:** Mas é porque uma menina ela é
77 tipo...Ela, sabe uma menina que ela é meio bipolar? A criança meio que é bipolar? Ela tá, ela,
78 meio raivosa com qualquer coisa... **D:** Uhum **L:**...Ela fica se cortando, aí, o pessoal começou
79 a criticar ela, dentro de sala, dentro do ambiente da sala de aula **D:** Uhum **L:** Aí eu tive que
80 tirar ela de sala, deixar ela lá na direção, aí eu fiz isso, fiz esse tipo de coisa, falei não, aí
81 chamar pai e mãe “prá” conversar com a menina que tava zoando, aí tive que fazer esse tipo
82 de coisa **D:** Essa que, que você retirou ela praticava *bullying* ou ela sofria? **L:** Ela tava, no
83 caso ali ela tava sendo constrangida **D:** Ah, “tendi”...Por outras... **L:** Por outras crianças **D:**
84 outros alunos **L:** É...Aí eu vi a necessidade, tanto que eu fui separar briga delas lá fora depois
85 do final do expediente, tipo assim deu 5h50min, eu tava saindo “prá” ir embora... **D:** Aham
86 **L:**...Aí encontrei as duas puxando o cabelo uma da outra, aí falei “Gente pára com isso” só
87 entrei no meio e separei a briga... **D:** Uhum **L:**...Né, e depois mandei “prá” direção no dia
88 seguinte **D:** Entendi...E aí a história acabou bem? Comé que...? **L:** “Cabô” bem (risos), elas
89 ficaram...Que eu já entrei “zoando” também, brincando com elas, aí acabou ficando mais ou
90 menos tudo bem... **D:** Tranquilo **L:**...A gente teve que mudar ela de turma mas... **D:**
91 Mudaram, separaram as duas? **L:** É, mudaram de turma, a menina que tava sofrendo *bullying*,
92 ou algum tipo de constrangimento que eu não sei se chegou ao ponto do *bullying*... **D:** Aham
93 **L:** ...Mudou “prá” outra turma **D:** Uhum....Como você diferenciaria assim, algum tipo de
94 constrangimento, do *bullying*? Só pra eu entender “comé” que você... **L:** Na verdade eu “tô”
95 levando a palavra ao pé da letra, entendeu? **D:** Ah tá, o significado da palavra **L:** Aham **D:** A
96 tradução da palavra... **L:** É **D:**...Na verdade **D:** Entendi...Que seria? **L:** É...Eu, “tô” trazendo
97 como constrangimento, e aí como ela vem de outro lugar... **D:** Aham **L:**...Aí o
98 constrangimento é em público **D:** Entendi **L:** “tendeu”? **D:** Uhum **L:** Tipo difamação, algo
99 desse tipo **D:** Uhum **L:** Eu “tô” traduzindo dessa maneira, difamação, sabe? **D:** Então se fosse

100 algo é, por exemplo entre eu e você aqui não seria *bullying* porque eu não vou te constranger
101 em público L: É D: Seria basicamente seria essa... L: Isso é D: ...A principal diferença L:
102 Isso D: Entendi L: Difamação, né? D: Difamação, tá! L: Eu entendo dessa maneira, não sei
103 se seria assim mesmo a idéia, ou eu “tô” com a minha opinião, “comé” que é?...risos... D:
104 Não, a sua opinião mesmo que a gente queria...É a sua opinião! D: Bom, hã, deixa eu ver aqui
105 o “que que” tá faltando... Ah tá, como vocês lidam é, com esse fenômeno, enquanto
106 professores aqui na escola? L: Aqui...“Comé” que a gente faz assim...A gente põe as
107 regrinhas básicas, tipo na hora cívica, a gente já comenta né que tem que... D: Uhum L:...“Ah
108 tem que respeitar o próximo” né... D: Uhum L: ...Respeitar os coleguinhas, sem
109 agressividade, né? D: Uhum L:...A gente, nas horas cívicas a gente faz esse tipo de coisa, a
110 gente sempre comenta “prá” pessoa um respeitar o outro...D: Uhum L:...Agora quando
111 acontece , é, aí cada professor reage de uma maneira diferente, eu mesmo mando ir “prá”
112 direção e, falo “prá” chamar o pai de cada um, essas coisas assim... D: Uhum, L:...Né, quando
113 chega a um ponto que é trágico mesmo, mas geralmente, na maioria das vezes eu já resolvo na
114 sala de aula mesmo, deixo todo mundo pacífico ali tranquilo D: Já chegou a algum ponto
115 trágico assim? L: Foi o caso da briga... D: Ah, da briga L: Da briga fora lá da escola D:
116 Entendi...E vocês contam assim com outros é, profissionais da escola...“prá” lidar com o
117 *bullying*? L: Eu ainda não passei por um caso assim, de contar “prá” outras pessoas, eu não
118 sei nem aonde recorrer, eu acho que talvez a “Kátia” né, a “Kátia” é onde a gente recorre
119 geralmente quando acontece algo muito chato mesmo... D: Entendi L: ...A gente recorre à
120 “Kátia” D: Certo...É, quais são os maiores desafios na abordagem do *bullying* na sua opinião?
121 L: É identificar o “que que” é *bullying* (risos)... D: Uhum L:...Identificar quando que tá
122 acontecendo o *bullying*, “prá” mim ainda é difícil, porque eu não sei você mas eu, apesar de
123 ter meus 30 anos assim eu cresci na minha adolescência, a gente se “zoava”...D: Uhum
124 L:...Eu tinha um apelido que era de tropeço, cabeça de manga, sei lá, era um monte de apelido
125 doido, entendeu? D: Sim L: Aí assim eu, e a gente brincava, “tendeu”? D: Você acha que
126 hoje...Hã... L: A gente recebia aquele termo de apelão né?... D: Aham L:...Que geralmente
127 acontecia porque a gente não aceitava brincadeira, ficava demais, alfinetando demais aí... D:
128 Sim L: ...Aí eu zoava “tamém”, “os menino” também me “zoava”, aí ficava naquela coisa D:
129 “Tendi”...É, você acha que hoje algumas brincadeiras assim são confundidas com *bullying*?
130 L: Sim, algumas brincadeiras eu acho que são confundidas com *bullying* D: Uhum, e ao
131 contrário “tamém”, “cê” acha que o *bullying* é confundido com algumas brincadeiras e não é
132 tão levado a sério? L: Eu tenho medo de ter cometido algum erro desse tipo D: Uhum L:
133 “tendeu”? Eu posso, eu acho que talvez por não conhecer tanto... D: Uhum L:...Tenho medo

134 de ter deixado passar alguma coisa em branco **D:** Você acha que falta... **L:** Mas **D:**...“Cê” acha
135 que falta algum preparo na formação dos professores sobre o assunto? **L:** Acho que é bom
136 “tê” isso num, tipo numa, alguma disciplina “prá” f..., ou então algum tipo, sempre um evento
137 “prá” fazer esse tipo de coisa, ou na escola... **D:** Uhum, pós formação **L:** ...Não precisa
138 colocar na grade do curso não, acho que dentro da escola é sempre bom fazer um tipo de
139 debate a respeito disso, sei lá **D:** Seria enquanto formação continuada né? Um... **L:** É,
140 formação continuada **D:** Entendi...Hã, se você fosse criar algum programa “prá” lidar com o
141 *bullying*, por onde que “cê” começaria...Ou o que você faria? **L:** Humm...O *bullying*...Criar
142 algum tipo de programa né que “cê” “tá” falando? **D:** É né, de, de, de prevenção, de combate,
143 conscientização, por onde que você começaria...? **L:** Pior que eu não tenho uma projeção
144 assim de nada, agora...Que no caso “cê” tá falando “prá” criar um projeto mesmo né? **D:**
145 Uhum **L:** Dentro da escola **D:** Num sei, a sua idéia seria criar um projeto? **L:** Eu acho que...É,
146 em datas específicas era que é bom fazer isso porque entra em evidencia né o tema, aí talvez
147 eu criasse algum tipo de evento conscientizador **D:** Uhum **L:** Sabe? **D:** Sim **L:** “Prá” ir
148 trabalhar...Ah, vamo trabalhar durante essa semana e no final a gente vai “tê” uma palestra
149 sobre isso, é tipo coisinhas assim que a gente já vem fazendo aqui sobre semana da água... **D:**
150 Uhum **L:** ...Tem a semana da, da, da deficiência visual e intelectual, tem uma semana que é
151 “prá” isso “tamém”, **D:** Sim **L:** Aí, eu acho que cria uma semana dessa na escola **D:**
152 Legal...Teria mais algum...E assim, isso mais “prá” uma questão de conscientização... **L:** É,
153 conscientização sim **D:**...Prevenção né? “Pro” combate você trabalharia alguma coisa? “Prá”
154 combater é,é, situações que já ocorrem de *bullying* dentro de sala de aula, dentro de uma
155 escola? **L:** Pior que eu não sei nem “comé” que entra com o código penal a respeito disso,
156 porque, “comé”, quem que a gente vai indiciar, eu “num” sei... **D:** Uhum **L:** ...A criança,
157 “comé” que a gente vai indiciar a criança? Eu não sei “comé” que eu vou fazer isso “prá” ter
158 um combate legal a respeito disso... **D:** Uhum **L:** É disso que se trata? Combate legal **D:** Não,
159 não, eu queria saber assim como...**L:** Uma advertência “pro” aluno **D:** É pela su...Nã... **L:** Eu
160 daria uma advertência talvez **D:** Sim, pela sua experiência quais, quais ferramentas e quais
161 mecanismos você enquanto professor... **L:** Advertências, suspensões “pro” aluno que pratica
162 né, assim, é obvio que vai ser pro aluno que pratica **D:** Uhum, certo **L:** Né, porque quando o
163 aluno é muito atropelado nisso, aí sim, ele tá “zoando” demais e tal, é ofendendo demais ali...
164 **D:** Uhum **L:** ...Porque quando é “prá” ele rir, só ele rir, aí ele já “num” “tá” mais ali... **D:**
165 Uhum **L:**...Porque só ele que ri, aí o aluno tá ali sofrendo, “tá” triste ali por uma sei lá, algum
166 tipo de deficiência que ele se identificou, e aí... **D:** Uhum **L:** ...Né? **D:** Sim...Você já... **L:**
167 Que...**D:** Você já...Pode falar, desculpa te interromper **L:** Não, depois eu vejo se eu lembro

168 aqui o que que eu ia falar **D:** Tá **L:** Fale **D:** Você já ouviu falar sobre as testemunhas de
169 *bullying*? **L:** Se eu já ouvi falar? **D:** É **L:** Não **D:** Ou expectadores **L:** Não **D:** Conhece algum
170 tipo? **L:** Eu já vi vídeos assim na internet, alguns, mas não sei se esse nome... **D:** Pelo nome
171 não né? **L:** É, pelo nome não **D:** Mas “cê” consegue identificar por exemplo, em situações de
172 *bullying*, é na sua experiência, alunos que não são nem, é, autores nem são alvos de *bullying*
173 mas presenciam cenas e ficam calados, as vezes riem... **L:** Ah tá... **D:** Às vezes... **L:**
174 ...Testemunhas de *bullying*, entendi o que você “tá” falando **D:** É, nesse sentido **L:** que as
175 vezes o menino é “zoador”, e, “tá” ali, é, ofendendo a outra criança, e os outros só assiste e ri
176 junto... **D:** Isso, exatamente, exatamente! **L:**...Eu acho que isso acontece, né, isso é tema de
177 novela, de filme, tá em tudo quanto é lugar... **D:** Uhum **L:**...A gente vê, a gente brincando
178 entre amigos, um tá zoando o outro e a galera ri junto... **D:** Uhum **L:**...Então isso acontece
179 mesmo, isso é inevitável **D:** Entendi...E você acha que isso é algo que incentiva o *bullying*?
180 **L:** Sim, porque tem plateia **D:** Uhum **L:** Né? **D:** Entendi **L:** Se tiver uma plateia, aí o, o cara
181 que é dito ali o humorista do negócio... **D:** Uhum **L:**...Ele vai querer fazer várias vezes porque
182 ele viu que conseguiu uma “plateiazinha” “prá” ele **D:** Entendi **L:** Então o negócio é não ter
183 plateia “tamém”, a galera tem que parar de aplaudir esse tipo de coisa **D:** Uhum **L:** Que a
184 galera, tipo assim na hora você “num” percebe isso, “cê” só percebe depois que, caramba
185 chegou nesse ponto, a pessoa “tá” depressiva, já não sai do quarto, sei lá tipo isso, entendeu?
186 **D:** Uhum, “tendi”...E como que você enxerga né, como que você lidaria com o autor de
187 *bullying*? O “que que” você percebe desse esse tipo de aluno? **L:** Ele também tem algum tipo
188 de fragilidade, né... **D:** Uhum **L:** ...E...e ele responde de alguma maneira negativa até pra
189 poder esconder o dele “tamém”, talvez seja uma situação, né, e aí, ele não vai ter noção de
190 respeito nenhum, porque ele tá defendendo o defeito dele, então ele mesmo não se respeita
191 porque ele não consegue identificar que todo mundo tem seus defeitos... **D:** Uhum **L:** ...Então
192 ele se esconde na dele tentando zoar o outro, evidenciar a do o outro, eu acho que é mais ou
193 menos por aí **D:** Seria uma forma de se defender de alguma coisa...? **L:** Se esconder
194 “tamém”... **D:** Uhum **L:** ...Se esconder porque ele tem o defeito dele, ele por ter esse defeito
195 não se respeita... **D:** Uhum **L:** ...E aí ele agride o outro, e aí vai só criando uma reação de
196 cadeia **D:** Entendi...E o “que que” “cê” me diria sobre esses casos que são publicados hoje na
197 mídia né, de pessoas que se suicidam por sofrerem *bullying*, ou que voltam às escolas de
198 origem “prá” se vingar de, de autores de *bullying*? **L:** Isso aí...Talvez...da...Pior que quando
199 chega nesse ponto “tamém”...É lógico que a gente não vai aplaudir nenhum dos casos né... **D:**
200 Uhum **L:**...Ah, se a pessoa quis se rebelar contra a atitude da outra pessoa, porque a gente vê
201 isso acontecendo nos outros países, eu não sei aqui, se tem muita notícia espalhando sobre

202 isso, a gente vê assim, o debate acontecendo, eu vejo muito isso, o debate aqui acontece, e
 203 sempre algum “documentáriozinho” com entrevistas, a gente “num”...Se bem que tem aquelas
 204 brigas que acontecem nas rua “Acabou o véi” que não sei o que (risos), aquelas coisinhas que
 205 são brigas que acontecem na rua, que a gente gera piada com aquilo, mas as vezes tem uma
 206 situação muito séria ali **D:** Sim **L:** Né? Mas... Eu acho que “tamém” não teve um apoio
 207 familiar, alguma coisa desse tipo, a família não deu um apoio porque as vezes quando a
 208 pessoa é muito frágil ela precisa de apoio né? **D:** Uhum **L:** Tipo isso, sozinha ela não vai dar
 209 conta de lutar contra isso **D:** Uhum ela vai querer fazer algum tipo de reação e acaba “fazeno”
 210 merda depois, “fazeno”... **D:** Uhum **L:** Coisas erradas **D:** E aproveitar que “cê” falou em
 211 família, qual o papel da família né, no processo educacional, e no, e no processo “tamém”, na
 212 ocorrência do *bullying*, que você percebe?...Teria alguma relação? **L:** Eu acho que a família
 213 ela pode, eu acho que da maneira mais simples é essa, tipo, mostrar que o que as pessoas
 214 falam nem sempre a gente tem que dar valor, sei lá educar sempre repetindo isso, sabe como
 215 exercício diário? **D:** Sim **L:** Que ah, “cê” não precisa dar ouvido a esse tipo de coisa, porque a
 216 pessoa tá falando ali da boca “prá” fora, porque nem sempre é verdade, as pessoas só querem
 217 fazer piada, “zoar” a pessoa, constranger mesmo **D:** Uhum **L:** ...Né, aí você vai ficar dando
 218 valor tudo o que aquelas pessoas dizem né, é basicamente a educação que eu tive “tamém”
 219 tipo ah, não dá valor, “zoa” “tamém”, sei lá né (risos) a gente faz esse tipo de coisa **D:**
 220 Tendi...Tá “Lucas” tem algum outro comentário que você queria deixar, sobre esse assunto?
 221 **L:** Eu acho... “Prá” complementar é isso, eu acho que o, tipo assim a família tem que só
 222 trazer a ideia de que todo mundo faz piada, né, e “prá” não levar nada desse tipo de coisa a
 223 sério, tendeu? Se não tem um argumento, tende a ensinar “prá” criança já essa coisa assim,
 224 que, é, se a pessoa não tem um porque do que ela “tá” falando, nem te conhece, sabe nem teu
 225 nome direito, acho que ela “num”, “num” tem uma opinião concreta sobre você, então “cê”
 226 não pode dar valor aquilo que ela “tá” falando **D:** Uhum Entendi...Tá bom “Lucas”, quero te
 227 agradecer muito pela sua disposição em vir participar, me ajudar aí na minha formação,
 228 e...Você contribuiu muito assim, tem uma, uma, a gente vem né, de uma revisão teórica né, de
 229 pesquisa, de livros, de textos, de mídia sobre o assunto, e é muito interessante “cê” vir na
 230 prática conhecer assim o que os professores lidam né, “comé” que eles pensam, o “que que”
 231 eles conhecem, o “que que” eles acrescentam, e aí é importantíssimo essa coleta de dados
 232 realmente “prá” gente poder, pra enriquecer o nosso trabalho, aí eu só tenho a te agradecer **L:**
 233 Blz, valeu... **D:** Tá bom?! **L:**...Pela oportunidade de tá expondo minha opinião **D:** Brigada
 234 viu?! Prazer! Tchau L: Tchau.

ANEXO III

Entrevista Participante 3

Nome Fictício: Patrícia

Idade: 40 anos

Formação: Geógrafa

Tempo de Docência: 17 anos

Nome fictício da orientadora a qual o entrevistado se refere na entrevista: Kátia

D: Bom Patrícia eu queria saber, é, da sua idade? **P:** Tenho 40 **D:** Quarenta **D:** A sua formação? **P:** Sou Geógrafa **D:** Geógrafa **D:** Seu tempo de docência? **P:** Desde 2001, parei dois anos, são 19, 17 anos **D:** E qual disciplina que você leciona? **P:** Geo...Geografia **D:** E quais são seus alunos? Série, idade? **P:** É, esse ano todos os alunos dos sextos, sétimos anos do período vespertino...São 10 turmas, mais ou menos 300 alunos **D:** E aí por volta o que?...De onze? **P:** Onze, doze anos...Alguns, é, tem 10 completam né, durante o ano, alguns tem 12, completam 13 mais no final do ano, mas 11, 12 anos é a... **D:** Nessa faixa etária né? Tá jóia!!...Bom, então “vamo” começar...É... **D:** O que que você entende por *bullying*? **P:** É...São agressões é, violência verbal, física, psicológica, repetidamente né? **D:** Uhum...Não é uma coisa pontual, aquela coisa que vaii é...todo, todo dia ou toda semana, não é uma coisa específica **D:**Uhum, certo!! **D:** E como você descreveria o *bullying* entre crianças e adolescentes? **P:** Hã...Geralmente se pega pontos fracos que não tá dentro do padrão né, digamos assim, é... Principalmente relacionado ao físico, se a criança é gorda, se a criança tem alguma dificuldade na, na fala, se...Por exemplo, ela tem um cabelo que não tá no padrão “prá” elas, esse tipo de coisa, quando foge um pouquinho mesmo do “que que” eles reconhecem na sociedade como padrão...**D:** Entendi...**D:** É...Em que situações esse *bullying* costuma aparecer? Fora essas que “cê” falou já né? **P:** É...Uhum **D:** Assim, é, situações físicas...Hã...“Seria” situações...Hã...“Comé” que fala...Momentos né, em sala de aula, fora...?? **P:** É, principalmente fora, dentro, dentro de sala de aula, é, é um pouco mais sutil, é mais difícil assim sabe? De, de um adulto perceber porque ele, quem agride se preserva, então não é uma coisa muito escancarada pro adulto não, entre eles é, eles sabem, eles sabem direitinho quem sofre e quem faz, mas fora de sala de aula é mais...É mais claro, é mais evidente **D:** Uhum, entendi! **D:** E me fala um pouco assim das situações de *bullying* que você

34 já vivenciou, se já se deparou e vem se deparando aí na sua experiência...**P:** É...Nossa são
35 tantos casos...É, eu...Durante o ano de 2015 e 2016 eu fui coordenadora numa escola **D:**
36 Uhum **P:** E aí, como acontece um caso em sala de aula e aí passa prá prá gente fica mais fácil
37 porque assim, a rotina do professor é uma loucura, é muito massacrante então as vezes quando
38 o aluno começa a ter coragem de te falar alguma coisa, você já tem que trocar de sala **D:**
39 Uhum **P:** Então até ele conseguir retomar é bem difícil, então mesmo aquele professor que
40 tem sensibilidade, que olha, que escuta, é muito complicado...Você imagina, eu que tenho 300
41 alunos, eu dar conta disso, assim, é tudo, é muito rápido, é muito corrido, então as vezes a
42 gente não tem nenhuma janela quando “cê” percebe alguma coisa, nossa aquela aluna ali não
43 sei não, ela deu um sinal, “cê” não tem uma janela ali de 50 minutos pra chamar aquele aluno
44 e conversar **D:** Uhum **P:** Né, então na coordenação eu consegui enxergar isso com uma
45 amplidão maior **D:** Uhum **P:** Então assim, a gente tem desde casos de um aluno que as vezes
46 ele tem uma “vulnebr”, ele é vulnerável no sentido assim de não ter uma mãe que tem tempo
47 de lavar um uniforme... **D:** Uhum **P:**...De, de um tênis limpinho, aquele aluno ele não
48 recebeu uma educação “Práquilo”, ele chega sujo então ele sofre *bullying*... **D:** Uhum **P:**...É,
49 alunos mais carentes, que as vezes tem uma mochila muito muito rasgada... **D:** Uhum **P:**...Aí
50 tem alguém que comenta, ele já fica agressivo, e aí aquilo se, aí assim se torna uma bola de de
51 neve mesmo né **D:** Uhum **P:**...Então “vamo” lá, relacionado a cor... **D:** Uhum **P:**...Alunos
52 alunos negros sofrem mais, é...Meninas que tem uma opção em usar um cabelo black ,
53 sofrem, mas isso tá mudando muito, elas estão assim bem que “tô nem aí”...**D:** Aham **P:** Sabe,
54 desses 17 anos eu vejo uma mudança muito grande do *bullying* em relação a cor... **D:** Uhum
55 **P:**...e a cabelo...Mas, meninas que tem uma sexualidade mais aflorada e, querem namorar
56 sofrem também... **D:** Uhum **P:**...São tidas como fáceis, putas... **D:** Uhum **P:**...É, então tem
57 muitos recados “escrito” a elas no banheiro, carteira, e aí parece que elas reforçam ainda
58 mais... **D:** Uhum **P:**...Que é uma forma de defesa mesmo **D:** Sim **P:**...Que quem sofre
59 *bullying* faz muito isso, parece que a única forma de defesa que tem ou é se encolher ou é
60 reforçar aquela **D:** Uhum **P:**...Aquele violência mesmo sabe? É um reforço, eu percebo
61 isso...É... **P:** “Xôver” aqui... É...Crianças obesas também sofrem muito, essas crianças se
62 tornam ainda mais caladas, não tem um reforço, de brigar mesmo, não tem **D:** Se defender né?
63 **P:** Não... **D:** Uhum **P:**...São mais, são mais retraídas **D:** Uhum **P:** Ah, eu vou lembrando **D:**
64 Tá, se “cê” quiser ir falando depois também...**P:** Tá, tá bom **D:**...Não tem problema tá? **P:**
65 Uhum **D:** Então essas são as situações que “cê” já se deparou né? **P:** São mais comuns **D:**
66 “Comé” que você lidou com elas? **P:** Ai, pois é, enquanto professora... **D:** Hum **P:**...Eu achei
67 bem mais difícil por essa questão de tempo assim, que a rotina engole a gente né? E vem

68 prova e vem que “cê” te que dar é...Conteúdo de qualquer forma, mas, é, em alguns
69 momentos a gente conseguiu fazer algumas reflexões pontuais **D:** Uhum **P:** É...Eu trabalhei
70 alguns anos com uma história em quadrinhos da turma da Mônica que tratava sobre isso... **D:**
71 Uhum **P:** ..Sobre *bullying*, em crianças de sextos anos que são mais sensíveis a esse tipo
72 de...De...Visualização ali mais práticas, histórias em quadrinhos, é uma abordagem mais, mais
73 fácil né? **D:** Uhum **P:** Com os maiores, oitavo e nono ano, eu achei bem mais complicado,
74 “Ai professora *bullying* de novo?!”... **D:** Uhum **P:**...Sabe? Mais com textos, vídeos, é...Mas
75 muitos casos quando eu achava mais grave eu, eu passava “prá” coordenação... **D:** Uhum
76 **P:**...A coordenação fazias alguns trabalhos né? E eu percebi que as mulheres sofrem mais...
77 **D:** Uhum **P:** ...Não sei se é por eu ser mulher e ficar um pouco mais sensível a isso, por
78 exemplo as meninas gordinhas sofrem mais que os meninos gordinhos **D:** Entendi **P:** É...E
79 assim não sei, eu achei que elas tem mais medo de falar, mas as meninas parece que também
80 praticam mais *bullying* também **D:** Uhum...Então elas “tão”, elas, elas estão mais envolvidas
81 enquanto autora e alvo? **P:** Isso **D:** Uhum **P:** Eu senti isso **D:** Entendi...E aí enquanto
82 professora, você, essa história, esse quadrinho tudo em sala de aula que “cê” fazia
83 intervenções... **P:** Em sala de aula, era uma reflexão **D:** ...Prá falar sobre o assunto, né?
84 Conversar, “comé” que era? **P:** É pra ver se eles conseguiam falar... **D:** Uhum **P:**...Né? Teve
85 um caso assim que foi uma história de *bullying* muito muito referente que a mãe, a mãe, que
86 eles falaram que a mãe era prostituta e aí tava refletindo no menino, e aí eu fui abordar isso e
87 “acabou” saindo outras coisas... **D:** Uhum **P:**...Assim, tinha alunos que xingavam muito em
88 sala de aula determinados alunos, a sala inteira tava meio que envolvida “naquilo” e ninguém
89 sabia... **D:** Uhum **P:** ...E por causa de uma história em quadrinhos isso veio, veio à tona
90 assim, o aluno xingava muito muito alguns colegas e ninguém falava nada, parece que aquilo
91 se cristalizou ali e ficou como uma coisa normal mas por causa dessa história em quadrinhos
92 que envolvia *bullying* isso veio, veio à tona **D:** Uhum **P:** Então assim, o meu foco era um e eu
93 acabei vendo que “tinha” coisas muito mais sérias, muito mais profundas que ninguém sabia
94 **D:** Uhum...Aí outros casos você fez algum encaminhamento? **P:** Todos os casos **D:** Tá **P:**
95 Todos os casos **D:** Dentro da própria escola? **P:** Sim, dentro da própria escola **P:** Ah,
96 lembrando que desde 2014 que eu estou na secretaria, até então eu trabalhava em escolas
97 particulares, principalmente católicas... **D:** Uhum **P:** ...E são comuns também **D:** “Tendi”...E
98 como coordenadora você se sentiu mais é, mais apta a lidar com o assunto? Teve mais
99 ferramentas? **P:** Ai foi bem mais tranquilo...Por que? Eu focava numa sala específica que o
100 caso tava pior né? E, e assim “vamo”, “vamo” supor que o caso é porque “começa” algumas
101 brincadeiras porque a criança é gorda...**D:** Uhum **P:**...De repente assim, se perde, já nem se

102 sabe mais porque que tá fazendo *bullying*, vem outras coisas, é muito, é muito esquisito como
 103 o *bullying* ele vai se encaminhando mesmo **D:** Uhum **P:** E aí eu pegava alguns professores
 104 que tem uma disponibilidade maior, por exemplo PD, “prá” trabalhar isso, então assim ficava
 105 semanas só trabalhando essa, essa questão de *bullying* mesmo, aí eu via resultado **D:** Uhum **P:**
 106 Sabe? Via mesmo...E aí eles ficavam meio que desconfiados quando fica claro que quem
 107 provoca o *bullying* muitas vezes é muito agredido também, em outros ambientes né? **D:**
 108 Uhum **P:** Então eles se sentem assim “Opa eu não sou o fortão” né? Aquilo não fica como
 109 força mais **D:** Sim **P:** Perde a força né? **D:** Uhum **P:** Então como coordenadora foi bem mais,
 110 mais abrangente, mais profundo, mais...**D:** Uhum **P:** ...Tranquilo mesmo **D:** Quais, quais
 111 ambientes seriam esses? **P:** Pátio, principalmente horário do intervalo... **D:** Não, eu digo os
 112 ambientes que...o...Os agressores também eram, perdiam essa força né, você falou que eles
 113 também eram agredidos em outros ambientes **P:** Principalmente em casa... **D:** Uhum **P:**...Né?
 114 Às vezes sofre alguma...Violência...De um tio, de uma mãe, de um pai, na própria rua... **D:**
 115 Aham **P:**...Tem ambiente que ele não é o forte, então ele tem que... **D:** Entendi **P:** Em algum
 116 lugar ele vai... **D:** Compensar alguma coisa **P:** Ele vai compensar **D:** Entendi...Hã...Na sua
 117 opinião né “comé” que você justificaria a ocorrência do *bullying* no ambiente escolar? Algo
 118 justificaria? E se teria alguma justificativa, o que seria? **P:** Ah, isso é uma né?... **D:** Uhum **P:**
 119 ...Geralmente quem pratica já sofreu **D:** Aham **P:** ...Talvez enquanto mais novinho, na própria
 120 escola, não precisa ser só fora da escola, assim se a gente pegar o histórico, a gente vê que não
 121 é uma coisa que nasce do nada, “Ah eu vou ser violento agora”... **D:** Uhum **P:** ...“Eu vou
 122 sempre bater”, não, em algum momento da escola aquele aluno passou é, pelo *bullying*
 123 também ou por algum tipo de violência também **D:** Uhum, tá! – Pausa na entrevista – **D:**
 124 Bom...Aí “Patrícia” eu gostaria que você falasse um pouquinho mais né “comé” que você
 125 lidou com essas situações de *bullying*, é, no sentido de que você tava comentando né, como
 126 coordenadora você achou mais viabilidade de atuar, mas enquanto professora algumas,
 127 algumas limitações né, de tempo, que você tava falando... **P:** É, princi...É... **D:**...Queria que
 128 “cê” continuasse um pouco dessa parte **P:** Principalmente pela falta de tempo mesmo porque,
 129 o espaço e o tempo de escuta... **D:** Uhum **P:**...Enquanto professora, ele é muito restrito **D:**
 130 Uhum **P:** Né, Ele... A gente praticamente não tem, assim, quando a gente faz, por exemplo eu
 131 tiro muito aluno de sala, se eu vejo que tá acontecendo alguma coisa, eu levo né, “Porque
 132 você não tá fazendo isso?”, “Porque que “cê” tá chorando?”, os alunos choram muito né? **D:**
 133 Uhum **P:** E, mas assim, é, não é uma coisa tranquila, porque você escuta a sala de aula aluno
 134 gritando, “cê” não pode deixar menino sozinho de 11, 12 anos, é muito complicado... **D:**
 135 Uhum **P:**...Então esse momento de escuta a gente praticamente não tem, a gente inventa, a

136 gente dá um jeito, mas assim, é muito limitado, são minutos, agora enquanto coordenadora, eu
 137 podia fechar uma porta, sentar a criança, olhar no olho dela sentada, porque se você ver o
 138 pátio, a gente mal tem banco... **D:** Uhum **P:**...“Prá” sentar o menino, sala então?! Nossa!!
 139 Olha, olha esse ambiente que a “Kátia” que é a orientadora tem né, então assim, é bem, bem
 140 complicado mesmo, “pro” professor, muito mais... **D:** Uhum **P:**...Né, então enquanto
 141 coordenadora eu, até por ter uma, muito tempo de sala de aula né... **D:** Uhum **P:**...Então “cê”
 142 já tem um certo traquejo, de conseguir escutar, então assim é bem mais tranquilo mesmo **D:**
 143 Entendi...Tá, e aí a gente “tava” conversando “tamém” sobre, na sua opinião o que justificaria
 144 a ocorrência do *bullying* né, e aí você citou a, a respeito daquele aluno que sofreu *bullying* e
 145 “tamém” começa a praticar, e que em algumas situações ele, ele perde um pouco o poder né,
 146 que, em casa, ele é agredido em casa, não sei, “cê” tava falando um pouquinho sobre isso **P:**
 147 É, Ou foi agredido em algum momento né? **D:** Ou foi agredido **P:** As vezes aquela criança
 148 carrega, alguma marca de violência né, que de alguma forma ele põe ali prá, prá fora
 149 agredindo outra né? **D:** Uhum **P:** E aí, assim, quando a gente descobre, o negócio geralmente
 150 tá muito sério e aí fica, as vezes fica até complicado a gente identificar quem tá sofrendo e
 151 quem tá provocando... **D:** Uhum **P:**...Porque quem sofre *bullying*, quando a gente descobre
 152 muitas vezes o negócio tá tão sério, que aquela criança já tá muito violenta, ela bate as vezes
 153 né, até porque, assim, num dá pra gente padronizar tudo... **D:** Uhum **P:**...Tem aquele *bullying*
 154 de filme, né, que é aquela criança totalmente retraída, que chora sozinha, que escreve suas
 155 mágoas, mas na realidade é de uma diversidade incrível **D:** Uhum **P:**...Então, as vezes quem
 156 “tá” sofrendo *bullying* “tá” provocando ao mesmo tempo... **D:** Uhum **P:**...Então assim, é bem
 157 complicado, e as vezes a gente descobre por conta de uma outra situação, rolou alguma
 158 fofoca, a pessoa se envolve... **D:** Uhum **P:**...Aí você vai esmiuçando... Quando o orientador é
 159 bom numa escola é bem mais fácil, orientador tem um “time” legal sabe assim, começa
 160 alguma confusão, uma briga, e vai descobrindo... **D:** Uhum **P:**...A teia... **D:** Uhum **P:**...Que
 161 leva até a origem né... **D:** Sim **P:** ...Então assim, é bem complexo... **D:** Uhum **P:**...Bem
 162 complexo, eu acho assim um desafio impressionante “prá” escola hoje... **D:** Uhum **P:**...Ter
 163 essa sensibilidade, esse olhar, esse “time”, o tempo... **D:** Uhum **P:** ...“Prá” conseguir enxergar
 164 esses casos **D:** Uhum...Hã...”Comé” que vocês lidam com esse fenômeno na sua escola? **P:**
 165 Eu entrei aqui esse ano, então assim eu “tô”, “tô meio que sentindo a escola ainda né **D:**
 166 Aham **P:** É, em relação às outras escolas eu tenho sentido menos, não sei se é porque eu sou
 167 nova, mas assim, eu vejo alunos, alunos muito carinhosos com os professores, coordenadores,
 168 assim bem mesmo sabe, são alunos que abraçam, que beijam... **D:** Uhum **P:**...Então como eles
 169 tem essa proximidade, não todos, então eu acredito que quando surge algum caso alguém vai

170 e conta, porque menino conta mesmo né... **D:** Uhum **P:** ...Então as vezes nem é quem tá
171 sofrendo que conta, é outra né, um colega e tal...**D:** Sim **P:**...Então as vezes os casos estão
172 sendo vistos mais cedo, eu não cuidei de nenhum caso de *bullying* aqui, cuidei de vários
173 casos né, briga, violência verbal, física, mas eu não consegui enxergar ainda como *bullying*...
174 **D:** Uhum **P:**...Talvez até por essa correria aqui que eu te disse, eu nunca fui coordenadora
175 aqui, eu nunca tive uma janela aqui, são seis aulas, todos os dias **D:** Uhum **P:**...Né, cinco dias,
176 então não consegui perceber nada, então assim, eu vi alguma coisa de murais de uma certa
177 campanha, das crianças até o quinto ano, do sexto ao sétimo ano a tarde eu não vi nada ainda
178 **D:** Uhum **P:**...Então assim, certamente tem viu?!... **D:** Uhum **P:**...Certamente, mas eu “num”,
179 ainda não trabalhei assim, concretamente, as vezes algum colega meu faz algum trabalho **D:**
180 Uhum **P:** Percebeu alguma coisa e fez, mas comigo não **D:** Enquanto equipe escolar tem
181 algum...? **P:** De sexto a sétimo ano não, mas eu vi no fundamental 1 né?... **D:** Uhum **P:**...Que
182 até o quinto ano eu vi, cartazes, eu vi conversas sobre isso **D:** Uhum...Certo! Você acha que, é,
183 isso deveria ser abordado na formação do professor, no modelo de formação continuada? **P:**
184 Todo dia, sempre, o tempo todo né, não tem nem o que... **D:** É um assunto que falta, eu quis
185 dizer isso, é um assunto que falta um pouco na formação do professor **P:** Falta, falta muito né,
186 como outras coisas assim, falta um, um traquejo assim, falta um, algo mais concreto de como
187 lidar, porque saber o que é a gente sabe, mas é como eu te disse assim conseguir visualizar e
188 conseguir descobrir, acertar a teia né... **D:** Uhum **P:** ...De quem provoca, “quem que” tá junto,
189 “quem que” ajuda... **D:** Uhum **P:**...Isso falta uma coisa mais prática sabe, mais concreta
190 mesmo de como lidar, falta muito **D:** Uhum, entendi...É, quais são os maiores desafios né, na
191 abordagem do *bullying*? “Cê” citou alguns aí, que é essa identificação né, de onde ele surgiu,
192 de quem “tá” atrelado...Mas teria algum outro tipo de desafio na sua experiência? **P:** É a
193 comunicação, **D:** Uhum **P:** ...Principalmente, como, como trabalhar isso, porque não adianta
194 você “vim” com discurso moralista prá menino, porque não resolve, “Ó isso é errado”, não,
195 tem que, acho que tem ter uma linguagem muito assertiva sabe, Por que “que quem” está
196 promovendo *bullying* promove? Por que “que quem” aceita o *bullying* aceita? Por que “que
197 quem” sofre o *bullying* provoca *bullying*? assim, e de uma conversa muito aberta... **D:** Uhum
198 **P:** ...Sem moralismo sabe, sem sermão, porque isso não resolve, não adianta **D:** Aí você falou
199 dessas pessoas que...Hã...Que olham o *bullying* e aceitam né, a gente costuma chamá-las de
200 testemunhas ou expectadores né, “cê” consegue identificar a ação desses alunos nesse papel, e
201 qual seria o papel deles no *bullying*? **P:** Sim, a gente consegue né, quando tá, quando
202 realmente a gente tem uma orientação boa né... **D:** Uhum **P:**...Que consegue identificar
203 mesmo, é...É bem um desafio né, por que que essas crianças aceitam isso, as vezes até por

204 medo né?... **D:** Uhum **P:**...Medo de perder, eles têm muito medo de perder amigo, de por
 205 exemplo, as vezes a criança quer fazer alguma coisa, ou não quer fazer, mas tem todo, tem os
 206 olhares né... **D:** Sim **P:**...Eles tem muito, tem essa coisa mesmo de perder assim os pares, eu
 207 acho que eu nunca parei muito “prá” pensar... **D:** Uhum **P:** ...Sobre esses atores aí **D:** Sim...É,
 208 no caso dessas testemunhas né, expectadores, “cê” acha que eles contribuem “prá” ocorrência
 209 do *bullying*? **P:** Contribuem né, contribuem, sem dúvida, ele tem público né, quem provoca o
 210 *bullying* muitas vezes ele quer aparecer mesmo, é uma questão de autoafirmação, se tem
 211 público **D:** Uhum, certo!...E com os autores de *bullying*, “comé” que você lida com eles, o
 212 “que que” “cê” pensa sobre eles? **P:** A conversa individual né assim, uma conversa contínua,
 213 é, de sensibilizar porque assim, quando eu trabalhei mais ativamente com *bullying* eu percebia
 214 que o trabalho com a orientação era muito de sensibilização... **D:** Uhum **P:**...Dessa criança
 215 parar de olhar “pro” outro e conseguir olhar “prá” si, o “que que tá”, o “que que tá”
 216 bagunçado dentro de si que é importante fazer isso com alguém... **D:** Uhum **P:**...Com o
 217 colega, e aí quando isso né, que dá aquele “click” e a criança percebe o “que que” ela ‘tá’
 218 fazendo, aí geralmente choram muito, de início não, de início são muito sisudos né, muito
 219 fortes, aí quando tem realmente esse “start” assim do “que que” “tá” acontecendo, aí acontece
 220 a sensibilização, né, acontece o choro, aí é esse momento que você consegue chamar a
 221 família, se chamar a família quando a criança tá muito assim, muito fechada, “num” consegue
 222 ver... **D:** Uhum **P:** ...Ver o...é...o...Ver-se no outro, aquela questão da... **D:** Se perceber **P:**
 223 ...Autoridade mesmo né... **D:** Aham **P:** ...É difícil você colocar um, a família junto ali né,
 224 depois não, aí depois vem parece que até um certo alívio... **D:** Uhum **P:** ...Sabe? **D:** “Cê” acha
 225 que tem alguma relação é, da família com a ocorrência do *bullying*? **P:** Nem sempre, né... **D:**
 226 Uhum **P:** ...Famílias que conversam pouco, é mais fácil “vê”, e a gente vê muito isso porque
 227 os pais trabalham demais, geralmente são famílias é, disfuncionais né... **D:** Uhum **P:** ...Que, é,
 228 são filhos de vários pais, é, moram com uma tia, moram com o avô, todo mundo trabalha
 229 muito, é, essas famílias, elas não tem tempo de conversar, não tem tempo de se ver, **D:** Uhum
 230 **P:** então, não é comum, por exemplo eu não vi casos de *bullying* em família que a mãe
 231 consegue manter um diálogo, o pai... **D:** Uhum **P:**...Né, que é um canal aberto... **D:** Sim
 232 **P:**...Né, eu não consegui, geralmente acontece assim, quando não há uma conversa mesmo **D:**
 233 Uhum, Entendi!...Hã...Se você fosse criar algum programa “prá” lidar com os eventos de
 234 *bullying* no contexto escolar, o “que que” você faria? **P:** Ah sem dúvida nenhuma seria na
 235 linha de comunicação não, não violenta, cultura de paz, seria nesse sentido, que é uma
 236 linguagem que a gente não tem na escola, a gente não tem, a gente não tem formação, não tem
 237 formadores nessa linha, e assim, a linguagem que a gente tem na escola no Brasil é altamente

238 violenta, ela é muito violenta, ela é toda baseada na, na punição, é, o nosso álibi, é sempre
 239 muito violento... **D:** Uhum **P:**...Né, a nota, ela agride muito a criança que tem muita
 240 dificuldade de, de ler, de escrever, o menino não tá entendendo o que tá acontecendo mesmo...
 241 **D:** Uhum **P:**...Então tudo o que acontece na escola, é, ela vai no caminho da violência, o
 242 nosso discurso é muito violento... **D:** Uhum **P:** ...Então seria, seria assim uma mudança de
 243 paradigma, uma mudança de olhar mesmo, sabe, de como enxergar o outro, enxergar a escola,
 244 enxergar conhecimento, sabe, seria na linha da comunicação não, não violenta e na cultura de
 245 paz... **D:** Uhum **P:**...Que a Unesco solta assim o tempo todo né, a importância disso, as
 246 escolas muito pontuais que conseguiram ir por esse caminho, é, “teve” um salto de
 247 aprendizagem impressionante, inclusive países... **D:** Sim **P:** ...Como escolas no Brasil mesmo
 248 **D:** Uhum...Não só pela questão do *bullying* mas numa educação como um todo né? **P:** É,
 249 porque o *bullying*... **D:**...Na aprendizagem como um todo **P:** ...O *bullying* não é sozinho né?...
 250 **D:** Sim **P:**...A violência ela nunca, ela nunca é isolada né... **D:** Uhum **P:** Assim como a paz né,
 251 a paz ela traz... **D:** Verdade **P:**...Ela traz um monte de “coisa” junto **D:** E “cê” acha que tem
 252 alguma é, uma herança cultural, social né, como você falou, que acaba sendo replicada um
 253 pouco... **P:** Ah é **D:** ...Nas escolas **P:** É, a gente tem um ranço né? Até levando “prá”, “prá”
 254 questão política mesmo hoje que a gente vê, a gente, a gente tem muitos casos né de mães e
 255 mulheres que sofrem violência em casa assim de uma maneira muito cruel, e as meninas
 256 também, e os meninos também **D:** Uhum **P:**...E eles tem um...é...um discurso altamente
 257 machista, as mães que sofreram violência tem um discurso muito machista com as filhas... **D:**
 258 Uhum **P:**...Então assim a gente carrega muito isso né... **D:** Sim **P:**...Num é, num é por acaso...
 259 **D:** Uhum **P:**...Né, que, que, que a gente é o país onde mais se mata mulheres né, num, nada
 260 é... **D:** Não vem do nada né? **P:** Não vem do nada, é tudo, é construído mesmo... **D:** Sim!
 261 **P:**...A nossa violência escolar ela é construída **D:** Uhum, entendi!...Hã...Bom, “cê” falou um
 262 pouquinho do autor do *bullying* né, e, não sei se você já, finalizou sua fala sobre isso, mas,
 263 queria saber come que vc compreende esse autor né, porque que ele chega a ser um autor de
 264 *bullying*? É... **P:** É essa construção mesmo... **D:** Uhum, entendi **P:**...Né, vem de famílias
 265 muito desorganizadas as vezes né... **D:** Sim **P:**...Que a gente fala de...É, porque as vezes a
 266 família ela é desorganizada no sentido que a gente tem na nossa cabeça de família
 267 “redondinha”... **D:** Uhum **P:**...Mas é uma família que “se conversa” né... **D:** Uhum **P:**...Às
 268 vezes aquela família tem 2 filhos de uma mãe, 3 filhos de um pai, mora ali junto o sobrinho,
 269 mora o, a mãe é, a mãe da, da mãe, o pai do pai, mas existe uma conversa né... **D:** Uhum **P:**
 270 ..Tem uma, tem um canal aberto **D:** “Tendi” **P:** ...Né, e não há um histórico de violência,
 271 históricos de violências na família, eu vejo que é mais comum... **D:** Uhum **P:** ...E para quem

272 sofre também, quando tem um histórico de violência “prá” quem sofre é mais difícil também
 273 da gente descobrir, porque, entra “num” padrão mesmo né, aquela criança entra num padrão
 274 ali, ela tem violência em casa, ela tem violência na, na escola, a vida é assim, e pronto e
 275 acabou! **D:** Você fala de sofrer violência? **P:** É! **D:** Sofre em casa e sofre na escola? **P:** É! **D:**
 276 Entendi! **P:** Então a vida é assim “práquela” criança e tudo bem, ponto final! Agora se você
 277 tem uma casa que tem um canal aberto, de conversa... **D:** Uhum **P:**...E aquela criança sofre,
 278 provavelmente a mãe virá a escola porque a criança conseguiu dar alguma pista... **D:** Uhum
 279 **P:**...Do “que que” “tá” acontecendo. Quando a família vem, aí fica muito mais fácil, “cê” já
 280 tem mais, é...é...como, como chegar... **D:** Uhum **P:** ...Até né... **D:** Sim **P:**...Esse autor **D:**
 281 Entendi...E, “Patrícia” o “que que” “cê” me falaria desses casos né, que a gente tem
 282 acompanhado aí na mídia sobre *bullying* né de, de pessoas que chegam a se suicidar por conta
 283 do *bullying* e, e pessoas “tamém” que chegam a voltar “nas” suas escolas de origem para “se
 284 vingar” né, do *bullying* que “sofreu”? **P:** Nossa eu acho tão difícil isso, por exemplo algumas
 285 pessoas me perguntam se eu já vi tal filme e tal eu tenho muita dificuldade assim **D:** Aham **P:**
 286 É...Professor carrega algumas culpas... **D:** Uhum **P:** ...Sabe, eu tenho, por exemplo aluno que
 287 foi assassinado “de frente a escola”, que a gente já tava tentando um resgate assim... **D:** Uhum
 288 **P:**...Há muito tempo, e aí parece que “cê” não fez nada, por exemplo, cada aluna “de escola
 289 que eu tô” que aparece grávida, 13 anos, 14 anos, é, eu me sinto culpada, “prá” mim eu não
 290 fiz o meu, o meu trabalho... **D:** Uhum **P:**...Então parece que quando eu vejo eu “tô”, eu “tô”
 291 colocando mais bagagem aí nessa culpa, porque é o extremo né, porque aquela criança
 292 certamente ela não quer tirar a vida né, ela quer, ela quer ser salva de uma dor, sei lá o “que
 293 que” é... **D:** Uhum **P:** ...Então assim, é tão extremo, é tão real né, nunca aconteceu isso em
 294 nenhuma escola que eu trabalhei mas, é o extremo, eu sinto muita dificuldade “de” falar disso
 295 **D:** Uhum, entendi...Tá bom, bom, o meu roteiro né se encerra por aqui, queria saber se você
 296 tem algum comentário, alguma outra questão que você queria colocar sobre o *bullying*, esse é
 297 o espaço **P:** É...Não, é isso mesmo né? Que, a gente tem que entender “prá” conseguir
 298 enfrentar né, quanto mais a gente falar sobre isso... **D:** Uhum **P:**...Mais forte, o inverso disso
 299 será... **D:** Uhum **P:**...Né? E temos muito, muito a caminhar, estudar no Brasil e trabalhar com
 300 educação no Brasil é ruim demais, muito ruim, né, a gente “tá” aqui, tá firme porque a gente
 301 acredita e tal mas, não, “cê” pode ver que a nossa, a nossa escola né, eu acho que as escolas
 302 parecem prisões, né... **D:** Uhum **P:**...Tem que ter grade, tudo tem que ser trancado... **D:** Uhum
 303 **P:**...Não é um ambiente acolhedor, não é um ambiente que, que a maioria da, das crianças
 304 querem, querem estar, todos os dias quando toca o sinal para ir embora eu fico muito mal,
 305 porque sai as crianças assim parecendo que, parecendo animais mesmo, correndo feito loucos,

306 “Oba, eu tô livre”... **D:** Uhum **P:** ...Né? E escola não é “prá” isso né? Escola é “prá” ser feliz
307 **D:** “Cabô” por hoje né? **P:** É...Escola é “prá” ser feliz, e... **D:** Sim **P:** ...E a gente carrega né,
308 uma, essa falta de prazer né... **D:** Uhum **P:** ...Tanto eles quanto a gente “carrega”, se não fosse
309 assim o *bullying* seria bem menor, né? Eu acredito que os países que conseguem deixar a
310 escola, mais prazerosas, mais né, onde as crianças conseguem aprender, porque isso, nem isso
311 a gente não consegue, as crianças não estão aprendendo né, vão fazer testes aí, provas, a gente
312 vê índices horríveis, então eu acredito que se fosse um lugar realmente de felicidade, de
313 crescimento... **D:** Uhum **P:**...A gente nem, falaria muito pouco ou nem falaria sobre
314 *bullying*... **D:** Entendi **P:**.. ..É isso **D:** Entendi **D:** Tá bom “Patrícia”, te agradeço aí pela sua
315 participação, colaboração, foi bem rica, né, a gente estuda algumas, algumas literaturas pra
316 chegar até as entrevistas, chegar até quem realmente lida com os fatos, com as soluções e com
317 os problemas, na ponta, no dia a dia, no cotidiano, e é muito interessante ver que algumas
318 coisas realmente são, é, verdadeiras, enquanto pesquisa, enquanto resultados, algumas coisas
319 ainda precisam ser mais, elaboradas, mais trabalhadas, estudadas, como você tá falando,
320 conversar mais “sobre” né? É muito interessante, e é preciso falar “sobre”, né? Então só tenho
321 a te agradecer mesmo por colaborar... **P:** Tá bom!! **D:** ...Assim, para a temática e para a minha
322 formação!! **P:** Tá bom **D:** Nós seremos colegas aí né, de... **P:** Certamente **D:** ...de trabalho
323 né? A gente lida com ser humano, então... **P:** É **D:** São questões difíceis, são questões que
324 tocam a gente mesmo... **P:** É, é muito difícil **D:**...A gente se sente responsável, a gente se
325 sente, cuidar do ser humano né, em qualquer situação, seja médico, seja professor, seja
326 assistente social exige muito de nós mesmos, nós também somos seres humanos, temos
327 questões que são... **P:** É **D:**...Que são tocadas ali quando você tá de frente pro outro né? E é
328 muito bom ver essa sua dedicação né, o quanto você é empenhada, o quanto você se dedica, e,
329 até se emociona com algumas coisas né, você vê a, a verdade do seu trabalho **P:** É, então é
330 isso mesmo **D:** Então, só te agradecer tá? **P:** Tá bom, muito obrigada **D:** Foi um prazer
331 conhecer você!!

ANEXO IV**PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CEP/UNICEUB**

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA

Pesquisador: Ilsimara Moraes da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92890418.2.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.799.799

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa cujo objetivo é "contribuir para o enriquecimento das discussões acerca do bullying".

A pesquisadora esclarece que "este projeto de pesquisa tem enfoque na pesquisa qualitativa, que se propõe a responder questões particulares, trabalhando com o universo dos significados, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2015). A fim de investigar o tema proposto, será utilizado o método fenomenológico de pesquisa conforme o modelo proposto por Giorgi (1985). (...) A coleta dos dados se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, conforme roteiro pré-estabelecido (Apêndice B)".

A pesquisadora explica que a "pesquisa será realizada por meio de amostra por conveniência, sendo os participantes 3 professores voluntários, pertencentes a rede de contatos da pesquisadora assistente, que se disponibilizem a colaborar com o estudo e que estejam ativos em sua profissão, em escolas públicas ou privadas, no ensino fundamental II ou ensino médio no DF. A seleção desses professores se dará após conversa da pesquisadora assistente com o possível interessado que concorde em participar do estudo. As entrevistas serão realizadas na residência dos participantes ou em local público à combinar, conforme conveniência para os participantes do estudo".

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 2.799.799

Pela metodologia de análise de dados proposta a ser utilizada "as informações obtidas nas entrevistas serão analisadas conforme a proposta de Giorgi (1985) que trabalha com a descrição das entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno seguindo com quatro passos (ANDRADE; HOLANDA, 2010). O primeiro passo chama-se "sentido do todo", que consiste na leitura da descrição completa da entrevista a fim de alcançar o sentido geral do todo. Importante a compreensão global da linguagem de quem descreve, sem tentativa de identificar as unidades significativas. O segundo passo é a discriminação de unidades significativas com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno que é pesquisado. Nessa etapa, o pesquisador após ter apreendido o sentido do todo, fará a releitura dos dados construídos, quantas vezes for necessário, a fim de discriminar as unidades de sentido na perspectiva psicológica. Já o terceiro passo, consiste na transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno que está sendo investigado. E por último, o quarto passo busca a síntese das unidades significativas transformadoras em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado. Trata-se de um resumo das unidades significativas que resultam em uma declaração da significação psicológica dos fenômenos observados em relação a experiência do sujeito (ANDRADE; HOLANDA, 2010)".

Participarão da pesquisa 3 professores.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário da pesquisa é "discutir o bullying escolar entre adolescentes na visão de professores, na perspectiva da Gestalt-terapia".

Os objetivos secundários são:

- a) "Identificar os diferentes tipos de bullying; Analisar o fenômeno compreendendo a vítima, o agressor e as testemunhas;"
- b) "Analisar como o professor percebe e lida com o bullying entre adolescentes."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora assevera que "o presente estudo apresenta risco médio, tendo em vista que as entrevistas podem mobilizar conteúdos emocionais dos participantes. Destaca-se que o participante poderá desistir a qualquer momento da entrevista, caso sinta necessidade, sem nenhum prejuízo".

Entende que a pesquisa representará "contribuição para os conhecimentos da psicologia e para os demais envolvidos com o assunto (educadores, pais, jovens e sociedade), com vistas a entender,

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 2.799.799

trabalhar, conviver, atuar e prevenir as práticas de bullying abordando sua dimensão multifatorial. Para além disso, a realização do estudo previsto nesse projeto oportunizará experiências geradoras de novos conhecimentos aos participantes e envolvidos no estudo, contribuirá para o campo da psicologia e para a formação acadêmica da pesquisadora".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta de pesquisa, o método de coleta de dados e o instrumento de coleta de dados não afrontam princípios éticos que impeçam a sua realização.

A análise do projeto permite compreender o objetivo desejado pela pesquisa.

O currículo da pesquisadora principal comprova experiência na área.

A pesquisa é de baixo custo, com financiamento próprio.

O calendário de execução do projeto está em conformidade com os prazos mínimos de tramitação neste CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos mínimos exigidos apresentados:

- a Folha de Rosto (FR) está em conformidade com as exigências normativas.
- as Informações Básicas do Projeto estão completas.
- o TCLE está em conformidade com as exigências deste CEP.
- foi juntado o roteiro de entrevista que será aplicado para os participantes. (professores).
- O calendário de execução do projeto está em conformidade com os prazos mínimos de tramitação neste CEP.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 2.799.799

II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa encontra-se apta a iniciar a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 2.779.325/18, tendo sido homologado na 13ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano, em 27 de julho de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1172228.pdf	03/07/2018 16:35:22		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_DaniellaSantiago.docx	03/07/2018 16:31:54	Ilsimara Moraes da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado_DaniellaSantiago.pdf	03/07/2018 16:31:02	Ilsimara Moraes da Silva	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoDaniellaSantiago.pdf	03/07/2018 16:26:10	Ilsimara Moraes da Silva	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 2.799.799

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 03 de Agosto de 2018

Assinado por:

Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador)

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br